

THAYNARA TANGANELLI DE OLIVEIRA

**A falácia da higienização racial:
uma análise dos cartazes antissemitas Nazistas
sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)**

ASSIS

2023

THAYNARA TANGANELLI DE OLIVEIRA

**A falácia da higienização racial:
uma análise dos cartazes antisemitas Nazistas
sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gião Bortolotti

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

O48f Oliveira, Thaynara Tanganelli de
A falácia da higienização racial : uma análise dos cartazes antissemitas nazistas sob a perspectiva arendtiana (1939-1944) / Thaynara Tanganelli de Oliveira. — Assis, 2023
113 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Ricardo Gião Bortolotti

1. Nazismo. 2. Propaganda. 3. Cartazes. 4. Arendt, Hannah, 1906-1975. I. Título.

CDD 943.086

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A falácia da higienização racial: uma análise dos cartazes antissemitas Nazistas sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)

AUTORA: THAYNARA TANGANELLI DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: RICARDO GIÃO BORTOLOTTI

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em História, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. JOÃO ARTHUR CICILIATO FRANZOLIN (Participação Virtual)
Departamento de História / Europa-Universitat Flensburg

Assis, 02 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

O Brasil inicia, em 2023, um processo de libertação. A educação brasileira, que viveu nos últimos quatro anos um projeto de destruição, voltará a ver no horizonte o alvorecer dos estímulos que merece. Entre 2018 e 2022, vivemos um período de obscurantismo, de corte de verbas, de ataques constantes e infundados às Universidades. Acusados de balbúrdia, aqueles que fazem ciência lutaram bravamente e não desistiram por amor ao ofício.

Pensar a História, por si só, é sempre um desafio. Pensar a História do Nazismo e do Holocausto em meio à pandemia do Covid-19, durante um governo negacionista, genocida e com ares fascistas, é um ato de resistência. Mas resistir deve ser, sempre, um caminho coletivo, de mãos dadas com aqueles que compartilham de ideais semelhantes. Assim, não posso deixar de reconhecer a importância de quem resistiu ao meu lado, e de agradecer às pessoas que contribuíram para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Em primeiro lugar, ao meu orientador Ricardo Gião Bortolotti, obrigada pela orientação sempre leve e atenta, pelo apoio e carinho incondicionais e por acreditar na minha capacidade sem antes exigir prova. Acima de tudo, obrigada pela compreensão e delicadeza nos tempos difíceis que atravessei.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, obrigada por todos os anos de contribuição à minha formação como historiadora e como pessoa, e obrigada pelas colaborações ímpares que trouxe para o meu pensar dessa pesquisa e do mundo como um todo. Ao Dr. João Arthur Ciciliato Franzolin, obrigada por se fazer presente mesmo quando não tinha obrigação, auxiliando e iluminando o caminho. Suas contribuições e seu desprendimento ao compartilhar conhecimento me fazem enxergar os tópicos dessa pesquisa com mais clareza, e te observar como ser humano me faz ter esperança de que o mundo pode ser um lugar melhor. A ambos, minha mais profunda gratidão pelas conversas, pelos comentários e sugestões que, como contribuições únicas, foram norteadoras desse trabalho desde antes da qualificação.

À Profa. Dra. Tania Regina de Luca, agradeço a presença constante em minha formação em todos os âmbitos da História, com quem sinto que aprendo até mesmo quando seu intuito não é de ensinar. Obrigada pelas observações sempre inovadoras e astutas, e por me acolher sempre que me foi necessário. Agradeço ainda por me permitir participar da disciplina de Brasil Monárquico II, ministrada por ela no segundo semestre de 2021, sendo possível que eu concluísse minhas atividades do PAADES.

Aos meus amigos de ofício, agradeço à Ana Olívia Scalez de Souza, por desde os tempos de graduação me fazer acreditar que essa pesquisa poderia se tornar realidade. A João Lucas Poiani, obrigada por nunca me deixar sentir o peso da solidão nesse ofício que é tão solitário. À Marcela Alves dos Santos, obrigada por sempre me oferecer um espaço de escuta e de apoio. A Arthur Daltin Carrega e à Tamires Sacardo Lico, agradeço em conjunto por formarem comigo a tríplice de editoria da Revista Faces da História durante 2022. Obrigada pela amizade, pelo carinho e pelo companheirismo ímpar. A cada membro do conselho editorial da Faces da História entre 2019 e 2022, obrigada pela acolhida, pelos ensinamentos e pelo apoio no meu ano de editoria.

Aos amigos que a vida me trouxe, agradeço à Ana Cláudia Ribeiro Furlan Pedroso e André Vieira Pedroso, que estão aqui desde o início. A formação da Thaynara enquanto ser humano tem muito do amor, do carinho e da contribuição de vocês. À Heloísa Cristina Moreira, minha irmã de outra mãe e alma gêmea de outro universo, meu mais sincero agradecimento por existir na minha vida. À Carolina Carricondo da Mota, meu profundo agradecimento pela amizade leal, por me lembrar o verdadeiro sentido de companheirismo, e por me completar compensando meus excessos sempre com muita sensatez. À Raquel Fernandes Lanzoni, que foi um feliz reencontro no percurso e se tornou meu apoio de tantas formas, agradeço a amizade sincera e sempre divertida. À Nayara Moraes e Bruna Souza, obrigada por me fazerem ver a vida mais leve e mais iluminada. À Giulia Smania, obrigada por ser a prova que as curvas da vida podem nos trazer felicidade.

A meu pai Marcílio (*in memoriam*), agradeço pelo amor por mim e por me ensinar o amor pela leitura, bem como por aguçar sempre minha curiosidade pela vida, pelo mundo e pela História. Obrigada por ter apoiado minhas escolhas, sobretudo a da minha formação. Te perder no curso dessa caminhada deixa um buraco no meu coração e na historiadora que me tornei. À minha mãe Edna, por todo o amor, por formar tudo o que eu sou e por ter uma fé inabalável na minha capacidade. Obrigada por nunca desistir de mim e por sempre me enxergar maior. À minha avó Alice, obrigada por despertar meu interesse na História da Alemanha e por me ensinar a lição mais cara da vida: o que não devemos, sob nenhuma hipótese, nos tornar. A meu avô Belmiro (*in memoriam*) obrigada por me ensinar sobre bravura e sobre resiliência. A minha irmã, Glauthiara, meu eterno agradecimento por ser muito mais do que uma irmã de sangue, mas por ser meu alicerce e meu porto-seguro.

Por fim, a meu marido e companheiro há dez anos, Hélio Augusto de Souza Alves, são tantos os agradecimentos que o papel não comporta. Obrigada por trilhar os caminhos da vida e da História do meu lado, acreditando em mim quando eu mesma não acreditei. Esse trabalho

não seria uma realidade se você não tivesse estado aqui para me impulsionar a ir além. Obrigada por ser paz em meio a guerra e por ser luz em meio a escuridão. A você, meu eterno amanhecer.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

OLIVEIRA, Thaynara Tanganelli de. **A falácia da higienização racial: uma análise dos cartazes antissemitas Nazistas sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)**. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque o estudo do impacto social causado pelo Nazismo na Alemanha durante o período da Segunda Guerra Mundial, buscando verificar na propaganda do Regime espaços de vazão do Mal Radical, conceito apresentado por Immanuel Kant e trabalhado por Hannah Arendt na obra *Origens do Totalitarismo* (2012). Através da análise de sete cartazes antissemitas Nazistas publicados na Alemanha e em países ocupados por ela – a saber, Polônia, França, Sérvia e Itália –, buscamos debater a aderência que o Mal Radical encontrou no seio da grande massa alemã durante a vigência do Terceiro Reich, tomando por objetivo primordial a compreensão do *modus operandi* dos mecanismos levados a cabo para o processo de Radicalização do Mal, e em que medida atuaram os cartazes, que impunham uma imagem deturpada e negativa da comunidade judaica. Com efeito, discutiremos as temáticas do uso de imagens através da concepção de Mal Radical, norteados pelo seguinte questionamento: a construção de uma visão deturpada da comunidade judaica durante o Regime Nazista, dando suporte as atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich, é um fenômeno cultural natural ou pode ser explicado através de mecanismos inseridos no âmbito da propaganda, sobretudo no uso de cartazes?

Palavras-chave: Nazismo. Propaganda. Cartazes. Hannah Arendt. Mal Radical.

OLIVEIRA, Thaynara Tanganelli de. **The fallacy of racial hygiene: an analysis of the Nazi anti-semitic posters under the arendtian perspective (1939-1944)**. 2023. 113 f. Dissertation (Masters in History) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2023.

ABSTRACT

This work focuses on the social impact of Nazism in Germany in the course of World War II, with an emphasis on how Nazi propaganda paved the way for the dissemination of Radical Evil – a seminal concept elaborated by Immanuel Kant and well-developed by Hannah Arendt in *The Origins of Totalitarianism* (2012). Through the analysis of seven antisemitic Nazi posters published both in Germany and in occupied countries (such as Poland, France, Serbia, and Italy), I seek to debate to what degree the German masses under the Third Reich adhered and practiced the postulates of Radical Evil. Moreover, this work aims to shed light on the *modus operandi* and potential mechanisms that contributed to the Radicalization of evil. As a result, I will analyze the posters through the lens of Radical Evil and intend to answer the following question: is the emergence of a misrepresented view of the Jewish Community under the Third Reich a natural, cultural phenomenon? Is it possible to explain such a phenomenon through the political strategies of the realm of propaganda, principally through the massive use of posters?

KEYWORDS: Nazism. Propaganda. Posters. Hannah Arendt. Radical Evil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Precedentes Antissemitas na Alemanha.....	13
A escolha das fontes e o acervo digital.....	17
Bibliografia fundamental.....	25
Os capítulos e a organização do trabalho.....	28
1 - Nazismo, propaganda e visualidade no III Reich.....	30
Os cartazes e a propaganda	39
2 - O cartaz como arma: poder e influência das imagens no discurso antissemita	49
O judeu construído através dos cartazes: representações do judeu em imagens	56
A análise dos cartazes e o método panofskyano	71
3 - A propaganda antissemita e o Mal Radical em Hannah Arendt: considerações sobre uma relação ambígua.....	90
As relações do Mal Radical nas obras de Kant e Arendt	91
O Mal Radical em Hannah Arendt e o evento totalitário	94
Temas recorrentes na propaganda antissemita e o espaço de vazão do Mal Radical	100
Considerações Finais	107
REFERÊNCIAS	110

Introdução

Depois de Auschwitz não há teologia:
os números nos antebraços dos prisioneiros do extermínio
são os números do telefone de Deus,
números dos quais não há resposta,
agora eles estão cortados, um por um.
Yehuda Amichai

Este trabalho não poderia iniciar de outra forma que não com um alerta: O nazismo e suas atrocidades, sobretudo contra o povo judeu, não podem ser esquecidos. Este trabalho – e sua autora – não podem se furtar da realidade do contexto em que foi produzido: em uma universidade pública durante o governo de Jair Bolsonaro.¹ A História é espaço de manutenção da memória e preservação do passado, mas também de vigilância do presente e de alerta em relação ao futuro. Assim, com a temática do antissemitismo, da supremacia racial, da eugenia e dos discursos de ódio voltando à baila nos últimos anos, com diversas expressões no mundo² e sobretudo no Brasil, não podemos nos abster de entender e analisar as raízes do maior evento antissemita da história: o holocausto.

Nesse sentido, destacamos a importância da forma como o Partido Nazista propagandeava a imagem de seus inimigos, principalmente do povo judaico, bem como o

¹ Jair Bolsonaro é um político de extrema-direita que governou o Brasil como presidente por quatro anos após ser eleito no pleito de 2018. Em sua campanha, bem como durante todo o seu mandato, incitou o discurso de ódio, homenageou a ditadura brasileira e, em seu discurso de posse, deixou bastante claro sua premissa de que “as minorias teriam que se curvar a maioria”. Em diversos momentos durante seu governo, o próprio presidente e outros políticos ligados a ele tiveram suas condutas questionadas por falas e gestos apologéticos ao nazismo. A título de exemplo, por ser inviável listar todas as vezes em que o governo de Jair Bolsonaro flertou com o nazismo, em 2016 o presidente, então deputado federal, participou de uma sessão da Câmara dos Vereadores no Rio de Janeiro onde seu filho, o vereador Carlos Bolsonaro, apresentava o projeto “Escola sem Partido”. Na ocasião, Bolsonaro posou para fotos com Marco Antônio dos Santos, candidato a vereador pelo mesmo partido que Carlos, e que compareceu à sessão caracterizado como Adolf Hitler. Em caso mais recente, após Bolsonaro ser derrotado por uma frente ampla democrática que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva o novo presidente, apoiadores de Bolsonaro realizaram uma série de protestos antidemocráticos por todo o Brasil, fechando rodovias e pedindo intervenção militar. Em ato na cidade de São Miguel do Oeste, em Santa Catarina, no dia 02 de novembro de 2022, os apoiadores de Bolsonaro, durante a execução do Hino Nacional Brasileiro, fizeram a saudação tipicamente conhecida como “Heil Hitler”, que tinha o objetivo de saudar a figura do *Führer*. O ato foi investigado pelo Ministério Público, e diversas personalidades ligadas à preservação da memória do Holocausto se pronunciaram em repúdio. Em outubro, seis pessoas foram presas em cinco cidades de Santa Catarina, incluindo a cidade do ocorrido, acusadas de integrar uma célula neonazista.

² Não podemos esquecer de Beatrix Von Storch, neta de Johann Ludwig "Lutz" Graf Schwerin von Krosigk que foi ministro das Finanças de Hitler. Von Storch, que em visita ao Brasil se encontrou com Jair Bolsonaro, é vice-líder do partido de extrema-direita alemão “Alternativa Alemã” e conhecida por suas falas ultraconservadoras e por falas violentas em relação às minorias e adversários. O próprio partido de Von Storch possui membros investigados por propagarem ideias nazistas.

impacto no cotidiano dos cidadãos alemães e dos países ocupados durante a guerra para a formação e solidificação de uma ideia alinhada aos interesses Nazistas no imaginário social daquelas pessoas.

Dizemos isso já apresentando a proposta principal que desenvolvemos nas páginas seguintes: analisar cartazes antissemitas Nazistas publicados durante o período de guerra na Alemanha e em países ocupados por ela à luz da teoria panofskyana, sobretudo através de uma análise iconológica para, em segundo momento, debater os resultados dessa análise com a teoria de Mal Radical proposto por Hannah Arendt.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados sete cartazes a serem tomados como fontes, apresentados e analisados no segundo capítulo através das teorias de iconografia e iconologia presentes no trabalho *Significado nas Artes Visuais* (2014) de Erwin Panofsky. Os cartazes aqui apresentados como fontes foram publicados na Alemanha e em países ocupados por ela durante o curso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tendo o judeu como temática central. Dessa forma, abarcam a figura do judeu em sua vida profissional e particular, com representações que, buscamos comprovar nas próximas páginas, difamavam a imagem do judeu perante a sociedade, e o colocava em posições dignas de ódio e repulsa.

Para que a análise possa ocorrer de forma ordenada e satisfatória, utilizamos a teoria panofskyana de iconografia e iconologia. Erwin Panofsky foi um historiador da arte alemão. De descendência judia, deixou a Alemanha quando os Nazistas chegaram ao poder com destino aos Estados Unidos da América. Lá, esteve ligado às universidades de Princeton, Harvard e Nova Iorque. Convivendo com Aby Warburg³ e sua biblioteca, que se tornaria um Instituto, deu origem aos debates a respeito da arte na Antiguidade e no Renascimento.

Dotado de influências warburguianas, e preocupando-se com o método para o entendimento das imagens, Panofsky debruça-se em três conceitos que define em sua obra para analisar e interpretar as imagens: o pré-iconográfico, o iconográfico e o iconológico. Essas divisões, que pormenorizaremos adiante, transformam a teoria de Panofsky, ainda que utilizadas em seu livro para pensar obras de arte, em posição de ser válida para a análise de imagens como

³ Aby Warburg foi um historiador da arte alemão ligado aos estudos sobre o ressurgimento do paganismo na arte renascentista italiana. Desempenhou um importante papel no estudo das imagens, das obras de arte e das representações. Warburg já utilizava o conceito de iconografia em suas análises, que Panofsky desenvolveria e aliaria ao conceito de iconologia em seu trabalho. Warburg construiu uma biblioteca para abarcar seus livros, que pouco a pouco foi aberta para outros pensadores e veio a se tornar o Instituto Warburg. Sobre a vida e a obra de Aby Warburg, ver os trabalhos de Georges Didi-Huberman, em especial: DIDI-HUBERMAN, 2013.

um todo. Como aponta Argan, “o grande mérito de Erwin Panofsky consiste em ter entendido que, apesar da aparência confusa, o mundo das imagens é um mundo ordenado e que é possível fazer a história da arte como história das imagens” (ARGAN, 1992, p. 51). Assim, utilizaremos a teoria panofskyana para analisar os cartazes aqui trazidos como fonte, entendendo que sua teoria oferece completude ao propor não somente o uso da iconografia, mas também o uso da iconologia como processos do entendimento da imagem.

Por fim, a última parte deste trabalho se ocupa em debater o produto da análise dos cartazes realizada através da teoria panofskyana, com a concepção de Mal Radical proposta por Hannah Arendt em seu livro *Origens do Totalitarismo* (2012). Baseada na teoria de Mal kantiana, Arendt propôs um Mal Radical não no sentido de extremo, mas de socialmente arraigado. Ao teorizar sobre o fenômeno do totalitarismo e seu controle sobre as massas, apresenta sua teoria entendendo que somente através do fenômeno do Mal e da possibilidade de tornar os homens supérfluos, o Regime Nazista – e o evento totalitário – puderam assumir as proporções que alcançaram com o sucesso que obtiveram, sobretudo em relação ao antissemitismo. Para Arendt, a propaganda assume um papel fundamental no intento de tornar esse homem supérfluo, pois apesar de seus estágios iniciais estarem ligados ao convencimento, quando o totalitarismo subjuga a oposição, a propaganda se torna ferramenta de doutrinação.

Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso, porém, só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. O totalitarismo não se contenta em afirmar, apesar de prova em contrário, que o desemprego não existe; elimina de sua propaganda qualquer menção sobre os benefícios para os desempregados (ARENDT, 2012, p. 390).

Nosso objetivo se concentra em, dados os entendimentos de Arendt acerca do Mal e suas considerações a este respeito dentro do totalitarismo Nazista, discutir o produto das análises dos cartazes selecionados como fonte a fim de responder a seguinte questão: a construção de uma visão deturpada da comunidade judaica durante o Regime Nazista, dando suporte às atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich, é um fenômeno cultural natural ou pode ser explicado através de mecanismos inseridos no âmbito da propaganda, sobretudo no uso de cartazes?

Precedentes Antissemitas na Alemanha

O Regime Nazista vigorou na Alemanha no período entre 1933 e 1945, tendo seu início se dado através da chegada de Adolf Hitler ao poder, em um evento que impôs fim à conturbada democracia de então, conhecida como República de Weimar. O Regime autoritário na Alemanha levantou uma série de questões pautadas na eugenia e no que Hitler considerava o “espaço vital do povo ariano”. As ideias do novo líder, tido como o arquiteto do Nazismo e de sua destruição em massa, bem como seu comandante máximo, estão expressas em seu livro *Mein Kampf* (1925). Segundo Ferreira:

Seu objetivo era edificar a nação alemã como um império soberano ao pregar a criação de uma raça ariana, pura e superior às demais. Sua sede por dominação levou a uma implacável perseguição de grupos considerados pertencentes a raças inferiores, em particular aos judeus, deficientes, comunistas e eslavos (FERREIRA *et. all*, 2014, p. 2).

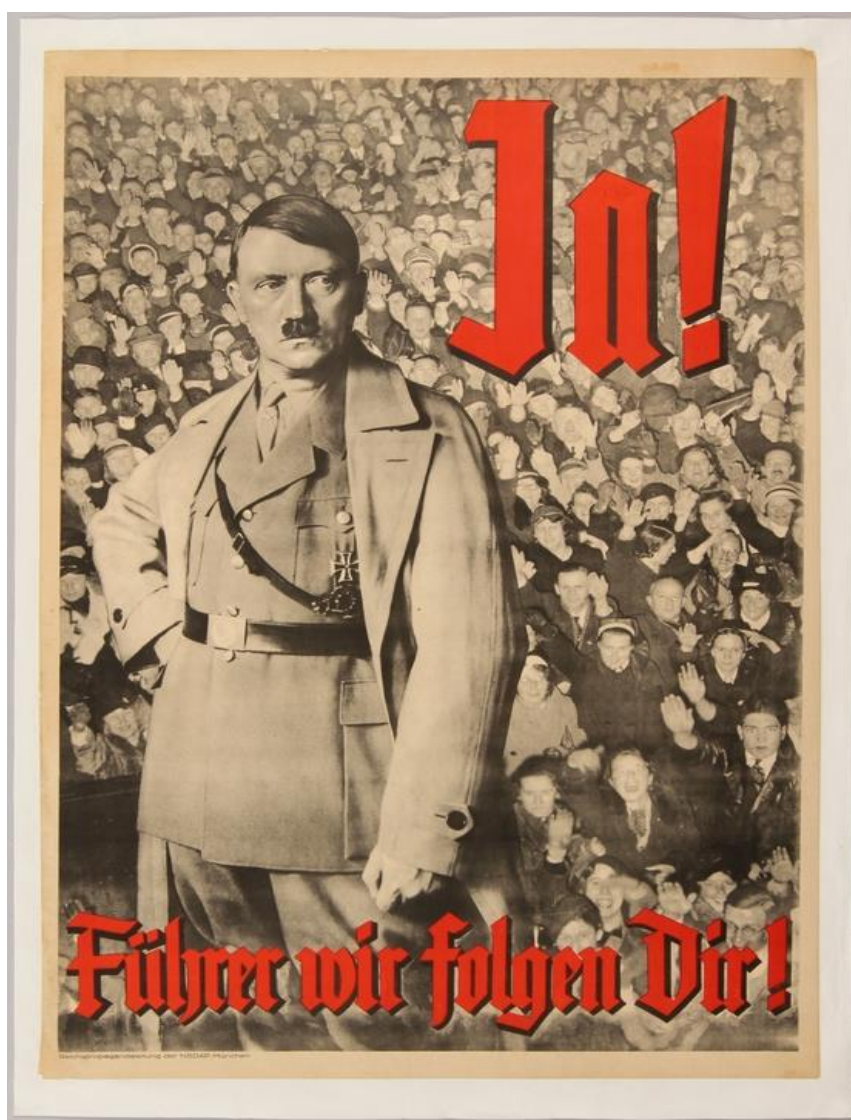
Longe de tentar produzir uma contextualização histórica neste momento, o que será realizado no primeiro capítulo, é necessário apontar que apesar de este trabalho não direcionar seu enfoque para todos os anos em que Hitler esteve no poder, buscando de forma mais minuciosa entender a presença e a participação dos cartazes como ferramenta de propaganda durante o período da Segunda Guerra Mundial, não podemos deixar de observar que houve uma produção de propaganda – e de cartazes – desde o momento em que Hitler aparece no cenário político alemão, seja durante sua tentativa de tomar o poder de forma violenta – movimento conhecido com o Putsch da Cervejaria –, seja durante sua campanha para chanceler alemão, ou ainda em sua tentativa – bem sucedida – de fundir os cargos de chanceler e presidente.

A título de exemplo, apresentamos um cartaz datado de 1934, que apoiava a campanha de Hitler para a fusão dos cargos de chanceler e presidente, iniciada após a morte de Paul von Hindenburg⁴, então presidente da Alemanha. O cartaz, que incita o apoio das massas, apresenta uma imagem que mostra Hitler em primeiro plano sendo saudado e aplaudido pelo público ao

⁴ Paul von Hindenburg foi um militar conhecido por comandar o Exército Imperial Alemão na Primeira Guerra Mundial, ocupando o cargo de Presidente da República de Weimar entre 1925 e 1934, ano de sua morte. Enquanto Presidente alemão, foi responsável por nomear Adolf Hitler como Chanceler. Hindenburg, durante o período em que Hitler já ocupava o cargo de chanceler, emitiu o Decreto de Fogo do Reichstag, que previa a suspensão de liberdades civis e a Lei de Concessão de Plenos Poderes de 1933, que concedeu a Hitler poderes legislativos.

fundo, seguido de um texto que diz: “Sim! Lider nós estamos te seguindo!”⁵, sugerindo o apoio dos alemães à ascensão de Hitler como único líder da Alemanha. O sucesso da empreitada buscada por Hitler para fundir os cargos de chanceler e presidente se deu através de forte campanha para o referendo ocorrido em 19 de agosto. À época, Hitler recebeu cerca de 89% de aprovação para a fusão dos cargos.

Imagem 01: *Ja! Fuehrer wir folgen Dir!*⁶



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁷

⁵ No original: “Ja! Fuehrer wir folgen Dir!”.

⁶ “Sim! Lider nós estamos te seguindo!” em tradução livre.

É fato que a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha em 1933, sobretudo a partir de 1934 com o controle total da nação em suas mãos, mudou a configuração política do país, mudanças que carecem de atenção sobretudo pelo fato de que houve uma transição de um governo conturbado, porém democrático, para um Regime autoritário. Assim sendo, ainda que seja público e notório, é importante observar que desde o início seu governo Hitler se valeu da exaltação do discurso eugênico, já produzido na Europa desde o início do século XX, deixando clara a intenção da criação de uma raça ariana⁸, através do uso de um discurso que se denominava “científico”.

A eugenia, [...] não lida com a incompreensão religiosa e tampouco com os embates de um sistema de dominação político-econômico. Com status de disciplina científica, objetivou implantar um método de seleção humana baseada em premissas biológicas. E isso através da ciência, que sempre se pretendeu neutra e analítica. Talvez por esse motivo a eugenia tenha se tornado um dos últimos tabus do século XX (DIWAN, 2015, p.10).

Dessa forma, aqui nos interessa observar que a questão do levante contra os judeus passa a ser tema prioritário para o Regime Nazista desde o momento em que Hitler chega ao poder, proporcionando a criação, no imaginário da grande massa alemã, da ideia de vê-los não mais como parte da sociedade, mas como inferiores. A segregação, de forma efetivamente legal, se inicia já em 1933 com a Lei contra a Superpopulação das Escolas Alemãs. Segundo Hilberg:

O mais importante desses decretos contra as misturas era a Lei contra a Superpopulação das Escolas Alemãs, datada de 25 de abril de 1933, que reduziu a admissão de não arianos em cada escola ou faculdade à proporção de todos os não arianos na população alemã como um todo. A cota de aceitos foi, consequentemente, fixada em 1,5%, e ao mesmo tempo foram criados tetos de matrículas com o objetivo de reduzir proporcionalmente o corpo estudantil judeu em geral. [...] Em novembro de 1938, os alunos judeus remanescentes no sistema escolar alemão foram expulsos. A partir dessa data, os judeus só podiam frequentar escolas judaicas (HILBERG, 2016, p. 179).

Para que esse objetivo pudesse ser alcançado, se mostrava vital no discurso eugênico que os considerados “inferiores” não pudessem contaminar o sangue dos considerados “superiores”.

⁷ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn3737> e registrado sob o *rg number* 1990.333.27. Acesso em: novembro de 2022.

⁸ Para entender as raízes do mito ariano de superioridade de raças, bem como o contraste entre os termos ariano e judeu, ver: POLIAKOV, 1971.

Para tanto, desde sua chegada ao poder, Adolf Hitler se ocupou de projetar no imaginário da grande massa alemã a visão de que os judeus não seriam mais parte da sociedade, mas uma raça inferior e que deveria ser excluída. Além da Lei contra a Superpopulação das Escolas Alemãs, outro importante indício de sua política segregacionista se deu para com a intelectualidade: a segregação dos judeus no âmbito acadêmico também ocorreu, sobretudo através da retirada de materiais escritos por judeus e de professores judeus das instituições.

Outra medida, essa mais conhecida, que contribuiu para a segregação da comunidade judaica foi o conjunto de Leis que, juntas, formam as Leis de Nuremberg, sendo elas: (a) a Lei de Cidadania do Reich, (b) a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã e (c) o Primeiro Regulamento para a Lei de Cidadania do Reich. Em consonância com nossa bibliografia, entendemos que esse conjunto de leis impulsiona o início da legalização do Holocausto, pois promove a segregação matrimonial e extraconjugal entre judeus e alemães. Para tanto, delimita quem eram os judeus perante o Regime Nazista. A partir de então, portanto, “a condição judaica foi transformada numa subcondição humana na Alemanha e os judeus foram desprovidos de qualquer vestígio de direitos civis” (MILMAN, 2004, p. 06).

Estas leis, somadas a uma série de medidas de vital importância que passaram a ser tomadas pelo Partido Nazista com o intuito de estimular a população considerada ariana na segregação aos judeus, configura o que, para Hilberg, “constituíram a primeira fase do processo de formação de guetos. A maior parte foi criada nos anos 1930, com o objetivo limitado de separar socialmente judeus e alemães” (HILBERG, 2016, p. 181). Apesar de a Alemanha Nazista não ter inovado na criação dos guetos ao longo dos anos 1930, visto que essa prática de segregação dos judeus já havia ocorrido em 1516 em Veneza, onde os judeus que residiam naquela região eram obrigados a viver, os guetos tomaram outra proporção no espaço Nazista e elevaram a segregação dos judeus a um patamar jamais imaginado.

Nota-se que o Partido Nazista, ao longo dos anos, teve e manteve sempre como prioridade a segregação dos judeus e o estímulo do ódio social a eles. E nesse sentido, como ferramenta para que essa empreitada obtivesse sucesso, se valeu da propaganda, sobretudo do uso de cartazes – tão populares na época e tão capazes de difundir uma série de informações de forma rápida e eficiente. Isso, segundo Herf (2014), só foi possível pois a Alemanha era majoritariamente um país de pedestres. A grande maioria das pessoas se locomoviam através de bicicletas e transporte público.

Em contraste com a imagem pública de velocidade mecanizada e fascinação pela aviação, o Terceiro Reich era essencialmente uma nação de pedestres. Os ritmos da vida cotidiana juntavam as “massas” em espaços públicos centrais, conforme as pessoas entravam e saíam das várias formas de transporte. Esses espectadores poderiam passar um minuto ou dois observando as folhas coloridas e impactantes (HERF, 2014, p. 72)

A escolha das fontes e o acervo digital

No que concerne à escolha das fontes, é necessário salientar que os cartazes aqui apresentados constituem parte do acervo do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), onde encontram-se digitalizados e disponíveis para pesquisa através de uma rica base de dados. Nosso encontro com esta base de dados em questão se deu através de pesquisa *online* acerca de locais de registro de memória e preservação de fontes ligadas ao período Nazista. Neste sentido, evocamos o trabalho de Pierre Nora e sua importante investigação acerca dos lugares de memória. Uma definição clara dos Lugares de Memória pode ser encontrada no documento apresentado pelo Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos do MERCOSUL – IPPDH, que diz:

[...] são considerados lugares de memória todos aqueles lugares onde se cometeram graves violações aos direitos humanos, ou aonde se resistiram ou se enfrentaram essas violações, ou que por algum motivo as vítimas, seus familiares ou as comunidades os associam com tais acontecimentos, e que são utilizados para recuperar, repensar, transmitir o conhecimento sobre processos traumáticos, e/ou para homenagear e reparar as vítimas (IPPDH, 2012, p. 21).

Se mostra perceptível que o Lugar de Memória não irrompe de forma natural, mas é criado através de um esforço coletivo, seja partido do Estado ou da sociedade, no intuito de não permitir que acontecimentos caiam no esquecimento⁹. Assim, podem advir de decisões judiciais, sejam de cortes locais ou internacionais. Apesar de instintivamente se pensar nos locais onde ocorreram as atrocidades quando falamos de Lugares de Memória, existem outras duas definições para esse termo que aqui muito nos interessa e apresenta a importância do USHMM

⁹ Para um estudo mais aprofundado acerca da construção e do entendimento dos lugares de memória ligados ao Holocausto, ver: SUBOTIC, 2019.

para não somente o desenvolvimento deste trabalho, mas também para a manutenção da história do Nazismo e do Holocausto. Assim:

- Os lugares de memória são todos aqueles lugares que resultam significativos para uma comunidade e que permitem incentivar processos de construção de memórias vinculadas a determinados acontecimentos traumáticos ou dolorosos.
- **Os lugares de memória são construídos especificamente para realizar trabalhos de memória (museus, monumentos nas ruas etc.), mas não têm necessariamente um vínculo físico, emocional ou simbólico com os acontecimentos que se buscam evocar** (IPPDH, 2012, p. 18-19, grifos nossos).

Neste sentido, apesar de o museu se localizar nos EUA, sua importância para a conservação da memória e dos objetos que constroem essa memória ligada ao Nazismo e ao Holocausto se mostra em pé de igualdade com os lugares de memória situados nos locais onde os eventos de fato ocorreram. Criado em 1993 e mantido majoritariamente por verba federal, o museu, localizado em Washington D.C. promove pesquisas e estudos acerca do Holocausto, bem como já tendo recebido, segundo contagens do próprio museu, cerca de quarenta e sete milhões de visitantes. O museu disponibiliza também de forma on-line a *Holocaust Encyclopedia*, uma enciclopédia sobre o Holocausto que pode ser acessada em dezenove diferentes línguas.

Dentro da gama de programas de pesquisa e ensino que o USHMM possui, o *Jack, Joseph and Morton Mandel Center for Advanced Holocaust Studies* é uma iniciativa que promove não somente o crescimento de pesquisas sobre o Holocausto, mas uma rede de cooperação a respeito do assunto através da conexão de instituições de ensino ligadas ao assunto no mundo. Outra seção do USHMM que merece destaque, a *Simon-Skjodt Center for the Prevention of Genocide* trabalha com o objetivo de criar uma consciência nacional dentro dos Estados Unidos acerca dos horrores do Holocausto, preservando a memória das vítimas e trabalhando junto a pessoas politicamente influentes com o intuito de prevenir futuros genocídios.

Dito isso, observamos a importância do trabalho do museu em universalizar o acesso aos materiais que se encontram armazenados de forma física na Instituição, exercendo um trabalho longo e árduo de digitalização de materiais impressos e fotografias de peças, além da disponibilização da maior quantidade de informações possível em suas páginas. A partir desse recurso — que além de viabilizar a investigação histórica protela a necessidade de uma visita imediata ao Museu —, selecionamos um conjunto de sete cartazes de acordo com a importância para as análises que fundamentarão os resultados da pesquisa e sua viabilidade.

O acervo do USHMM conta com cerca de 258.504 arquivos, quando não realizado nenhum tipo de filtro de busca, que contém os mais diversos tipos de materiais. Cartas, fotografias, diários, memórias, entrevistas, objetos, jornais, dentre outros, entre os quais selecionamos, por entender sua grande importância, os cartazes. A escolha dos cartazes como fonte, naturalmente, não se deu de forma aleatória, mas após profundo contato com a bibliografia do tema que nos viabilizou a constatação da informação de que, dentro da Alemanha Nazista, os cartazes, através dos números de alta tiragem, demonstravam ser um veículo de divulgação de informações de intensa popularidade. Como aponta Jeffrey Herf, os cartazes constituem

um elo poderoso entre as visões e os objetivos dos líderes e a experiência cotidiana de milhões de pedestres e passageiros de transporte público, esses textos e imagens extraordinários merecem ser movidos da periferia para o centro da escrita e reflexão históricas (HERF, 2014, p. 56).

Entretanto, é necessário observar que nem todos os materiais estão digitalizados e disponíveis para pesquisa *on-line* ainda. A classificação dos arquivos é feita através do chamado “RG Number”, embora não tenha ficado claro ao longo das catalogações se esse número se refere à ordem de entrada do arquivo no museu, ao processo de digitalização, ou se o mesmo é escolhido de forma aleatória pelo sistema de registro de dados do acervo.

É possível também perceber que os materiais são, comumente, divididos a partir de coleções que carregam o nome da família que os doou, como por exemplo o acervo da *Katz Ehrenthal Collection* que, segundo informações da própria página do museu, reúne mais de 900 peças e é de grande contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa, visto que sua coleção conta com diversos cartazes. Entretanto, a grande quantidade de material disponível, bem como a inexistência de um protocolo eficaz de buscas fornecido pelo próprio USHMM gerou dificuldades incalculáveis à nossa proposta, já que a própria catalogação e seleção de tal material nos custaria imenso tempo de trabalho, inviabilizando o desenvolvimento da pesquisa dentro dos prazos estabelecidos para um mestrado.

Partindo deste princípio, restou necessário estabelecer um protocolo de catalogação e seleção próprios a partir dos filtros disponíveis no site do museu para que, enfim, pudéssemos obter um resultado satisfatório de cartazes dentre os quais seria feita a seleção de fontes para nosso trabalho, sem que, para tanto, todo o tempo disponível para a realização da pesquisa ficasse restrito à catalogação desse imenso acervo. Finalmente, uma vez estabelecido um

protocolo padronizado de catalogação, os filtros funcionaram da maneira que segue: selecionamos a opção “*digitized*”, que garante que o arquivo apresentado está digitalizado e disponível para consulta *on-line* (aspecto fundamental para os tempos de pandemia que, sem saber, viríamos a enfrentar) e selecionamos “*posters*” no campo que discrimina qual o tipo de material procurado. Por fim, inserimos no campo de assuntos e palavras-chaves a expressão “*anti jewish propaganda*”. É necessário salientar ainda que todo o site está disponível em inglês, então nossas pesquisas devem se adequar à língua que hospeda o site.

Selecionados os materiais cuja importância contribuirão para nossas reflexões, bem como tendo garantido sua disponibilidade de forma digitalizada, o cartaz passou a ser salvo com o número de registro original que possui no acervo – a fim de facilitar sua localização futuramente em forma física, se for o caso de uma visita e análise *in loco* de nossas fontes – e, ainda, temos preenchido uma ficha catalográfica que abarca as seguintes informações: “*rg number*”; título da página; título original; título traduzido; data; local de publicação; dimensões; coleção a que pertence; autor; textos originais (além do título); textos traduzidos; palavra-chave pesquisada; link do site; descrição da imagem; e observações. Esse método de pesquisas resultou em noventa e sete resultados dentre os quais quarenta e oito eram cartazes.

Tabela 01 – Resultados retornados de cartazes da pesquisa com a palavra-chave “*anti jewish propaganda*”.

RG NUMBER	DATA	LOCAL	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO TRADUZIDO	OBSERVAÇÕES
1990.41.13	1935	Alemanha	Rassenschande	Desonra Racial	
1990.41.19	Sem data	Não Informado			Cartaz de Propaganda do Der Stürmer
1990.193.10	1940	Alemanha	Der Ewige Jude	O eterno Judeu	Também encontrado no Rg Number 1995.97.14. Cartaz de propaganda do filme.
1990.193.11	Sem data	Alemanha	Es hat der Mann aus Syrerland den Sozi fest am Halfterband	O sírio mantém o socialista no cabresto	
1990.333.47	1939	Alemanha	Ein merkwuerdiger katholischer Bischof...	Um estranho bispo católico	
2015.562.11	Sem data	Não	Jüdisches Geheimgesetzbuch	O que o Conjunto de Leis	

		Informado	hore, was der Talmud spricht	Secretas Judias escutam, O que o Talmude fala	
2015.562.12	Sem data	Não Informado	Deutsche Jugend - Judische Jugend	Juventude alemã - juventude judaica	
2016184349	1937 - 1940	Alemanha	Der Sieg	A vitória	
2016184356	1941	República Tcheca	Český Dělník Bojuje Proti Ket'asům	O trabalhador tcheco luta contra os ossos	
2016184366	1941-1945	Não Informado	Не верьте советско-жидовским листовкам и слухам!	Não acredite em folhetos e rumores judaicos-soviéticos!	
2016184401	1935	Alemanha	Giordano Bruno (1548-1600)		
2016184561	1944	Itália	La Via Del Mar Rosso Un Mare Rosso Di Sangue	O Caminho Para O Mar Vermelho Um Mar Vermelho De Sangue	
2009.367.1	1941	Sérvia	Jebpejska Pabhoteka	Equilíbrio Judeu	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184339	1941	Sérvia	Сазнај ! КАКО ТО ОН ОПСТАЈЕ	Descubra! Como ele sobrevive	Grand Anti-Masonic Exhibition
1990.193.9	1941	Sérvia	Hinter den Feindmachten: der Jude	Por trás das potências inimigas: o judeu	Grand Anti-Masonic Exhibition
1994.110.3	1937-1940	Não Informado	Wenn Juden lachen	Quando os judeus riem	
1993.35.2	Sem data	Não Informado	Der Weltpest	A praga universal	Também encontrado no Rg Number 32680
2009.213.2	1941	França	Exposition Le Juif et la France	Exposição o Judeu e a França	Musée des Beaux-Arts
2016184637	Sem data	Não Informado	Smiertelny wrog Chrzescijanstwa	O inimigo mortal do cristianismo	
2016184661	Sem data	Não Informado	Flemish SS Sturm Brigade recruitment poster	Vlamingen Vaie in de SS Langmarck!	
2016184394	1943	Polônia	Bicz ludzkosci	O chicote da humanidade	
2016184389	1941	Polônia	Strzez Sie Tyfusu Plamistego, Unika Zydow	Proteja-se do Tifus, evite judeus	
2016184329	1941	Sérvia	Његово оруђе: демократија, масохерија, комунизам, капитализам	Suas Ferramentas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo	Grand Anti-Masonic Exhibition

2016184328	1941	Sérvia	Његово оруђе: демократија, масохерија, комунизам, капитализам	Suas Ferramentas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184331	1941	Sérvia	КАКО ТО?!?... / КОД БОЉШЕВИКА / ЈЕВРЕЈИМА ЈЕ ДОБРО! / ИКОД ПЛУТОКРАТА / ЈЕВРЕЈИМА ЈЕ ДОБРО!. / ЗАШТО? / ЗАТО, ЈЕР СУ БОЉШЕВИЗАМ / И ПЛУТОКРАТИЈА / ЈЕВРЕЈСКА ДЕЛА!	Como pode ser?!? ... Os judeus fazem bem com os bolcheviques e os judeus fazem bem com os plutocratas! Por quê? ... Porque o bolchevismo e a plutocracia são assuntos judaicos!	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184343	1941	Sérvia	ОВОЈ ЗВЕЗДИ РОПСКИ СЛУЖЕ / ЕНГЛЕСКА И АМЕРИЧКА ПЛУТОКРАТИЈА / КРВАВА СОВЈЕТСКА АРИСТОКРАТИЈА / ПРОТИВНАРОДНА ЕМИГРАНТСКА ДЕМОКРАТИЈА / И СВА ШУМСКА БРАТИЈА	Esta estrela é notoriamente servida / pela plutocracia inglesa e americana, / sangrenta aristocracia soviética, / democracia anti-nacional de emigrantes e irmandade da floresta.	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184342	1941	Sérvia	ОПРЕЗ.. / Они Долазе...	Cuidado... Eles estão vindo...	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184365	1943	Itália			Um judeu bolchevique balançando seus punhos em defesa de NYC. Repetido no rg number 2014.313.1
2016184336	1941	Sérvia	ЈЕВРЕЈИН ДРЖИ КОНЦЕ У РУЦИ	Um judeu segura um fio na mão	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184402	1942	Polônia	Panowanie Anglii jest panowaniem Judy	O reinado da Inglaterra é o reinado de Judá	
2016184346	1941	Sérvia	Штампа у САД је 97% у ЈЕВРЕЈСКИМ рукама	A imprensa nos EUA está 97% em mãos de judeus	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184558	1942	Bélgica	Met den arbeider soldaat voor / het socialisme	Com o soldado e o trabalhador na frente / para o socialismo	

				(combate???)	
2016184335	1941	Sérvia	СВЕТСКО БОГАТСТВО ПОЈЕО ВУК!	Pior que um lobo: tirar a riqueza do mundo	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184398	1940 - 1942	Polônia	Zyd to oszust jedyny twój wrog	O judeu é um trapaceiro e apenas seu inimigo	
2016184357	1944 - 1945	Itália	Israele si Diverte	O judeu se diverte	Também no Rg Number 1998.139.2
2016184361	1941 - 1944	Ucrânia	Смерть ЖИДІВСЬКО-БОЛЫШЕВИЦЬКІЙ / заразі мордування!	Morte para a praga assassina judaico-bolchevique!	
1993421	1936 - 1937	Alemanha	Schluss mit dem jüdischen Schachergeist!	Termine com o espírito de pechincha judaico!	
2016184420	1942	Bélgica	Le Complot Juif Contre L'Europe	A conspiração judaica contra a Europa	Também no Rg Number 2016.184.345, na Grand Anti-Masonic Exhibition, Sérvia.
1993425	1936 - 1937	Alemanha	Solche Gibt es auch, aber... so war es nicht gemeint!	Alguns também são assim... Mas não era para ser assim!	
1993423	1936 - 1937	Alemanha	Raus mit dem jüdischen Schachergeist	Fora com o espírito de pechincha judaico	
1993424	1936 - 1937	Alemanha	Kampf gegen Judengeist und Volksbetrug	Luta contra o espírito judaico e enganação do povo	
1993422	1936 - 1937	Alemanha	Judische Wucher-Preise und Arisches Gelschäft sind unvereinbar	Preços de usura judaica e negócios arianos são incompatíveis	
19961131	1936	Alemanha	Die Nürnberger Gesetze	As Leis de Nuremberg	
2016184333	1941	Sérvia	ко ће претегнути? / нико! јер јеврејин држи равнотежу... / посетите / антимасонску изложбу / на њега се уверити	Quem será o mais pesado? Ninguém! Porque o judeu está segurando a balança! Visite a Exposição Anti-Maçônica e você verá por si mesmo.	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184340	1941	Sérvia	ЈЕВРЕЈСКА ПОСЛА	Relações Judaicas	Grand Anti-Masonic Exhibition
2016184364	1943	Polônia e Ucrânia	вiнниця	Vinnitsa	
25556	1937	Alemanha	Der Ewige Jude	O eterno Judeu	Cartaz de propaganda da exposição itinerante

2016184341	1941	Sérvia	ЊЕГОВО ОРУЋЕ: ДЕМОКРАТИЈА, МАСОНЕРИЈА КОМУНИЗАМ, КАПИТАЛИЗАМ	Suas armas: democracia, maçonaria, comunismo, capitalismo	Grand Anti-Masonic Exhibition
------------	------	--------	--	---	----------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora.

Dos quarenta e oito cartazes retornados na pesquisa com a palavra-chave “*anti jewish propaganda*”, selecionamos sete cartazes para integrarem as fontes dessa pesquisa. No afunilamento de nossas fontes, selecionamos materiais com indícios que contribuem para com a comprovação da hipótese levantada – como enquadramento na temática antissemita –, bem como compatibilidade com o período a que propusemos nos debruçar. Além disso, observamos informações cruciais para a observância e análise das fontes, como qualidade da digitalização; bom estado de conservação do cartaz e informações a respeito do mesmo, local de publicação e precisão de data, material e dimensões, sempre que possível. Dessa forma, observamos que outros cartazes constantes nesse primeiro retorno de resultados possuíam algum elemento iconográfico ou iconológico que poderiam incluí-los como fonte desta pesquisa, mas que visto a carência de outras informações, o excluíram. Apesar disso, por se tratar do acervo de um Museu disponibilizado de forma *online*, existe a possibilidade de que as informações omitidas pudessem vir à tona caso houvesse a possibilidade de acesso físico ao museu, o que não ocorreu dado o contexto da pandemia da Covid-19.

Tabela 02 – Cartazes utilizados como fonte

RG NUMBER	DATA	LOCAL	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO TRADUZIDO
1990.193.10	1940	Alemanha	Der Ewige Jude	O eterno Judeu
2016184398	1940	Polônia	Zyd to oszust jedyny twoj wrog	O judeu é um trapaceiro e apenas seu inimigo
2016184341	1941	Sérvia	ЊЕГОВО ОРУЋЕ: ДЕМОКРАТИЈА, МАСОНЕРИЈА КОМУНИЗАМ, КАПИТАЛИЗАМ	Suas armas: democracia, maçonaria, comunismo, capitalismo

2016184389	1941	Polônia	Strzez Sie Tyfusu Plamistego, Unika Zydow	Proteja-se do Tifus, evite judeus
2009.213.2	1941	França	Exposition Le Juif et la France	Exposição o Judeu e a França
2016184394	1943	Polônia	Bicz ludzkosci	O chicote da humanidade
2016184357	1944	Itália	Israele si Diverte	O judeu se diverte

Fonte: Elaborada pela autora.

Além dos sete cartazes utilizados como fonte, outros três foram selecionados para serem apresentados como exemplos no primeiro capítulo, de período precedente ao analisado, por entendermos, como apontaremos, que estes cartazes apesar de não se encaixarem no período que nos propusemos a analisar, apresentam profundas aproximações com as fontes, bem como informações importantes para o entendimento do desenvolvimento da propaganda antissemita Nazista.

Tabela 03 – Cartazes utilizados como exemplos de período precedente ao analisado.

RG NUMBER	DATA	LOCAL	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO TRADUZIDO
1996.113.1	1936	Alemanha	Die Nürnberger Gesetze	As Leis de Nuremberg
1993.42.1	1936	Alemanha	Schluss mit dem jüdischen Schachergeist!	Termine com o espírito de pechincha judaico!
25556	1937	Alemanha	Der Ewige Jude	O eterno Judeu

Fonte: Elaborada pela autora.

Bibliografia fundamental

Neste sentido, entendemos ser de grande importância a apresentação das teorias e das obras sobre as quais nos debruçamos ao longo da execução deste trabalho. Em primeiro lugar, acreditamos ser importante nos apoiarmos sobre uma base sólida no entendimento do contexto histórico que cercou a ascensão do Regime Nazista ao poder, bem como de seus anos de governo. Desta forma, nos valem dos trabalhos de Richard J. Evans, especialmente sua trilogia sobre a temática. Os livros *A Chegada do Terceiro Reich* (2010), *O Terceiro Reich no poder* (2012) e *O Terceiro Reich em Guerra* (2012), nos quais Evans, com uma obra extensa e

detalhada, é capaz de cobrir os aspectos político, econômico, cultural e social do Regime com maestria, nos leva a observar uma linha do tempo capaz de formar um vasto entendimento sobre os antecedentes do Nazismo, a ascensão de Hitler ao poder, as formas como a repressão acontecia, os planos e ideias racistas desde a criação do Partido Nazista, o Holocausto, os motivos da eclosão da Segunda Guerra Mundial e os esforços da sociedade alemã para manter os custos da guerra. Assim sendo, Evans produz uma das obras mais completas acerca do tema que apresenta, por fim, a derrocada do Nazismo em 1945, e que se mostra de suma importância para o desenvolvimento do que aqui propomos.

Evans, além dos ensinamentos acerca dos eventos ligados ao período e ao Regime Nazista especificamente, nos traz ainda ensinamentos sobre o ato em si de trabalhar com assuntos ligados ao Nazismo. Assim, apesar de o tema exigir muita cautela e, por vezes, se mostrar desalentador, compartilhamos o pensamento do autor em relação à essa escolha:

Qualquer um que embarque em um projeto como este deve inevitavelmente começar perguntando-se se de fato é necessário escrever mais uma história da Alemanha Nazista. Será que já não chega? Será que tanta coisa já não foi escrita que pouco existe para se acrescentar? Sem dúvida, poucos tópicos históricos foram objeto de pesquisa tão intensiva. A mais recente edição da bibliografia padrão sobre nazismo, publicada pelo infatigável Michael Ruck em 2000, lista mais de 37 mil itens; a primeira edição, lançada em 1995, listava meros 25 mil. Esse espantoso aumento no número de títulos é um testemunho eloquente do abundante, contínuo e infindável fluxo de publicações sobre o assunto. Nenhum historiador pode ter esperança de dominar a maior parte de uma literatura tão assombrosa. De fato, alguns acharam o volume de informações disponível tão intimidante, aparentemente tão impossível de coligar, que desistiram em desespero (EVANS, 2010, p.27).

Assim como em Evans, encontramos grande importância no clássico trabalho de Raul Hilberg *A Destruição dos Judeus Europeus* (2016) que possui dois volumes de intensas contribuições para o que aqui propomos pensar, visto que o autor produz o mais completo apanhado acerca de todos os aspectos que envolvem o Holocausto cometido contra os judeus.

No que concerne ao estudo da propaganda e dos cartazes, dois trabalhos se destacam em nossas discussões: primeiramente a profunda análise de Abraham Moles acerca da composição do cartaz enquanto objeto de estudo, no livro *O Cartaz* (2004) e *The Third Reich: Politics and Propaganda* (2002) de David Welch, que além de trabalhar com cartazes nazistas, abrange as discussões a respeito da propaganda do período.

Destacamos ainda a dissertação de mestrado *O Eterno Judeu: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945)* (2006) de Enrique Luz Garuti Sales, que muito contribuiu para a pesquisa que aqui se apresenta.

Observamos ainda vital importância no trabalho *Inimigo Judeu: Propaganda Nazista Durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto* (2014) de Jeffrey Herf, que produziu provavelmente o mais completo trabalho acerca das discussões a respeito dos cartazes nazistas, e que além de contribuir com esta pesquisa através de seu livro, contribuiu pessoalmente também com valiosas discussões e indicações de leitura.

No que concerne à questão do Mal Radical, o trabalho de Hannah Arendt *Origens do Totalitarismo* (2012), norteia nossas discussões¹⁰. Ainda, acerca das teorias da autora, nos utilizamos da ímpar visão de Richard J. Bernstein *Radical Evil: a philosophical interrogation* (2002).

Por fim, os trabalhos de Immanuel Kant *A Religião nos Limites da Simples Razão* (2008) e de Bronislaw Baczko *Los Imaginarios Sociales: memorias y esperanzas colectivas* (2005), contribuem com definições pertinentes sobre conceitos aqui utilizados.

A título de análise dos cartazes, utilizaremos o trabalho de Erwin Panofsky *Significado nas artes visuais* (2014) em que o autor teoriza sobre os valiosos conceitos de iconografia e iconologia, explanados adiante.

Ainda, em maior ou menor escala, nosso trabalho se cercou de forma indireta – através de leituras – de obras que abarcam a discussão a respeito do contexto histórico, político e cultural em que se inseriu a Alemanha durante o Regime Nazista, sobretudo: *Ascensão e Queda do III Reich* (2017) de William Shirer, vital pela complexidade da obra, mas também pela presença de seu autor diretamente na cobertura dos acontecimentos na Segunda Guerra Mundial; *Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista* (1998) de Paula Diehl; *Crer e destruir: Os Intelectuais na Máquina de Guerra da SS Nazista* (2015) de Christian Ingrão; *Os Alemães: A Luta Pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX* (1997) de Norbert Elias; *Um Mundo em Chamas: Uma Breve História da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia*

¹⁰ Vale ressaltar que ainda dentro da temática do Nazismo como evento totalitário, Arendt desenvolveu em seu trabalho *Eichmann em Jerusalém* (1999) a teoria de Banalidade do Mal. Nela, Arendt defende a massificação do homem pelo sistema totalitário, de forma que esse sistema transforme os indivíduos nele envolvidos em cumpridores de ordens, não pensantes. A teoria gerou diversas polêmicas desde sua publicação, sobretudo com nuances a respeito da participação de Arendt (por ser filósofa, e não jornalista), no julgamento de Eichmann. Para entender melhor as polêmicas ligadas a teoria, ver: STANGNETH, 2014; e BREPOHL, 2013.

1939-1945 (1995) de Martin Kitchen; *The Second World War* (2005) de John Keegan; *Era dos extremos: O breve século XX* (1995) de Eric Hobsbawm; *The Third Reich: A New History* (2001) de Michael Burleigh; e as obras de Robert Gellately *Apoiando Hitler: Consentimento e Coerção na Alemanha Nazista* (2011) e seu mais recente trabalho *Hitler's True Believers: How Ordinary People Became Nazis* (2020). Por fim, mas não menos importante, as obras *Hitler* (2010) e *De volta do inferno: Europa, 1914-1949* (2016) de Ian Kershaw.

Em relação à questão judaica, destacamos o trabalho de Alon Confino *Um Mundo sem Judeus: Da Perseguição ao Genocídio, a Visão do Imaginário Nazista* (2016); *O Holocausto – Uma Nova História* (2018) de Laurence Rees e *Holocausto: Das Origens do Povo Judeu Ao Genocídio Nazista* (2016) do autor brasileiro Voltaire Schilling.

Ainda em relação à propaganda, seja ela ligada ao Nazismo especificamente ou com características mais amplas, observamos o trabalho de John Barnicoat *Los Carteles: Su historia y su language* (1976), bem como *Propaganda and Persuasion* (2011) de Garth S. Jowett; *A Violação das Massas pela Propaganda Política* (2001) de Sergei Tchakhotine; *Propaganda: The Art of Persuasion in World War II* (1994) de Anthony Rhodes e *Nazi Propaganda and the Second World War* (2008) de Aristotle A. Kallis.

Ainda, a fim de uma melhor compreensão das teorias propostas por Arendt, encontramos grande importância nos trabalhos *Compreender Hannah Arendt* (2010) livro de Karin A. Fry; *O Pensamento à Sombra da Ruptura: Política e Filosofia em Hannah Arendt* (2005) de André Duarte e *Hannah Arendt e a Modernidade - Política, Economia e a Disputa por uma Fronteira* (2014) de Adriano Correia Silva.

Em maior ou menor escala, tomados por concordâncias e discordâncias, a lista de obras apresentadas acima, assim como outras que eventualmente ainda não foram citadas mas marcam presença ao longo do texto, contribuíram para que a realização deste trabalho pudesse acontecer. Ainda assim, reforçamos nosso olhar crítico a cada uma delas, e nosso compromisso em manter este olhar crítico também no trato com as fontes.

Os capítulos e a organização do trabalho

Buscando um melhor desenvolvimento, apresentamos a estruturação do trabalho dividida em três grandes blocos, sendo cada qual um capítulo com subtópicos pertinentes. No primeiro

capítulo buscaremos compreender o contexto histórico da Alemanha entre 1933 e 1945, seu papel na eclosão e em todo o período da Segunda Guerra Mundial, a dinâmica adotada com os países ocupados, as medidas adotadas para a concretização do Holocausto e as dimensões que a propaganda alcançou durante este período.

No segundo capítulo, apresentaremos os cartazes de propaganda selecionados para compor a discussão, bem como sua análise embasados na metodologia panofskyana, já atentos a elementos que conduzirão a uma vindoura articulação de seu conteúdo com as teorias de Hannah Arendt.

Por fim, no terceiro capítulo, discorreremos acerca da teoria de Mal Radical proposta por Hannah Arendt, bem como buscaremos apresentar a contextualização histórica da autora e de seu conceito, fundamental à nossa pretensão de comprovar a hipótese de haverem sido estes cartazes capazes de propiciar no imaginário social alemão um espaço de disseminação para um Mal Radical. Finalmente, mas não menos importante, nesse capítulo será levada a cabo a discussão que atrela a análise dos cartazes realizada no capítulo anterior com a teoria arendtiana, imprimindo ao nosso trabalho uma análise do conteúdo e dos efeitos desse material no imaginário da grande massa. Assim, apresentamos aqui a hipótese mais cara desta pesquisa, que acreditamos ser o cume de nossa contribuição para a historiografia, para os debates acerca da análise dos cartazes e para a teoria de Arendt: discutir o produto da análise dos cartazes sob a luz da teoria de Mal Radical a fim de entender se havia mecanismos inseridos conscientemente naquela propaganda que propiciavam uma vazão para o Mal Radical.

Partindo do que foi discutido até aqui, e apesar do muito que, nos últimos anos, têm se produzido no Brasil e no mundo acerca do entendimento sobre a propaganda Nazista, sobretudo a respeito dos cartazes e seu impacto, ainda não há um trabalho que observe as nuances desse impacto através da perspectiva arendtiana do Mal Radical. Este trabalho, portanto, se ocupa do esforço de preenchimento dessa lacuna na historiografia e da tentativa de abrir novos caminhos para o entendimento da propaganda Nazista como arma de convencimento e Radicalização do Mal.

Capítulo 1

Nazismo, propaganda e visualidade no III Reich

Há 77 anos chegou ao fim o Terceiro Reich, que ascendera ao poder com a promessa de durar mil anos. Nesse período, muitos avanços foram feitos na historiografia acerca dos horrores, das perdas e das vitórias que envolvem o que se consolidou com o nome de Segunda Guerra Mundial. Porém, muito ainda é necessário que se produza, pesquise e entenda acerca desses eventos. A ousadia de Hitler não passa despercebida aos olhos dos pesquisadores que se debruçam acerca do tema, assim como não passou despercebida aos olhos dos cidadãos alemães em 1932. Sua campanha ferrenha, baseada nos princípios ligados à ideia do arianismo e do “espaço vital” foram não somente parte do discurso que o levou ao poder, mas também uma política adotada durante todo o seu governo.

Nesse sentido, sabendo da importância política da utilização da propaganda como ferramenta de propagação de informações e ideologias, não há surpresa nos dados do investimento massivo em propaganda realizados pelo III Reich, bem como de pronto a criação de um Ministério do Reich de Esclarecimento Popular e Propaganda (RMVP) já em 1933, que estivesse diretamente responsável por esse assunto. No que concerne ao conceito de propaganda, nos utilizaremos da definição do trabalho de Garth S. Jowett e Victoria J. O'Donnell intitulado *Propaganda & Persuasion* (2015), onde os autores apontam que “propaganda é a tentativa deliberada e sistemática de moldar percepções, manipular cognições e direcionar o comportamento para obter uma resposta que promova a intenção desejada do propagandista”¹¹ (JOWETT, O'Donnell, 2015, p. 07).

Uma das formas de propaganda adotadas pelo Partido Nazista e que aqui particularmente nos interessa são os cartazes, mais especificamente os cartazes antissemitas. Os cartazes são um dos meios de propaganda mais difíceis de se rastrear, organizar e catalogar enquanto fontes históricas dado a sua qualidade efêmera. Seu surgimento remonta ao surgimento da imprensa que, sobretudo com o advento da Revolução Industrial, encontra nos cartazes um meio relativamente barato e eficaz de divulgar mensagens em larga escala. De início comumente

¹¹ No original: “Propaganda is the deliberate, systematic attempt to shape perceptions, manipulate cognitions, and direct behavior to achieve a response that furthers the desired intent of the propagandist”.

impresso através do processo de litografia¹², no século XX passa a ser produzido em sistema *offset*¹³, o que pode ser considerado o *boom* da popularidade do cartaz. De fato, ainda hoje os cartazes são amplamente utilizados e, apesar do avanço da tecnologia, seguem sendo capazes de impactar a sociedade e a opinião pública¹⁴.

Exemplo da popularidade e da importância do uso dos cartazes enquanto formas de expressão política, sua presença nos protestos franceses de maio de 1968 ganhou notoriedade na historiografia como arma de disseminação dos protestos – inicialmente estudantis, que se transformaram em greves de trabalhadores. Os cartazes produzidos na então ocupada Escola de Belas Artes de Paris balançaram as estruturas do governo de Charles De Gaulle e ganharam projeção mundial. Nos cartazes, apesar da distância temporal de mais de vinte anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial e a dissolução do Partido Nazista, com a criação dos tribunais de Nuremberg, a imagem da SS (*Schutzstaffel*) ainda permeava o imaginário europeu, apresentada nos cartazes franceses em forma de denúncia pelas repressões policiais aos protestos. Assim, colocava a polícia francesa representada como a organização paramilitar Nazista famosa.

Imagem 02: Cartaz representando policial francês com símbolo da SS, França, 1968.¹⁵

¹² A litografia é uma forma de impressão que consiste em um processo realizado a partir de uma pedra polida matriz, pressionando o desenho no papel. De forma simplificada, o processo constituía-se em desenhar a imagem na pedra com materiais derivados de gordura. Uma vez que água e gordura não se misturam, a pedra era submetida a diversos processos químicos e os excessos retirados com água. Por fim, a tinta na pedra adquiria o formato da imagem que era pressionada no papel com o auxílio de um rolo impressor. Essa técnica permitia que uma mesma pedra matriz produzisse milhares de exemplares de um mesmo cartaz, inclusive de tamanhos maiores do que até então era possível.

¹³ O *Offset* pode ser entendido como a evolução da litografia. Não mais em pedra, o sistema se desenvolve em metal, sendo a imagem a ser impressa passada para uma forma cilíndrica em sistema rotativo. A premissa de gordura, água e tinta segue a mesma, mas agora existe a blaqueta inserida entre a matriz (ou chapa *offset*) e o papel, que fará a transferência da imagem. Esse sistema trouxe novidades as impressões, que puderam ser realizadas de forma mais rápida, com uma gama maior de materiais, mecanizada e barata. Assim, a impressão em *offset* populariza ainda mais o uso de cartazes, propiciando a impressão em larga escala.

¹⁴ A era digital trouxe ainda novas possibilidades de difusão aos cartazes. No Brasil, pode-se citar como exemplo a recente polêmica envolvendo o cartaz produzido por Cristiano Suarez para o show da banda estadunidense Dead Kennedys, que entendeu-se criticar o governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro e teve tamanha repercussão, a ponto de os shows serem cancelados. Em contrapartida, após a derrota de Bolsonaro nas urnas na eleição de 2022 para Luiz Inácio Lula da Silva, cartazes foram novamente utilizados, mas dessa vez por seus apoiadores durante protestos antidemocráticos, inclusive com estética nazista, como já dito em nossa introdução.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-revolta-de-maio-de-68-na-franca-atraves-dos-cartazes-feitos-na-epoca.ghtml> Acesso em: fevereiro de 2022.



Apesar disso, os cartazes não são bens duráveis: não são produzidos, quase que em sua totalidade, para atravessar eras ou para durar mil anos. Muito pelo contrário, os cartazes, via de regra, possuem “data de validade”: se impressos para anunciar um evento musical, espiram quando o evento acontece. Se impressos para campanha de determinado partido político, espiram quando ocorrem as eleições. Seus locais de uso tampouco tornam mais fácil a tarefa de encontrá-los: visto que os cartazes, para cumprirem com efetividade seu papel, devem estar em locais de grande circulação, estão na maioria das vezes também expostos às intempéries do tempo e da ação humana contrária à sua mensagem. Pode ser molhado, arrancado, rasgado, queimado ou roubado. Não é uma publicação que incita a preservação de determinada memória, de mensagens que fazem parte da história de uma empresa como o caso dos jornais e das revistas ilustradas.

Pelo contrário, servem a um único fim: representar seu emissor, trazendo uma mensagem que não pode ser ignorada por seu expectador, ainda que isso custe sua integridade.

Nesse sentido, não nos espanta que ao tentar mapear a existência de cartazes Nazistas tenhamos encontrado entraves. Ainda, não acreditamos que sua escassez seja prova de que sua importância seja diminuta. Ao contrário, apesar de os cartazes em si serem difíceis de encontrar, os registros sobre as tiragens de publicação durante o período Nazista deixam claro sua importância. Extensa, porém indelével para os objetivos do que aqui se propõe, as palavras de Sales dimensionam a grandeza da produção de cartazes no período:

Pode-se ter uma noção da grandeza da produção e distribuição dos cartazes de propaganda a partir de duas fontes. A primeira referência quantitativa é do ano de 1937, e diz respeito à exposição “Gebt mir vier Jahre Zeit” [Dê-me mais quatro anos]. Um cartaz impresso em ofsete de seis cores que mostra Hitler em frente a uma paisagem industrial teve uma edição de 100.000 pequenos cartazes em cartolina no formato 29,7 x 42 cm, com furos para serem pendurados na parede; 75.000 cartazes de 84 x 238 cm para a afiação em colunas; e 15.000 cartazes de 84 x 119 cm. A segunda fonte faz referência à emissão de cartazes no primeiro ano da guerra, e é dada pela revista Unser Wille und Weg [Nossa vontade e caminho], destinada exclusivamente a propagandistas das diversas subdivisões regionais e locais do Ministério da Propaganda. A edição de número 11, publicada em janeiro de 1941, apresenta o trabalho de propaganda realizado no primeiro ano da Segunda Guerra Mundial. Ao todo, foram produzidos aproximadamente 7.766.000 cópias de doze cartazes diferentes, o que representa uma média de 485.000 cartazes por mês, ou 16.116 cartazes impressos por dia. Deste total, foram produzidos 1.950.000 cópias de quatro cartazes de texto, 3.050.000 cópias de cinco cartazes de imagem. Os dois cartazes do filme “Der ewige Jude” [O eterno judeu], de propaganda anti-semita, tiveram uma edição de 23.000 cópias cada. Para a campanha de recolhimento de metal, foram feitas 520.000 cópias de cartazes de imagem e 330.000 cópias de cartazes de texto. Para divulgar as exibições de slides de fotos da guerra para os soldados da Wehrmacht, as forças armadas alemãs, foram produzidas 200.000 cópias. Os cartazes de divulgação de eventos promovidos pelo NSDAP também tiveram uma tiragem alta. Foram 700.000 cópias para anunciar os Reichsparteitage, os grandes comícios do NSDAP realizados no campo Zeppelin em Nuremberg, além de 1.300.000 cópias para anunciar os encontros de organizações menores do NSDAP (SALES, 2006, p. 30).

Não nos fora possível, em muitos momentos, analisar os cartazes apontados como fonte em seus dados concretos, visto o contexto da pandemia da Covid-19 que impossibilitou o acesso físico aos cartazes. Apesar disso, a catalogação dos cartazes disponibilizados pelo USHMM foi uma das fases dessa pesquisa, mas este trabalho não pretende apresentar somente levantamentos

quantitativos a respeito de dados dos cartazes como tiragem, materialidade, quem o encomendou, qual órgão o fez e por qual motivo. Dessa forma, não tomamos como objetivo principal encontrar seu autor e as razões pelas quais o produziu. Isso, por si só, abarcaria o tempo e a investigação de uma pesquisa de mestrado. Mesmo que estas informações sejam trazidas à baila sempre que possível¹⁶, nosso intento aqui se mostra muito mais ligado às questões imagéticas de forma iconológica, como explicaremos mais a diante. Desta forma, nossa análise toma como foco central a mensagem que interlocutor (aqui entendido como membro ativo do Partido Nazista), pretende que atinja o receptor, moldando nestes entendimentos, conceitos e criando dentro de um imaginário coletivo mensagens acerca dos considerados inimigos, a saber, os judeus.

A questão propagandística, tema caro aos Regimes totalitários, é um mecanismo utilizado no controle e na alienação das mentes a fim de massificar o pensamento de um determinado povo, mantendo assim o poder do Regime opressor do Estado sobre seu povo, além de fazê-lo também em relação ao imaginário dos indivíduos. Partimos, portanto, do pressuposto de que o objetivo de segregar socialmente a comunidade judaica, criando assim no imaginário alemão e das populações dos países ocupados uma aversão que possibilitasse a execução do plano de eliminação dos judeus, passa pelo crivo do sucesso da propaganda de cunho político do partido Nazista, sobretudo aquela realizada através de cartazes.

Entretanto, é necessário muita cautela ao produzir algumas afirmações. É notório para a historiografia o passado de Hitler, e seu envolvimento desde muito cedo com as questões políticas. Mas uma observação que se mostra necessária de ser feita gira em torno do fato de que o conceito de eugenismo não surgiu através do pensamento hitlerista. Segundo Diwan, “a eugenia na Alemanha está diretamente ligada à ascensão de Hitler ao poder, em 1933. No entanto, não é verdadeiro dizer que as ideias eugênicas pertencem exclusivamente à ideologia Nazista” (DIWAN, 2015, p. 63). Assim sendo, trabalhar as ideias propostas e executadas por Hitler durante sua estada no poder na Alemanha e, para além disso, as formas como essas propostas foram executadas e seus impactos na sociedade, passa necessariamente por refazermos

¹⁶ Na introdução, fora explicado o contexto do Covid-19 no qual esta pesquisa se desenvolveu. Apesar de, após a vacinação em massa haver ocorrido, a maior parte das instituições ter voltado não somente a funcionar como a disponibilizar visitas a itens de seu acervo, o USHMM não seguiu essa premissa. Nosso último contato com a equipe do Museu, via e-mail, data do final de setembro de 2022 e ainda assim fomos informados que os itens aqui utilizados como fonte não estão disponíveis ao acesso público por tempo indeterminado.

os passos da ascensão da eugenia no mundo que, em sua criação, já ambicionava o status de ciência.

Neste sentido, recordamos que a eugenia na Inglaterra com Francis Galton é pensada como uma eugenia “positiva” ou “clássica”, que aspira estimular a união entre pessoas biologicamente “bem-dotadas”. Para ele, seria mais importante incentivar a reprodução entre aqueles com a melhor linhagem do que reprimir a reprodução daqueles com a pior linhagem, apesar de crer que a procriação entre os considerados inferiores devesse ser desestimulada.

No outro extremo, encontramos os adeptos da eugenia negativa. Em sua visão, seria necessário prevenir a procriação dos considerados inferiores, de forma que o nascimento daqueles que não se encaixavam não somente biologicamente, mas também socialmente e psicologicamente, fosse evitado. Para isso, a eugenia negativa lançou mão de métodos em maior ou menor medidas, compulsórios. Segundo Diwan:

A eugenia negativa postulou que a inferioridade é hereditária e a única maneira de "livrar" a espécie da degeneração seria através da esterilização eugênica (consentida ou não); da segregação eugênica (por exemplo, o confinamento em sanatórios); das licenças para realização de casamentos e das leis de imigração restritiva. Por definição, a eugenia negativa prevê também métodos como a eutanásia, o infanticídio e o aborto. No entanto, boa parte dos eugenistas do século XX rejeitou essas medidas (DIWAN, 2015, p. 50).

Percebemos, portanto, que a Alemanha Nazista se pauta sobre uma eugenia negativa em busca da construção de uma raça ariana, tanto no território alemão como em países por eles ocupados durante a guerra. Entretanto, não podemos afirmar que a eugenia negativa surgiu com a Alemanha Nazista. Isto porque desde a década de 1930 já existiam movimentações de eugenia negativa em solo estadunidense. As leis de esterilização implantadas na Alemanha Nazista guardam profundas aproximações com a lei de esterilização implementada na Califórnia, notadamente o estado que mais esterilizou em território norte-americano.

Além de focar no extermínio dos judeus, a Alemanha também se valeu do discurso eugênico no intento de esterilizar e matar milhares de pessoas consideradas “indesejáveis”. Interessa observar, segundo a ótica de Diwan, que no que concerne à questão das pessoas tidas como “indesejáveis”, “para a Alemanha, o extermínio não passou de uma medida econômica que poupou aos cofres Nazistas mais de 885 milhões de marcos no cuidado com os "incapacitados". Dessa forma, entende-se como a lógica biológica mascarou a lógica econômica” (DIWAN, 2015, p. 71).

Mas não é somente do discurso eugênico que se valeu Hitler em seu intento de difundir o antissemitismo, seja inicialmente na Alemanha ou, com o passar dos anos e a chegada da Guerra, nos países ocupados. Seu discurso, além de apontar uma “inferioridade científica” dos judeus, aponta-os também como os responsáveis pelo caos econômico em que a Alemanha se encontrava no pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Segundo sua visão, os judeus, aglutinadores de todas as riquezas, seriam os responsáveis por reservar, ao restante da Alemanha, um lugar certo na miséria. Assim, projetavam nos judeus uma liderança da “conspiração mundial” onde estes seriam as mentes e os controladores por trás das nações inimigas. Como aponta Herf:

Na mente e nas declarações públicas dos líderes Nazistas, a Alemanha e seus aliados lutavam numa única guerra defensiva contra uma gigantesca conspiração internacional de desiguais, conduzida por figuras judias trabalhando nos bastidores, enquanto seus cúmplices não judeus, sobretudo os Aliados, eram a fachada pública do inimigo. A narrativa Nazista atribuía enorme autonomia e poder para os judeus, enquanto negava esses atributos aos líderes das nações mais poderosas do mundo, Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Joseph Stalin, os quais identificava como cúmplices, fantoches, lacaios e servos dos judeus. A Alemanha Nazista via seus inimigos como uma conspiração de desiguais. A comunidade judaica internacional estava em seu centro, mexendo os fios que controlavam suas marionetes, neste caso os líderes da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos (HERF, 2014, p. 50).

Essa conspiração estaria descrita em todas as suas minúcias em um texto publicado pela primeira vez em um jornal russo em 1903, chamado *Os protocolos dos Sábios de Sião*. O excerto, de origens questionavelmente contraditórias, foi publicado novamente em 1905, desta vez como apêndice ao texto de Sergei Nilus intitulado *Os Grandes e os Pequenos: A Vinda do Anticristo e o Domínio de Satã na Terra*. Em 1920, uma série de artigos foram publicados no jornal antissemita *The Dearborn Independent*, de propriedade de Henry Ford que, no mesmo ano, publicaria também seu trabalho *O Judeu Internacional* (1920), excerto elogiado por Hitler. Nos anos posteriores, publicações como o londrino *Times* desmascarariam o trabalho, apontando que este seria nada mais do que um plágio malfeito do excerto de Maurice Joly, *O Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu* publicada em 1894 como uma sátira à Napoleão III e

que nada tinha a ver com o tema judaico. O trabalho ganhou notoriedade nos meios Nazistas pelas mãos de Alfred Rosenberg, ideólogo do partido¹⁷.

De uma forma geral, em *Os Protocolos dos Sábios de Sião* alega-se que exista uma conspiração orquestrada por judeus e maçons com o intuito de atingir a dominação mundial através da destruição do mundo ocidental. Com vinte e quatro capítulos dissertados em forma de atas, simulando encontros entre os denominados “sábios de Sião”, a obra “desmascara” os planos judaicos de dominação mundial que ocorreria pelo controle de economias e meios de comunicações de nações ao redor do mundo. O texto é referenciado por Hitler em seu livro no capítulo denominado *Povo e Raça*, em que aponta que

Os "Protocolos dos Sábios de Sião", tão detestados pelos judeus, mostram, de uma maneira incomparável, a que ponto a existência desse povo é baseada em uma mentira ininterrupta. "Tudo isto é falsificado", geme sempre de novo o "Frankfurter Zeitung", o que constitui mais uma prova de que tudo é verdade. Tudo o que muitos judeus talvez façam inconscientemente, acha-se aqui claramente desvendado. Mas o ponto capital é que não importa absolutamente saber que do cérebro judeu provêm tais revelações. O ponto decisivo é a maneira pela qual essas revelações tornam patentes, com uma segurança impressionante, a natureza e a atividade do povo judeu nas suas relações íntimas, assim como nas suas finalidades. A melhor crítica desses escritos é fornecida entretanto pela realidade. Quem examinar a evolução histórica do último século sob o prisma deste livro, logo compreenderá também o clamor da imprensa judaica, pois no dia em que o mesmo for conhecido de todo o povo, nesse dia estará evitado o perigo do judaísmo (HITLER, 2001, p. 292).

Assim, entendemos que o ódio aos judeus ocorre sobretudo pelo fato de que, para Hitler, o judaísmo não seria uma religião, mas uma raça. Somente descaracterizando a imagem religiosa dos judeus seria possível colocá-los enquanto um povo estrangeiro, não pertencente ao dito arianismo. Ao citar *Os Protocolos*, Hitler ainda aponta que

O judaísmo nunca foi uma religião, e sim sempre um povo com características raciais bem definidas. Para progredir teve ele, bem cedo, que recorrer a um meio para dispersar a atenção Malévola, que pesava sobre seus adeptos. Que meio mais conveniente e mais inofensivo do que a adoção do conceito estranho de "comunhão religiosa"? Pois, aqui, também, tudo é emprestado, ou melhor, roubado - a personalidade primitiva do judeu, já por sua natureza, não pode possuir uma organização religiosa, pela ausência completa de ideal, e, por isso mesmo, de uma crença na vida futura. Do ponto de vista ariano, é impossível imaginar-se, de qualquer maneira, uma religião sem a convicção da vida depois da morte. Em verdade, o Talmud também não é um livro de preparação ao outro

¹⁷ Para mais informações a respeito da atuação de Alfred Rosenberg, bem como seu papel na disseminação das ideias do excerto *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, ver: FINK, 2020.

mundo, mas sim para uma vida presente boa, suportável e prática (HITLER, 2001, p. 290).

Diante do exposto, destacamos a utilização ferrenha da propaganda com o intuito de disseminar e fixar no imaginário popular o antissemitismo. Para tanto, apresentamos, através de Bronislaw Baczko, a definição do que entendemos como “imaginário social”, conceito fundamental a esse trabalho:

Os imaginários sociais são referências específicas em um vasto sistema simbólico que toda coletividade produz e através do qual ela "se percebe, se divide e elabora as suas finalidades". Desse modo, através desses imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade elaborando uma representação de si mesma; marca a distribuição dos papéis e as posições sociais; expressa e impõe certas crenças comuns, fixando especialmente modelos formadores como o do "chefe", o de "bom súdito", o de "guerreiro valente", o de "cidadão", o de "militante", etcetera. Assim, é produzido uma representação totalizante da sociedade como uma ordem segundo a qual cada elemento tem o seu lugar, sua identidade e sua razão de ser. Designar sua identidade coletiva é, conseqüentemente, marcar o seu "território" e as fronteiras dele, definir suas relações com os "outros", formar imagens de amigos inimigos, de rivais e de aliados; do mesmo modo, significa conservar e moldar as lembranças do passado, bem como projetar para o futuro seus medos e esperanças. Os modos de funcionamento específicos desses tipos de representação em uma coletividade se refletem particularmente na elaboração dos meios de sua proteção e difusão, bem como de sua transmissão de uma geração para outra. Dessa forma, o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva. Da mesma forma que as demais referências simbólicas, os imaginários sociais não indicam aos indivíduos apenas o seu pertencimento a uma mesma sociedade, mas, sim, também definem, mais ou menos precisamente, os meios inteligíveis de suas relações com esta, com suas divisões internas, com suas instituições e etc. Assim, o imaginário social é igualmente uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle de toda a vida coletiva e, especialmente, do exercício do poder¹⁸ (BACZKO, 2005, p. 28).

¹⁸ No original: “Los imaginarios sociales son referencias específicas en el vasto sistema simbólico que produce toda colectividad y a través del cual ella “se percibe, se divide y elabora sus finalidades”. De este modo, a través de estos imaginarios sociales, una colectividad designa su identidad elaborando una representación de sí misma; marca la distribución de los papeles y las posiciones sociales; expresa e impone ciertas creencias comunes, fijando especialmente modelos formadores como el del “jefe”, el del “buen súbdito”, el del “valiente guerrero”, el del “ciudadano”, el del “militante”, etcétera. Así, es producida una representación totalizante de la sociedad como un “orden”, según el cual cada elemento tiene su lugar, su identidad y su razón de ser. Designar su identidad colectiva es, por consiguiente, marcar su “territorio” y las fronteras de éste, definir sus relaciones con los “otros”, formar imágenes de amigos y enemigos, de rivales y aliados; del mismo modo, significa conservar y modelar los recuerdos pasados, así como proyectar hacia el futuro sus temores y esperanzas. Los modos de funcionamiento específicos de este tipo de representaciones en una colectividad se reflejan particularmente en la elaboración de los medios de su protección y difusión, así como de su transmisión de una generación a otra. De esta manera, el imaginario social es una de las fuerzas reguladoras de la vida colectiva. Al igual que las demás referencias simbólicas, los imaginarios sociales no indican solamente a los individuos su pertenencia a una misma sociedad, sino que también definen, más o menos precisamente, los medios inteligibles de sus relaciones con ésta, con sus divisiones internas, con sus

Partindo do pressuposto de que a Alemanha Nazista se valeu, durante toda a sua estada no poder, de mecanismos inseridos conscientemente na propaganda – sobretudo nos cartazes – a fim de controlar o imaginário social das massas gerando espaços de vasão para, como aponta Arendt, um Mal Radical, debate basilar deste trabalho, não podemos deixar de observar como a máquina de propaganda funcionava dentro do Regime Nazista, tanto em território alemão como nos países ocupados por ela no período de Guerra.

De forma cronológica, podemos afirmar que a criação do Ministério do Reich de Esclarecimento Popular e Propaganda (RMVP) já em 1933 foi de vital importância para que desde um primeiro momento, todos os âmbitos da vida cotidiana alemã ligados à imprensa, propaganda, filmes, literatura e artes passassem pelo controle e crivo do Partido. Neste sentido, observamos ainda que a destruição da imprensa livre expandiu o controle Nazista sobre a formação da opinião pública alemã, sendo espaço de formação de uma imagem deturpada dos judeus.

Os cartazes e a propaganda

Ante o exposto, segundo identificamos, a propaganda produzida pelo Estado (note-se a importância da criação do RMVP ora mencionado) possui papel crucial na execução do objetivo inegável de segregar os judeus. Assim, importante ressaltar a magnitude da propaganda no Regime Hitlerista, mas principalmente do cartaz de propaganda. Um cartaz “é um aviso de grande formato próprio para a afixação em ambientes amplos ou ao ar livre” (SALES, 2006, p. 29), o que torna sua visualização quase que automática para o indivíduo que passa por ele, pois o cartaz salta aos olhos.

No caso da Alemanha Nazista, é possível observar que dois grandes polos, sabidamente opostos, dão forma a propaganda. No primeiro polo, encontramos o tema do arianismo, que exalta a figura do “alemão de raça pura”, e é permeada de otimismo e de um discurso de autoafirmação e que, assim sendo, lapida um sentimento de esperança no povo alemão. Por outro lado, no segundo polo, encontramos a propaganda antissemita, que coloca o judeu na posição de

instituciones, etcétera. De esta manera, el imaginario social es igualmente una pieza efectiva y eficaz del dispositivo de control de la vida colectiva, y en especial del ejercicio del poder.”

inferior e utiliza elementos como o medo e o terror para mistificar de forma pejorativa a figura do judeu.¹⁹ Esses polos opostos podem ser encontrados nas relações Nazistas não só com a propaganda, mas também com a arte. Segundo Bortolucce

Enquanto os propagandistas Nazistas promoviam a arte adequada para a promoção do sonho ariano, ao mesmo tempo demonizavam a arte moderna. Sobre esta última criticavam, essencialmente, o seu aspecto internacionalista, que não se prestava a ilustrar um determinado Regime político, nem se interessava por fortalecer determinada identidade nacional. De acordo com os líderes dos Regimes totalitários europeus da primeira metade do século XX, a arte moderna realizava um desserviço, eliminando os valores nacionais da arte. A arte de vanguarda seria a equivalente dos judeus: degenerada (BORTOLUCCE, 2008, p. 53).

Ainda, em relação a propaganda Nazista, observamos que o Partido seguia sistemas de propagandas com temas que surgiam através de campanhas de propaganda. Nas questões abordadas enquanto sensíveis a guerra, podemos citar, no quesito pensar o inimigo, assuntos como plutocracia, conspiração judaico-bolchevista, conspiração maçônica, judeu errante, o judeu aproximado a animais, pragas e doenças, ou seja, temas que surgiram ou voltaram aos holofotes a partir de 1939, com o início da guerra.²⁰

Como dito acima, as características atribuídas aos judeus nos cartazes de propaganda Nazistas são as mais diversas. Em 1936, um cartaz com um organograma de Willi Hackenberger editado pela Comissão do Reich para Saúde Popular divulgava as regras das Leis de Nuremberg²¹ e diagramava quem era considerado judeu segundo a nova lei, explanando quais eram os casamentos permitidos e quais os proibidos daquele momento em diante, classificando-os em cinco diferentes colunas, onde pode-se ler: Sangue alemão; *Mischiling* segunda classe; *Mischiling* primeira classe; Judeu e Judeu – onde se encontram os diagramas de linhagem que consistem em círculos descendo ao longo de cada coluna, conectados juntos com pequenas linhas. À medida que cada diagrama continua, os círculos se tornam progressivamente mais preenchidos com vários deles divididos em quadrantes por cruzes vermelhas, azuis e brancas.

¹⁹ Mais informações sobre como funcionavam os mecanismos de polos opostos na propaganda, podem ser encontradas no trabalho de Welch, especialmente o capítulo 04: Propaganda and Public Opinion, 1933-39. ver: WELCH, 2002.

²⁰ Ver KALLIS, 2008; e WELCH, 2002.

²¹ Todas as traduções aqui apresentadas são de responsabilidade da autora do trabalho. O acervo USHMM apresenta traduções formais de todos os cartazes para o Inglês. No original: “*Die Nürnberger Gesetze*”.

Abaixo do gráfico, no canto inferior esquerdo, uma legenda que explica o significado de cada tipo de círculo. O centro inferior mantém uma continuação da coluna central (*Mischling* primeira classe) com mais três diagramas em círculo. Cada coluna explica como são condicionadas as classificações impostas pelas Leis de Nuremberg, assim como, a partir daí, as uniões legais e proibidas e onde se classificam os filhos que foram e que podem vir a ser gerados em cada uma das uniões. Neste cartaz é possível identificarmos o início das medidas institucionalizadas de discriminação judaica, bem como o início do processo que coloca o judeu à margem da sociedade.

Imagem 03: *Die Nürnberger Gesetze*²², Alemanha, 1936



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line.²³

²² “As Leis de Nuremberg”, em tradução livre.

²³ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn11299> e registrado sob o rg number 1996.113.1. Acesso em: agosto de 2020.

Ainda em 1936, podemos observar cartazes de propaganda Nazista que misturam os dois polos transmitindo uma mensagem bem clara: não compre de judeus, que são um povo mercenário, sujo e perverso, mas compre de alemães, arianos que vendem a preço justo e com qualidade. Este cartaz faz frente aos comerciantes judaicos e traz um homem representando um judeu com as feições caricatas que lhe foram atribuídas pelo Regime Nazista – nesse caso representado majoritariamente pelo nariz adunco, pelos olhos avermelhados e pela representação sombreada em contraste com o restante claro – que carrega uma caixa com produtos e está batendo de frente a um poste cuja placa estampa a palavra *Halt* que significa “pare”. “Fruto” da batida, é possível observar estrelas de Davi saindo da cabeça do homem, de onde escapa um chapéu que revela um curativo em sua nuca. Em frente a ele, do outro lado da rua, encontra-se um estabelecimento de cor rosada com vários letreiros que anunciam produtos de qualidade alemã com preços justos. A assinatura do artista e o nome do editor podem ser identificadas, enfim, no canto inferior direito.

O caráter antissemita da publicação é inegável. Seu intuito era o de promover a segregação dos comércios judeus no território alemão, afirmando que aquilo que era vendido por eles possuía qualidade inferior, bem como que eles enganavam a população por meio de barganhas, denegrindo, novamente, a imagem do povo judeu.

Imagem 04: *Schluss mit dem jüdischen Schachergeist!*²⁴, Alemanha, 1936.

²⁴ “Termine com o espírito de pechincha judaico!”, em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line²⁵

Em 1937 a exposição itinerante antissemita “O eterno Judeu”²⁶ foi inaugurada em Munique, na Alemanha, sendo realizada até 1938. Segundo Welch (2002), “O estereótipo judeu retratado na propaganda Nazista serviu para reforçar as ansiedades sobre os desenvolvimentos modernos na vida política e econômica, sem a necessidade de questionar a realidade do papel

²⁵ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn8220> e registrado sob o rg number 1993.42.1. Acesso em: agosto de 2020.

²⁶ No original “Der Ewige Jude”.

judaico na sociedade alemã”²⁷. O cartaz de apresentação da exposição traz em fundo amarelo, um judeu sombrio e caricato: o nariz adunco, a barba longa e usando um quipá. Em sua mão esquerda segura algumas moedas e na direita, algo que se assemelha a um chicote com nós, e pressionado entre seu braço direito e seu corpo, uma representação de um mapa com a foice e o martelo, símbolos conhecidos como representantes do comunismo. Na parte inferior, uma faixa preta com dizeres em amarelo apresenta ao leitor as informações a respeito da exposição. Ainda de acordo com o autor, “a exposição atraiu 412.300 visitantes, mais de 5.000 por dia. Os relatórios SD afirmaram que [a exposição] ajudou para promover um aumento acentuado de sentimentos antissemitas e, em alguns casos, de violência”²⁸ (WELCH, 2002, p. 97).

O cartaz contribui para ilustrar a construção da imagem do judeu que, intensificada durante o período de guerra, se inicia em momento anterior: primeiramente, por apresentar a forma adotada pelo NSDAP para representar a figura do judeu – não um judeu em específico, mas a figura generalizada que se esperava cunhar no imaginário da grande massa alemã do judeu oriental, como debateremos na análise das fontes –; e, em segundo momento, por levantar a discussão a respeito dos espaços que o antissemitismo pôde adentrar nessa sociedade, visto que a exposição atraiu mais de um milhão de visitantes. Posteriormente, nos anos 1940, um filme com aspirações de documentário seria produzido em continuação às ações da exposição. Seu cartaz de divulgação serve como fonte para essa pesquisa.

Imagem 05: *Der Ewige Jude*²⁹, Alemanha, 1937

²⁷ No original: “The Jewish stereotype depicted in Nazi propaganda served to reinforce anxieties about modern developments in political and economic life, without the need to question the reality of the Jewish role in German society.”

²⁸ No original: “The exhibition attracted 412,300 visitors, over 5,000 per day. The SD reports claimed that it helped to promote a sharp rise in anti-Semitic feelings and in some cases violence.”

²⁹ “*O eterno judeu*”, em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line³⁰

Conforme os idos da guerra, outras características foram atribuídas aos judeus, como por exemplo a questão da conspiração judaica. Para os Nazistas, e sendo assim difundido para a grande massa alemã através dos cartazes, os judeus estavam diretamente ligados aos Aliados, sendo destes apoiadores e financiadores, sendo a figura por trás dos governos e orquestrando a guerra. Logo, surge o conceito de plutocracia no vocabulário alemão para desmascarar a aliança plutocrato-judaico-bolchevista que, segundo as propagandas difundidas, tinha o intuito de dominar a Alemanha e a Europa. Sendo assim, o cartaz “aqui é instrumento para convencer ou

³⁰ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1095865> e registrado sob o *rg number* 25556. Acesso em: agosto de 2020.

para seduzir; a argumentação [...] não passa, com efeito, de um meio de sedução ou persuasão” (MOLES, 2004, p. 53). Esta temática será abordada de forma mais aprofundada mais adiante, no que concerne as nossas fontes, a saber, os cartazes publicados durante o período da guerra.

A conspiração plutocrato-judaico-bolchevista pregava que havia uma aliança entre os judeus – caracterizados como banqueiros e concentradores de riquezas – e as forças das Nações Aliadas, transformando a Alemanha em “vítima” desta conspiração, onde o povo ariano deveria lutar por sua sobrevivência e seu espaço vital.

O estereótipo usado para representar o judeu plutocrata, infiltrado nas cúpulas de governo por todo o mundo, dono de enormes riquezas no setor industrial, cultural e financeiro, não é, obviamente, a figura do judeu oriental pobre, habitante do gueto, que vive do comércio de pequeno porte por estar isolado da sociedade e dos meios produtivos. A propaganda recupera a figura de um judeu gordo, elegantemente vestido de terno, bem escanhado, e sem nenhuma característica externa que o identifique como judeu, apenas os traços de sua fisionomia. Este judeu, em última instância, não lutaria pela prosperidade do capitalismo e nem pela revolução bolchevista como forma de se conquistar a utopia do comunismo. Ele manipularia os chefes de Estado de várias nações do mundo como uma espécie de “eminência parda” na política internacional, usando de sua riqueza para conquistar influência e realizar, secretamente, seu plano de dominação mundial. [...] Não é difícil notar que o exagero na descrição da escala destes planos tenciona inspirar uma espécie de paranoia coletiva nos alemães, que deveria servir tanto para justificar as políticas antissemitas do Regime hitlerista como para inspirar coragem e motivação em uma tentativa de recrudescer o moral dos alemães para o esforço de guerra. A propaganda nacional-socialista tentava criar uma noção de que os Aliados teriam usado as suas disputas territoriais com a Polônia como pretexto para declarar guerra contra a Alemanha (SALES, 2006, p. 118 – 119).

Ante o exposto até aqui e que será aprofundado na análise das fontes, podemos afirmar que dentro da questão antissemita os principais objetivos da propaganda se baseavam, em maior escala, em atingir a imagem do judeu de três maneiras: primeiramente ao associá-los a imagem de pragas, como ratos e piolhos, os posicionando em uma condição sub-humana; em segundo lugar, como desonestos nos negócios e no trabalho e, por fim, ao colocá-los como perversos orquestradores do Mal, controladores de uma conspiração mundial que tinha como objetivo subjugar as nações e controlar o mundo. Dessa forma, como veremos adiante, a propaganda se ocupava de repetir um sem-fim de vezes o mesmo imperativo e a mesma representação, com os mesmos assuntos. Segundo Bortolucce, essa atitude não se dava de forma aleatória, pois

A estética Nazista apoiou-se em um sistema forte e sólido de propaganda, que tinha de ser simples, dirigido às massas e concentrada no menor número de

elementos possível. As ideias nacional-socialistas eram repetidas de vários modos e várias vezes, girando em torno de aspectos emocionais como o amor e o ódio. Por meio da continuidade e da uniformidade constante da sua aplicação, a propaganda, concluiu Hitler, conduziria a resultados além da compreensão humana. Goebbels, o ministro da propaganda do partido, dizia que se uma mentira fosse contada mil vezes, ela se tornaria realidade (BORTOLUCCE, 2008, p. 46).

Nunca saberemos ao certo o número exato de alemães que, influenciados pelos cartazes de propaganda antissemita, denunciaram os judeus que conheciam, mas podemos afirmar com segurança que os imperativos inseridos nestes cartazes como mecanismos de convencimento, de fato, convenceram muitos espectadores. Como aponta Ginzburg, “uma descarga de energia social ocorreu; um comando foi introjetado e se transformou numa decisão que era, literalmente, questão de vida e morte” (GINZBURG, 2014, p. 69).

Entretanto, apesar de ser claro o efeito do uso do cartaz enquanto propaganda política, enquanto ato político que ocupa o espaço visual de forma que o telespectador não pode se negar a vê-lo, somente a afirmativa de que o cartaz se molda como objeto influenciador não é suficiente. A comprovação empírica dos efeitos que os cartazes causam na grande massa, necessitam de uma análise e de um entendimento de como os cartazes atuavam. Novamente, nos valem do trabalho de Ginzburg para sanar essa questão.

O autor, no trabalho intitulado *Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política* (2014), apresenta o capítulo “Seu país precisa de você: Um estudo de caso em iconografia política”, onde discute a importância do cartaz de propaganda produzido através da imagem de Lord Kitchener para o alistamento dos britânicos na Primeira Guerra. Em nosso trabalho, apesar do enfoque não se encontrar na Primeira Guerra, observamos as reflexões propostas por Ginzburg e o impacto e as inspirações que gerou este cartaz, e que perpassam os territórios italiano, estadunidense, russo e também alemão. Assim sendo e, apoiados na observação de ser possível perceber o sucesso deste cartaz de propaganda através do fato de que os números de alistamentos cresceram drasticamente, assim como da observação de a ideia chamativa ter sido reproduzida em vários outros países, pode restar entendido que existiu, no período de guerras, uma intensa movimentação propagandística na Europa com o intuito de convencer as massas a respeito dos mais diversos assuntos.

Nunca saberemos quantas pessoas decidiram se apresentar como voluntários sob o impulso da imagem de Kitchener. Em alguns casos, a razão última para essa escolha deve ter sido obscura para os próprios atores. Certamente é

inescrutável para observadores posteriores como nós. Mas podemos com segurança supor que os imperativos transmitidos por esses cartazes — SEU REI E SEU PAÍS PRECISAM DE VOCÊ, KITCHENER QUER MAIS HOMENS, e assim por diante — atingiram muitos espectadores. A representação da autoridade atuava como a própria autoridade (GINZBURG, 2014, p. 69).

A questão propagandística, observa-se, é tema central de Regimes totalitários, sejam eles quais forem e em quais épocas ocorram. Esse mecanismo é utilizado no controle e na alienação das mentes a fim de massificar o pensamento de um determinado povo, mantendo assim o poder do Regime opressor sobre o Estado, mas também sobre o imaginário dos indivíduos, corroborando com a hipótese aqui apresentada: a construção de uma visão deturpada da comunidade judaica na sociedade alemã e sob ocupação Nazista, onde a sociedade se torna massificada, dando suporte as atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich – é um fenômeno cultural natural à essência do Regime ou pode ser explicado através de mecanismos inseridos no âmbito da propaganda, destacadamente no uso dos cartazes durante o governo Nazista?

Capítulo 2

O cartaz como arma: poder e influência das imagens no discurso antissemita

A pesquisa que aqui se apresenta, como já observado acima, objetiva tomar por fonte sete cartazes publicados no período compreendido entre 1939 e 1944 no território da Alemanha Nazista, bem como nos países ocupados por ela durante a Segunda Guerra Mundial. Nosso debate historiográfico se inicia com a instituição das Leis de Nuremberg e, consequentemente, da instauração da perseguição contra os judeus de forma institucionalizada, e nossa análise se pauta no início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, e termina em 1944, visto que o avanço não somente da guerra, mas também da funcionalidade da máquina de extermínio contra os judeus já tomava proporções gigantescas, chegando, em seu auge, a eliminar um sem-número de judeus por dia somente na unidade de Auschwitz. Assim sendo, a propaganda após 1944 até o final da guerra não compõe nosso recorte, visto que já não havia, no convívio da grande massa, a figura do judeu.

Antes de partirmos para a apresentação dos cartazes, visualizamos ser sumário explanarmos a teoria sobre a qual nos debruçaremos para realizar a análise, bem como justificarmos nossa escolha. Assim sendo, após uma busca aprofundada das metodologias utilizadas pelos historiadores que trabalham com análise de cartazes, encontramos na teoria de Erwin Panofsky, proposta em seu livro *Significado nas Artes Visuais* (2014) extrema importância para a análise dos cartazes selecionados, pois apesar de seu enfoque girar em torno das discussões sobre a arte na Renascença, os conceitos debatidos por ele são atemporais. Não podemos deixar de observar a relação de Panofsky com a obra de Aby Warburg que, em seus trabalhos, deixou claro que enxergava – e buscava solucionar – um problema de método. Isso porque para Warburg a imagem precisava ser pensada para além de sua representação somente estética, mas através de seu sentido. Dessa forma, indo além da ideia estetizante do enxergar a imagem, pensá-la poderia oportunizar a visualização de aproximações e afastamentos de significados em representações semelhantes. Como aponta Maciel

Aby Warburg (1826-1929) propôs em seus estudos uma reconfiguração da disciplina da história da arte em favor de uma “ciência da cultura” (Kulturwissenschaft): uma história das imagens marcada pela transversalidade do saber, que reuniria aspectos da história, filosofia, psicologia, antropologia,

arte e estética. É justamente no final de seu percurso crítico que Warburg demonstra de modo mais enfático essa tendência à transversalidade epistêmica e à percepção associativa entre as variáveis que compõem uma imagem (MACIEL, 2018, p. 192).

Em seu trabalho, Warburg apresenta os conceitos de *Phatosformel*, que indica a necessidade de entender a imagem para além da estética, por sua capacidade de gerar emoção; e *Nacheleben* como sendo a capacidade da imagem de permear através dos tempos. Como apontamos na introdução, existe uma intensa influência de Warburg na obra de Panofsky, mas ambos se diferem quando Warburg trabalha apenas o conceito de iconografia, ficando a cargo de Panofsky a expansão da discussão iconológica.

Em sua teoria, Panofsky salienta que o homem se difere dos animais no ponto em que deixa registros para a posteridade de forma consciente. Neste sentido, observa na relação do homem com os registros importância vital, sobretudo no tocante a esta consciência, pois

Outros animais empregam signos e ideiam estruturas, mas usam signos sem “perceber a relação da significação” e ideiam estruturas sem perceber a relação da construção. Perceber a relação da significação é separar a ideia do conceito a ser expresso dos meios de expressão. E perceber a relação de construção é separar a ideia da função a ser cumprida dos meios de cumpri-la.” (PANOFSKY, 2014, p. 23)

Dessa forma, entende que o homem conscientemente visualiza nestes registros uma capacidade e uma necessidade de manter viva a memória através do tempo, formando o material do qual se vale o “humanista”, que para Panofsky, cumpre o papel de historiador.

Por conta disso, dedica-se a pensar a forma como este humanista lida com os registros tomados como fontes, comparando-o com o cientista do mundo natural. Para ele, inicialmente é necessário que ocorra, em ambos os casos, a observação. Essa observação não ocorre de forma simplista, mas tende a direcionar olhares, no caso do humanista, através de um conceito geral da história intrínseco a sua formação.

Além disso, Panofsky observa que “todo conceito histórico baseia-se, obviamente, nas categorias do espaço e tempo. Os registros, e tudo o que implicam, têm que ser localizados e datados.” E prossegue dizendo que, nesse quesito, “esses dois atos são, na realidade, dois aspectos de uma mesma coisa” (PANOFSKY, 2014, p. 25 - 26), visto que contemporaneidade é um conceito definitivamente perigoso ao se observar o trato com as fontes. Observa ainda que

“dois fenômenos históricos são simultâneos ou apresentam uma relação temporal entre si, apenas na medida em que é possível relacioná-los dentro de um “quadro de referência”, sem o qual o próprio conceito de simultaneidade não teria sentido na história” (PANOFSKY, 2014, p. 26).

Aventa, portanto, que o material pode ser dividido em cosmo natural ou cultural, na medida em que se observa quem o analisa e qual a finalidade desta análise, se o cientista, que o olha como auxiliador em seu trabalho, ou o humanista, que olha para o material como objeto de análise. Delimitando, portanto, a forma correta de análise que se deve seguir, o autor observa que “a sucessão de passos pelos quais o material é organizado em cosmo natural ou cultural é análoga, e o mesmo é verdade com respeito aos problemas metodológicos que esse processo implica” (PANOFSKY, 2014, p. 26). A seu ver, o primeiro passo, como já dito, versa sobre a observação, no caso do humanista, atrelada ao exame dos registros humanos. Em um segundo momento, é necessário interpretar esses registros, com o objetivo de “descodificá-los”. Em um terceiro momento, o humanista deve classificar e coordenar esses registros em um sistema coerente, inteligível.

Através destes passos, o autor é muito perspicaz ao afirmar que

A seleção do material para observação e exame é predeterminada, até certo ponto, por uma teoria ou por uma concepção histórica genérica. Isso é ainda mais evidente dentro do próprio processo, onde cada passo rumo ao sistema que “faça sentido” pressupõe os precedentes e os subsequentes. [...] Quando um humanista examina um registro, usa *documentos* que são, por sua vez, produzidos no decurso do processo que pretende investigar” (PANOFSKY, 2014, p. 26 – 27, grifos do autor).

É dizer que para Panofsky o material selecionado – que nomearemos neste trabalho como fonte – é escolhido para ser questionado com perguntas, sobre um determinado período, que já existem. Assim essa fonte é olhada através destas questões preexistentes, mas, quando analisada, gera suas próprias perguntas. Neste sentido, visualizamos em Panofsky uma discussão de extrema importância que atrela a análise dos documentos sob o prisma de um conceito histórico, ao mesmo tempo em que o contrário também é válido. Apesar disso, não se pode dizer que as ligações entre fonte e conceito histórico colocam o trabalho em um ponto sem resolução. Nesse sentido, e a título de ilustração, trazemos a citação longa, porém necessária de Panofsky, sobre o tema:

É verdade que os monumentos e documentos individuais só podem ser examinados, interpretados e classificados à luz de um conceito histórico geral, ao mesmo tempo que só se pode erigir esse conceito histórico geral com base em monumentos e documentos individuais; do mesmo modo, a compreensão dos fenômenos naturais e o emprego dos instrumentos científicos dependem de uma teoria física generalizada e vice-versa. Essa situação, no entanto, não é, de jeito algum, um beco sem saída. Cada descoberta de um fato histórico desconhecido, e toda nova interpretação de um já conhecido, ou se “encaixará” na concepção geral predominante, enriquecendo-a e corroborando-a por esse meio, ou então acarretará uma sutil ou até fundamental mudança na concepção geral predominante, lançando assim novas luzes sobre tudo o que era conhecido antes. Em ambos os casos, o “sistema que faz sentido” opera como um organismo coerente, porém elástico, comparável a um animal vivo quando contraposto a seus membros individuais; e o que é verdade nas relações entre monumentos, documentos e um conceito histórico geral nas humanidades, é igualmente verdadeiro entre fenômenos, instrumentos e teoria nas ciências naturais” (PANOFSKY, 2014, p.28 – 29).

Com efeito, em sua temática – a história da arte e a análise de obras de arte –, o autor explana que a forma como o humanista lida com o material de sua investigação, dividindo os materiais em primários e secundários, é o que define, em maior medida, o historiador da arte. É dizer que para Panofsky, o historiador da arte é o humanista que, ao contrário de outros historiadores, coloca a obra de arte como seu material primário, como o material visualizado como tema central de sua investigação. Assim sendo, questiona seu leitor, e aqui muito nos interessa suas indagações, sobre o que e quais as funções de uma obra de arte. Para ele, uma obra de arte não é necessariamente criada com a finalidade última de ser “experimentada esteticamente”, tendo assim uma utilidade. Apesar de seu significado estético, toda obra de arte possui uma intenção. Assim, observa que os objetos que “não exigem a experiência estética, são comumente chamados de “práticos” e podem dividir-se em duas categorias: veículos de comunicação e ferramentas ou aparelhos.” (PANOFSKY, 2014, p.31) E observa ainda sobre as suas funções que

o veículo ou meio de comunicação obedece ao “intuito” de transmitir um conceito. A ferramenta ou aparelho obedece ao “intuito” de preencher uma função (função essa que, por sua vez, pode ser a de produzir e transmitir comunicações, como é o caso da máquina de escrever ou da luz do semáforo). A maioria dos objetos que exigem experiência estética, ou seja, obras de arte, também pertencem a essas duas categorias. Um poema ou uma pintura histórica são, em certo sentido, veículos de comunicação; [...] Mas tenho que dizer “num certo sentido”, pois há essa diferença: no caso do que se pode chamar de “um mero veículo de comunicação” ou “um mero aparelho”, a intenção acha-se definitivamente fixada na ideia da obra, ou seja, na mensagem a ser transmitida,

ou na função a ser preenchida. No caso de uma obra de arte, o interesse na ideia é equilibrado e pode até ser eclipsado por um interesse na forma. Entretanto, o elemento “forma” está presente em todo objeto sem exceção, pois todo objeto consiste de matéria e forma; e não há uma maneira de se determinar com precisão científica, em que medida, num caso dado, esse elemento da forma é o que recebe a ênfase. *Portanto, não se pode e não se deve tentar definir o momento preciso em que o veículo de comunicação ou aparelho começa a ser obra de arte.* (PANOFSKY, 2014, p. 31, grifos nossos)

Assim, tomados de profunda concordância para com as observações de Panofsky sobre a relação intrínseca entre obra de arte e veículo de comunicação, entendemos ser possível utilizar suas teorias de análise, apesar de serem estas voltadas para a análise de obras de arte, para analisarmos os cartazes de propagandas produzidos e publicados na Alemanha Nazista e em países por ela ocupados. Para tanto, nos valeremos dos três passos propostos por Panofsky – observar e examinar os registros, interpretar e decodificar, classificar em uma ordem que faça sentido – aliados aos conceitos de iconografia e iconologia também propostos por ele, e que apresentaremos a diante, para analisar os cartazes selecionados para compor este trabalho.

Em primeiro lugar é necessário observar que para o autor, o trabalho do historiador da arte em construir uma análise da obra de arte, passa, necessariamente, por observar as condições históricas em que aquela obra de arte foi criada. Assim, a análise da obra alarga o conhecimento sobre o período, tal qual o período alarga o conhecimento sobre a obra.

Dessa forma, apresenta que a “iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma”, e enxerga profunda necessidade em diferenciar tema ou significado de forma. Para tanto, utiliza-se do exemplo do cumprimento de tirar o chapéu, identificando este gesto na “percepção puramente formal”, “o que vejo, [...] é apenas a mudança de alguns detalhes dentro da configuração que faz parte do padrão geral de cores, linhas e volumes que constitui o mundo da minha visão” (PANOFSKY, 2014, p. 47). Mas, se observarmos este gesto para além daquilo que vemos com os olhos e interpretarmos esta ação, transpomos os limites da percepção puramente formal e adentramos outro campo, o do significado factual. Esse significado “é apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos”. Quando a ação do outro provoca em mim percepção das nuances de sua personalidade e de seus sentimentos, denomina-se como significado expressional. E para Panofsky, “tanto o significado expressional como o factual

podem classificar-se juntos: constituem a classe dos significados primários ou naturais” (PANOFSKY, 2014, p. 48).

Por outro lado, para além do exposto até aqui, existe uma conotação neste gesto, que alude a um cumprimento cavalheiresco. Para compreender esta conotação, é necessário que além de ser capaz de ver aquilo que os olhos veem, ou seja, os objetos e fatos, o expectador da ação também esteja ciente das tradições culturais e dos costumes de uma civilização determinada. Do mesmo modo, aquele que produz o cumprimento não o faria se não possuísse o mesmo conhecimento sobre este costume, mesmo que não estivesse ciente dos significados impressionais que o acompanha.

Assim, o reconhecimento do ato como uma saudação polida, imbuída de costumes vindos de uma civilização determinada, é chamado de significado “secundário” ou “convencional”, que “difere do primário ou natural por duas razões: em primeiro lugar, por ser inteligível em vez de sensível e, em segundo, por ter sido conscientemente conferido à ação prática pela qual é veiculado”. Dessa forma, a ação pode revelar as composições da “personalidade” de seu realizador, que por vezes pode ser condicionada pelo meio no qual esse personagem está inserido. Deste modo, é possível construir um retrato mental desse personagem à luz, não somente de seu ato, mas “coordenando um grande número de observações similares e interpretando-as no contexto de novas informações gerais quanto à sua época, nacionalidade, classe social, tradições intelectuais e assim por diante”. Ainda assim, o autor observa que “inversamente, cada ação pode ser interpretada à luz dessas qualidades” (PANOFSKY, 2014, p. 49). Portanto, Panofsky nos aponta ainda um último tipo de significado: o intrínseco ou conteúdo. Para ele

O significado assim descoberto pode denominar-se intrínseco ou conteúdo; é essencial, enquanto que os outros dois tipos de significado, o primário ou natural e o secundário ou convencional, são fenomenais. É possível defini-lo como um princípio unificador que sublinha e explica os acontecimentos visíveis e sua significação inteligível e que determina até a forma sob a qual o acontecimento visível se manifesta. Normalmente, esse significado intrínseco ou conteúdo está tão acima da esfera da vontade consciente quanto o significado expressional está abaixo dela (PANOFSKY, 2014, p.49 – 50).

Ocupando-se em transpor estes elementos apresentados através de um acontecimento da vida cotidiana para as análises acerca de uma obra de arte, Panofsky encontra as seguintes

categorias dentro da iconografia: o Tema Primário ou Natural que pode ser subdividido em atual e expressional. No atual encontra-se a “identificação das formas puras, ou seja: certas configurações de linha e cor, ou determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar como representativos de objetos naturais”, que podem ser “seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas e assim por diante”. No expressional, é possível identificar “suas relações mútuas como acontecimentos; e pela percepção de algumas qualidades expressivas, como o caráter pesado de uma pose ou um gesto” (PANOFSKY, 2014, p. 50). Assim, é possível denominar o mundo das formas puras como emissária dos significados primários ou naturais, bem como de mundo dos movimentos artísticos. É dizer que este mundo constituiria uma descrição pré-iconográfica da obra de arte.

O Tema Secundário ou Convencional é o momento em que os assuntos e conceitos expressos nesta obra de arte podem ser identificados, vistos através de sua ligação com os movimentos artísticos e as combinações de motivos artísticos.

Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário ou convencional podem chamar-se imagens, sendo que combinações de imagens são o que os antigos teóricos de arte chamavam *invenzioni*; nós costumamos dar-lhes o nome de histórias e alegorias. A identificação de tais imagens, histórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por “iconografia”. De fato, ao falarmos do “tema em oposição à forma”, referimo-nos, principalmente, à esfera dos temas secundários ou convencionais, ou seja, ao mundo dos assuntos específicos ou conceitos manifestados em imagens, histórias, e alegorias em oposição ao campo dos temas primários ou naturais manifestados nos motivos artísticos. [...] É obvio que uma análise iconográfica correta pressupõe uma identificação exata dos motivos (PANOFSKY, 2014, p. 51).

Assim, assinala que a iconografia pode ser entendida como um estudo limitado, capaz apenas de apresentar informações sobre a visualização de temas específicos. Neste sentido, afirma que a iconografia é “a descrição e classificação das imagens”, mas não possui um caráter interpretativo por si só. Mesmo que não possua mecanismos para chegar ao produto de uma interpretação, a iconografia é

[...] de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência. [...] Resumindo, a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o

conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que precisam tornar-se explícitos se se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável (PANOFSKY, 2014, p. 53).

Partindo da discussão do termo iconografia para o entendimento do termo iconologia, e o que este representa na análise da obra de arte, pode-se observar que a iconologia é uma iconografia com capacidade interpretativa, não somente voltada para um exame estatístico preliminar, mas capaz de alargar o entendimento da obra e seu contexto em si.

Assim, o trato com a obra de arte dentro da iconologia é denominado por Panofsky como Significado Intrínseco ou conteúdo. Aqui podemos dizer que é possível identificar o meio em que o autor da obra vive e sua influência sobre ela, bem como elucidar os motivos que o levaram a adotar determinado estilo ou técnica. A junção de todos esses fatores, como as formas puras, os motivos, as imagens, histórias e alegorias forma aquilo que constitui os “valores simbólicos”. O trato com estes “valores simbólicos” é o elemento do que se pode entender como “iconologia”.

Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. E assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, histórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFSKY, 2014, p. 54).

Assim, em resumo, a análise da obra de arte proposta por Panofsky se constrói a partir de três níveis: a descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e a interpretação iconológica. Nossa análise dos cartazes de propaganda segue, portanto, as diretrizes propostas pela teoria panofskyana por identificarmos que o cartaz se encaixa nas descrições de veículo de comunicação aventado por ele e, além disso, por visualizarmos que o sucesso desta pesquisa passa necessariamente pela forma como este trabalho, que toma sua fonte como peça central de toda articulação de análise, se aproxima da forma como trabalha o historiador da arte explanado pelo autor.

No que concerne aos cartazes escolhidos os apresentaremos, para conhecimento do leitor, em ordem cronológica, mesmo que as análises por vezes tragam à luz debates entre cartazes que não estão dispostos cronologicamente.

O judeu construído através dos cartazes: representações do judeu em imagens

A escolha dos cartazes aqui apontados como fonte (e de outros, utilizados a título de exemplificação) não ocorreu de forma aleatória, e ao longo da apresentação de cada cartaz, bem como de sua discussão, abordaremos também sua importância para essa pesquisa. Inicialmente, pretendia-se a análise de dez cartazes publicados entre 1935 e 1944, entretanto, após o alargamento de leituras e o entendimento da complexidade da rede de conexões nas quais a propaganda estava inserida durante o Regime Nazista, percebemos a necessidade de estreitar o foco deste trabalho para o período de guerra, consequentemente reduzindo o número de cartazes analisados. Apesar de já haver essa discussão em outras páginas deste trabalho, torna-se necessário o reforço: o momento crucial do cartaz foi o período de guerra. Herf aponta em suas páginas a necessidade de entendermos a configuração das cidades alemãs – e principalmente de seus centros –, bem como a configuração dos países ocupados durante a expansão de guerra Nazista, nos levando a refletir como boa parte da Europa se locomovia nos idos do final dos anos 1930 e começo dos anos 1940.

Apesar da ideia de mobilidade exacerbada e de velocidade extrema, sabemos que a Alemanha e boa parte dos países europeus se movimentava majoritariamente através de transportes públicos. Nesse sentido, observamos também a importância da classe média-baixa³¹ para os intentos Nazistas desde a eleição de Hitler. Wilhelm Reich já apontava essa importância em seu trabalho *Psicologia das Massas do Fascismo* publicado em 1933. Claro que aqui não pretendemos entrar no âmbito das questões da psicanálise e muito menos do papel da repressão sexual como sintoma da chegada do fascismo ao poder e sua abrangência na Europa, mas a análise que o autor propõe ao apontar a importância da classe média, sobretudo a já citada classe média-baixa, para a ascensão de Hitler ao poder, não pode ser ignorada e vale a pena também ser pensada enquanto estratégia para a manutenção desse poder. Entendendo que Hitler não somente almejava, mas tinha consciência da importância de atingir as classes mais densas e menos favorecidas com os ideais Nazistas, e entendendo também a importância do papel que a propaganda desempenhava enquanto espaço de controle do imaginário social da população, resta óbvio um dos motivos pelos quais os cartazes foram amplamente utilizados: como ferramenta de acesso às camadas mais baixas da população que se concentravam em grandes centros todos os dias, sobretudo como forma de locomoção. Isso se reflete na própria confecção dos cartazes, no uso das cores e das imagens, como abordaremos na apresentação das análises.

³¹ Para a definição de classe média-baixa, ver: REICH, 1972.

Ainda, outro fator importante que deve ser destacado concerne em relação à construção da imagem deturpada do judeu. O intento principal da propaganda Nazista quando representa o judeu de barba e cabelos longos, de quipá, de camisa branca e túnicas pretas cumprem o papel de diferenciar de forma exacerbada o judeu do ariano. Dessa forma, possui na maioria das vezes um caráter “didático”, mas que também busca uma reação de nojo vinda de seu expectador. Como pontua SALES (2006):

A representação do judeu, como veremos, foi construída com a intenção de estabelecer uma fisionomia típica baseada em traços de diferenciação entre judeus e arianos e por traços de identificação entre a representação e o representado. Estes traços são discriminatórios e seletivos, uma vez que adquirem um valor negativo ou pejorativo no contexto da propaganda e da cultura política nacional-socialista. A partir do momento em que os traços de diferenciação que formam a representação típica do judeu intencionam provocar uma reação de repulsa no expectador do cartaz, sendo impregnados, portanto, de valores pejorativos, eles se transformam em traços ideológicos (SALES, 2006, p. 110).

Antes de adentrarmos a apresentação aprofundada dos cartazes, uma questão precisa novamente ser colocada ao leitor desse trabalho: seu desenvolvimento se deu, quase que em sua totalidade, durante a pandemia da Covid-19. Dessa forma, apesar de, por vezes, visualizarmos nos cartazes indícios de quem seriam seus autores, dado o fechamento do museu como medida de segurança de distanciamento social, não nos foi possível o acesso físico aos cartazes, bem como o auxílio dos funcionários do museu com informações que, pela função zoom, não foram possíveis de serem captadas. Assim, essa deficiência em relação a materialidade das fontes não pôde ser suprida por motivos alheios ao nosso controle, mas pode ser solucionado no futuro, caso o museu volte a liberar o acesso de pesquisadores externos aos materiais ou a realizar atendimentos específicos via e-mail sobre os mesmos.

O primeiro cartaz apresentado como fonte foi publicado em 1940 na Alemanha com o intuito de divulgar o filme antissemita “*O Eterno Judeu*”³². O cartaz, de 81,3 centímetros de altura e 55,9 centímetros de largura, de autor não identificado, apresenta uma estrela de Davi centralizada em vermelho e acompanhada no centro e ao seu redor de um total de cinco rostos de homens com características associadas pejorativamente aos judeus. O nariz adunco, os olhos fundos, as expressões retorcidas, a barba longa e o quipá são algumas delas. Logo abaixo da

³² No original “*Der Ewige Jude*”.

estrela, lê-se em verde o nome do filme, assim como informações sobre o caráter documental da produção e informações sobre os responsáveis por sua realização. O fundo é preto e vermelho, imitando chamas e as iniciais do artista, o logotipo do cinema alemão e um selo oficial Nazista são impressos na imagem. Chama a atenção do espectador do cartaz a ideia de que um “documentário”, nesse caso, traria verdades acerca da questão judaica, ocultando o verdadeiro objetivo da produção: a propaganda política e a doutrinação. Esse cartaz, segundo SALES (2006), alcançou a tiragem de vinte e três mil impressões, um número considerado baixo se comparado a informação de que outros, em situação parecida, chegaram a um milhão de cópias.

Ainda assim, este cartaz se faz importante para os objetivos aqui propostos quando busca apresentar diversas facetas de um mesmo inimigo Nazista: o judeu, sobretudo o oriental³³. A personificação do judeu como “múltiplas facetas” de um mesmo Mal chama a atenção neste cartaz, ainda mais se pensarmos na representação do judeu ortodoxo³⁴ ou no mito do judeu errante³⁵. A respeito do filme, e consequentemente da propaganda gerada em seu entorno, Welch aponta que

No entanto, o mais notório de todos os filmes antissemitas é *Der ewige Jude*, descrito pela Comissão Aliada após a guerra como “um dos exemplos mais marcantes das diretivas antissemitas Nazistas de propaganda, provavelmente a mais vil e sutil de seu tipo já feita para consumo popular”. [...] O conceito de “judeu eterno ou errante” era mais antigo que o Nacional Socialismo; derivou da lenda cristã de *Ahasver*, um judeu que impediu Jesus de descansar enquanto carregava a cruz. Depois disso ele teve que viajar pelo mundo sem descanso na morte. A Propaganda Nazista viu nesta prova que outras raças já haviam perseguido os judeus. Em 1937 eles montaram uma exposição em Munique de “arte degenerada” sob o título do ‘Eterno Judeu’. O ponto de ressuscitar e

³³ Uma definição do judeu oriental pode ser encontrada no trabalho de Luz (2006). Segundo ele, na entrada da exibição um panfleto de autoria de Goebbels era entregue antes da apresentação do filme. No panfleto, Goebbels falava do comportamento perigoso do judeu que saberia esconder sua aparência externa para se misturar ao seu “hospedeiro”, se livrando da túnica, da barba e das costeletas, características atribuídas ao judeu oriental, e se tornando o bem escanhado judeu da Europa ocidental. Ainda sobre essa temática, vale ressaltar que o judeu tido como oriental vai além do estereótipo ligado a imagem, mas tem a ver principalmente com sua origem do oriente médio. O termo é utilizado para se referir a judeus que habitam ou habitaram o mundo islâmico, culturalmente arabizados.

³⁴ O termo ortodoxo enquanto denominação ao judeu surgiu em meados do século XVIII, dadas as ramificações que o judaísmo sofreu. Assim, o “judeu ortodoxo” nada mais é do que o judeu original, conservador, que segue o Talmude Babilônico (considerado mais autoritário). Dentre as especificidades do judaísmo ortodoxo, destacam-se o uso das roupas: homens devem se vestir com camisas brancas e ternos pretos, e mulheres de forma modesta.

³⁵ Várias são as teorias que circundam o mito do judeu errante ou *Ahasverus*. De forma geral, a discussão se pauta na ideia de que um judeu teria sido contemporâneo de Jesus e, em um encontro com ele, durante a procissão com a cruz, teria zombado de sua condição. Jesus então teria amaldiçoado o judeu, condenando-o a caminhar pela terra até o fim dos tempos. Ver: HERF, 2014.

amplificar esta velha lenda era demonstrar que os judeus não tinham sentimentos ou qualidades civilizadas³⁶ (WELCH, 2002, p. 99-100).

Imagem 06: *Der Ewige Jude*³⁷, Alemanha, 1940.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line³⁸

³⁶ However, the most notorious of all anti-Semitic films is *Der Ewige Jude*, described by the Allied Commission after the war as 'one of the most striking examples of direct Nazi anti-Semitic propaganda, probably the vilest and subtlest of its kind ever made for popular consumption'. [...] The concept of the 'eternal or wandering Jew' was older than National Socialism; it derived from the Christian legend of *Ahasver*, a Jew who prevented Jesus from resting while he was carrying the cross. Thereafter he had to travel the world without release of death. Nazi propaganda saw in this proof that other races had already persecuted the Jews. In 1937 they set up an exhibition in Munich of 'degenerate art' under the heading of the 'Eternal Jew'. The point of resurrecting and amplifying this old legend was to demonstrate that Jews had no feelings or civilized qualities.

³⁷ "O eterno judeu", em tradução livre.

O segundo cartaz escolhido para compor esta pesquisa foi publicado em meados de 1940 no território polonês ocupado pela Alemanha Nazista. O cartaz, com fundo azul claro, apresenta três desenhos de judeus caricaturados no centro. Eles usam quipás, roupas esfarrapadas e sujas. Os estereótipos associados aos judeus no período são representados por sobrelhas grossas, grandes orelhas, nariz adunco e barba. No topo, um homem de colete preto e camisa branca se prepara para deixar cair um rato em um moedor de carne. No centro, um homem sorridente de camisa preta derrama água de um balde no qual estava escrito “água” em outro onde se lê “leite”. Ao final, um homem carrancudo, de camisa branca aberta e calça enrolada, se inclina sobre uma mesa com dois pães, enquanto amassa os pedaços de massa no chão com os pés descalços, onde é possível ver insetos andando sobre elas. À sua direita vê-se um texto em polonês que descreve a imagem e no canto superior esquerdo, localiza-se um texto também em polonês sobre uma Estrela de Davi em branco: “*O judeu é um trapaceiro e apenas seu inimigo*”³⁹.

O intuito dessa publicação visa a desqualificação dos comércios judaicos, apresentando-os como sujos e indignos de confiança, o que se mostra importante para a pesquisa no pensar como foi moldado o imaginário em relação ao judeu também nos territórios ocupados pela Alemanha Nazista, instaurando um discurso e uma segregação antissemita que já ocorriam na Alemanha desde a ascensão do Nazismo ao poder com as medidas de arianizações dos comércios.

Imagem 07: *Zyd to oszust jedyny twoj wrog*⁴⁰, Polônia, 1940

³⁸ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn2901> e registrado sob o *rg number* 1990.193.10. Acesso em: agosto de 2020.

³⁹ No original, “*Zyd to oszust jedyny twoj wrog*”

⁴⁰ “*O judeu é um trapaceiro e apenas seu inimigo*”, em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁴¹

O terceiro cartaz foi publicado também na Polônia em 1941. Nele, um judeu mais velho, de cor azul-esverdeada, está sentado com os joelhos dobrados, em uma posição que lembra um mendigo. Distribuídos por seu corpo estão oito piolhos gigantes desenhados em amarelo. Suas grandes mãos apresentam veias saltadas, uma sobre o peito e a outra segurando a borda do casaco. Ele tem sobrancelhas grossas, cabelos longos e desgrenhados, bigode e barba também longos, e pesados olhos pálidos com um óculos fino. Ademais, usa um casaco longo, amarrotado

⁴¹ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn544499> e registrado sob o rg number 2016184398. Acesso em: agosto de 2020.

e botas no tornozelo. À esquerda, parcialmente escondida atrás do ombro, há um crânio gigante, roxo e preto. À direita, está uma grande estrela de Davi da mesma cor azul-esverdeada que o homem. Ainda, verifica-se que a imagem se localiza dentro de um retângulo preto, com o título polonês acima e abaixo, onde lê-se “*Proteja-se do Tifo, evite judeus*”⁴², dentro de um retângulo maior.

Em consonância com o cartaz anterior, que convergem entre si apesar dos assuntos distintos, pode-se verificar uma construção caricata do judeu. Enquanto o cartaz anterior procurava alertar sobre a desonestidade do judeu, este apresenta diretamente a ideia do judeu enquanto transmissor de tifo que, sabe-se, é uma doença transmitida através de vetores como pulgas, carrapatos e piolhos. O cartaz, portanto, remete o judeu enquanto sujo e proliferador deste tipo de vetores que transmitem a doença, generalizando, com a legenda, que para não ser acometido por ela a solução é a marginalização do judeu.

Imagem 08: *Strzez Sie Tyfusu Plamistego, Unika Zydow*⁴³ Polônia, 1941

⁴² No original, “*Strzez Sie Tyfusu Plamistego, Unika Zydow*”

⁴³ “*Proteja-se do Tifo, evite judeus*”, em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁴⁴

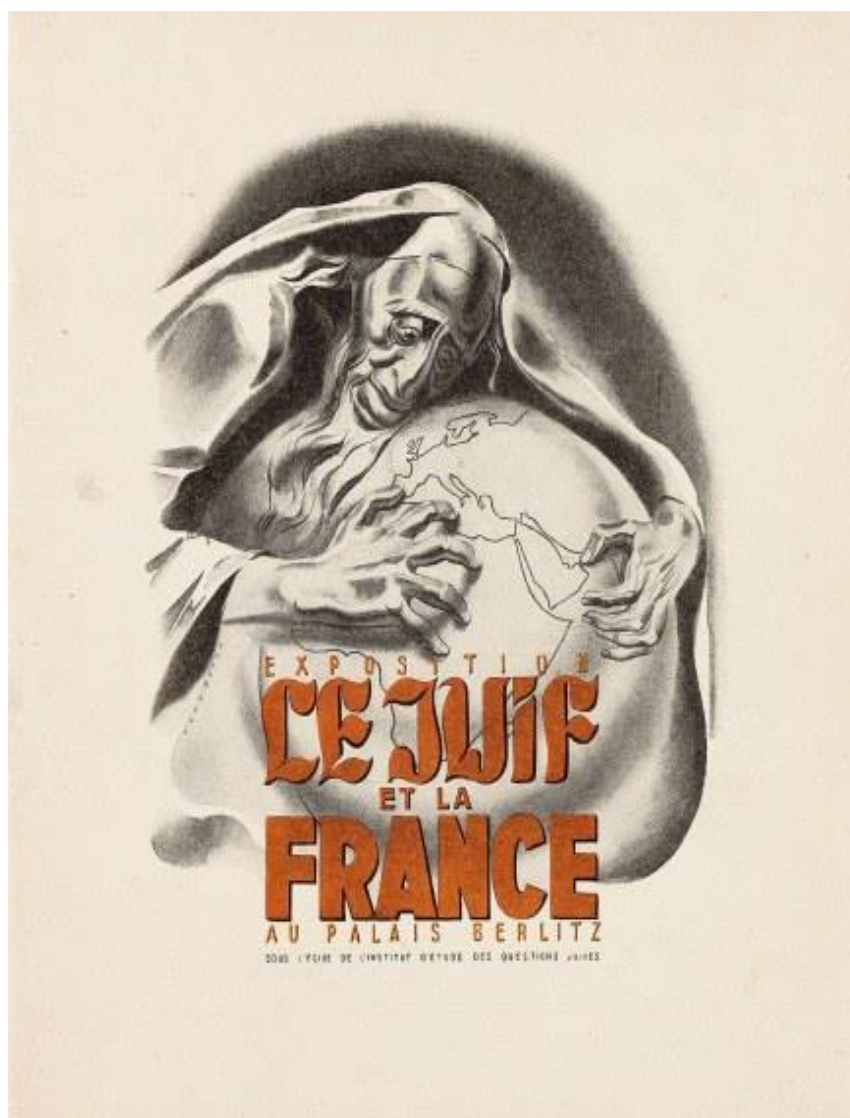
O quarto cartaz, publicado na França no mesmo ano do anterior, retrata um judeu com barba longa, nariz adunco, lábios grossos e uma túnica com capuz, debruçado abraçando um globo terrestre com dedos em forma de garra. O homem e o globo são apresentados em preto e branco sobre fundo em tom pastel, e abaixo, um texto laranja em francês fornece informações sobre a exposição “O Judeu e a França”⁴⁵.

⁴⁴ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn544163> e registrado sob o rg number 2016184389. Acesso em: agosto de 2020.

⁴⁵ No original “Exposition Le Juif et la France”

O cartaz aqui apresentado retrata, mais uma vez, o estereótipo judaico ligado sobretudo à ideia de dominação mundial que, objetivamos comprovar, o Partido Nazista pretendia fixar no imaginário das massas de todos os países que ocupava através da propaganda imagética, em consonância com os cartazes já apresentados, bem como com o cartaz sérvio que apresentaremos à frente.

Imagem 09: *Exposition Le Juif et la France*⁴⁶, França, 1941



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁴⁷

⁴⁶ “O Judeu e a França”, em tradução livre.

⁴⁷ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn37265> e registrado sob o *rg number* 2009.213.2. Acesso em: agosto de 2020.

O quinto cartaz, publicado na Sérvia ocupada durante a exposição antissemita “*Grande Exposição Antimaçônica*”, apresenta impressão em papel marrom claro, colorido, onde vemos a cabeça de um judeu mais velho, em cores alaranjadas emergindo de um fundo preto. Sua mão direita levantada tem fios que se estendem de seus dedos a quatro grandes aranhas que tecem uma teia circular com um centro laranja claro, simulando um globo terrestre.

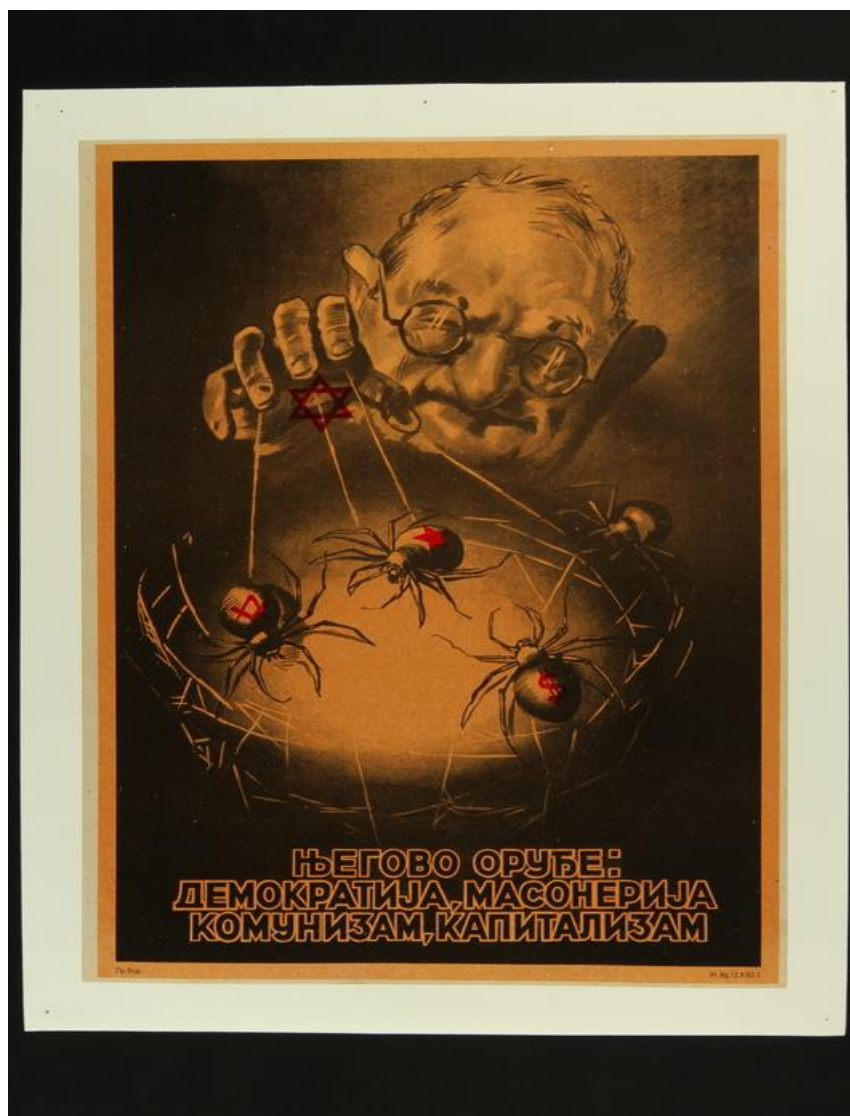
No material, percebe-se a existência de quatro símbolos vermelhos sobrepostos: uma estrela de Davi de seis pontas na palma da mão estendida do judeu sobre as aranhas e, nelas, um quadrado e compasso maçônicos na primeira, uma estrela soviética de cinco pontas na segunda e um cifrão americano na terceira. O homem usa óculos de armação circular com listras claras sobre os olhos estreitos e tem cabelo ralo, orelhas proeminentes, sobrancelhas espessas e um nariz adunco, com os lábios pressionados juntos em concentração. Há, por fim, um texto sérvio escrito em alfabeto cirílico na parte inferior: “Suas Armas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo”.⁴⁸

Através de informações obtidas pela análise do material, o cartaz é colado a um forro de linho ligeiramente maior e suas dimensões, segundo consta, são: 69,215 cm de altura e 50,165 cm de largura.

Imagem 10: *ЊЕГОВО ОРУЂЕ: ДЕМОКРАТИЈА, МАСОНЕРИЈА, КОМУНИЗАМ, КАПИТАЛИЗАМ*⁴⁹, Sérvia, 1941.

⁴⁸ No original: “ЊЕГОВО ОРУЂЕ: ДЕМОКРАТИЈА, МАСОНЕРИЈА, КОМУНИЗАМ, КАПИТАЛИЗАМ”.

⁴⁹ “*Suas Armas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo*” em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁵⁰.

O sexto cartaz selecionado foi distribuído na Polônia em 1943 e apresenta a caricatura de um judeu gigante de pele avermelhada, segurando um chicote levantado sobre a cabeça. O homem retratado aparenta estar parado sobre um parcial globo vermelho, pronto para atingir uma longa fila de refugiados exaustos marchando pelo lado esquerdo. Seu rosto está distorcido em fúria, com dentes cerrados, nariz comprido, olhos fixos nos refugiados à frente. Vestido em um longo manto preto com uma estrela de Davi prateada, a figura é delineada por um corte irregular

⁵⁰ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn542394> e registrado sob o *rg number* 2016184341. Acesso em: agosto de 2020.

de branco sobre o fundo vermelho. A legenda, em polonês, está no canto inferior direito, onde se lê “*O Chicote da Humanidade*”⁵¹.

O cartaz descrito projeta a ideia de um judeu em posição de algoz, maior e mais poderoso, o que considerando o avanço antissemita pela Europa, não pode condizer com a realidade. Ainda, chama a atenção a robustez desse judeu, um paralelo bastante divergente da realidade de fome e miséria às quais os judeus estavam submetidos no território alemão e nos territórios de sua ocupação. Interessa, ao pensar o objetivo deste trabalho, analisar os elementos da distorção da posição do judeu inseridos no cartaz apresentado, como mecanismos para se instaurar essa visão no imaginário polonês de um judeu em posição de algoz, detentor de poder.

Imagem 11: *Bicz ludzkosci*⁵², Polônia, 1943.



⁵¹ No original “*Bicz ludzkosci*”

⁵² “*O Chicote da Humanidade*” em tradução livre.

Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁵³.

O sétimo cartaz, publicado na Itália em meados de 1944, apresenta uma caricatura de um homem grande, de pé com as mangas arregaçadas, brandindo um chicote longo com a palavra Giudaismo (Judaísmo) gravada nele em sua mão direita levantada.

Vestindo uma camisa xadrez, calça de cintura alta e sapatos, apresenta as feições grotescas atribuídas aos judeus: cabelos encaracolados, sobrancelhas grossas, barba curta e bifurcada, bigode fino, nariz extremamente comprido e adunco, com lábios abertos e carnudos. O homem olha com raiva para quatro grandes peões girando em uma fileira na frente de seus pés enquanto os peões também apresentam rostos caricaturados: à esquerda, um homem com rosto comprido e dentes cerrados em um sorriso macabro, representando Roosevelt⁵⁴; o rosto seguinte é menor, careca e de óculos circulares, representando Gasperi⁵⁵; depois, um rosto redondo e careca de testa franzida, representando Churchill⁵⁶ e, finalmente, um homem de aparência severa, com cabelos pretos e grossos e bigode, representando Stalin⁵⁷. O título está em italiano na parte inferior, e diz: “*Os judeus se divertem*”⁵⁸.

Dessa forma, observa-se que o cartaz alude à ideia de que os judeus “se divertem” manipulando cada uma das figuras centrais dos países adversários da Alemanha Nazista na Segunda Guerra Mundial. Portanto, visamos ser imprescindível analisar a produção propagandística antissemita da Alemanha também na Itália, sobretudo no período de ocupação no curso da guerra, reproduzindo um discurso já vigente no território alemão e dos países ocupados de forma geral.

Imagem 12: *Israele si Diverte*⁵⁹, Itália, 1944.

⁵³ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn544165> e registrado sob o *rg number* 2016184394. Acesso em: agosto de 2020

⁵⁴ Franklin Delano Roosevelt foi o trigésimo segundo presidente dos Estados Unidos da América. Seu governo perdurou entre 1933 e 1945, sendo o único presidente americano a ocupar o cargo por quatro mandatos.

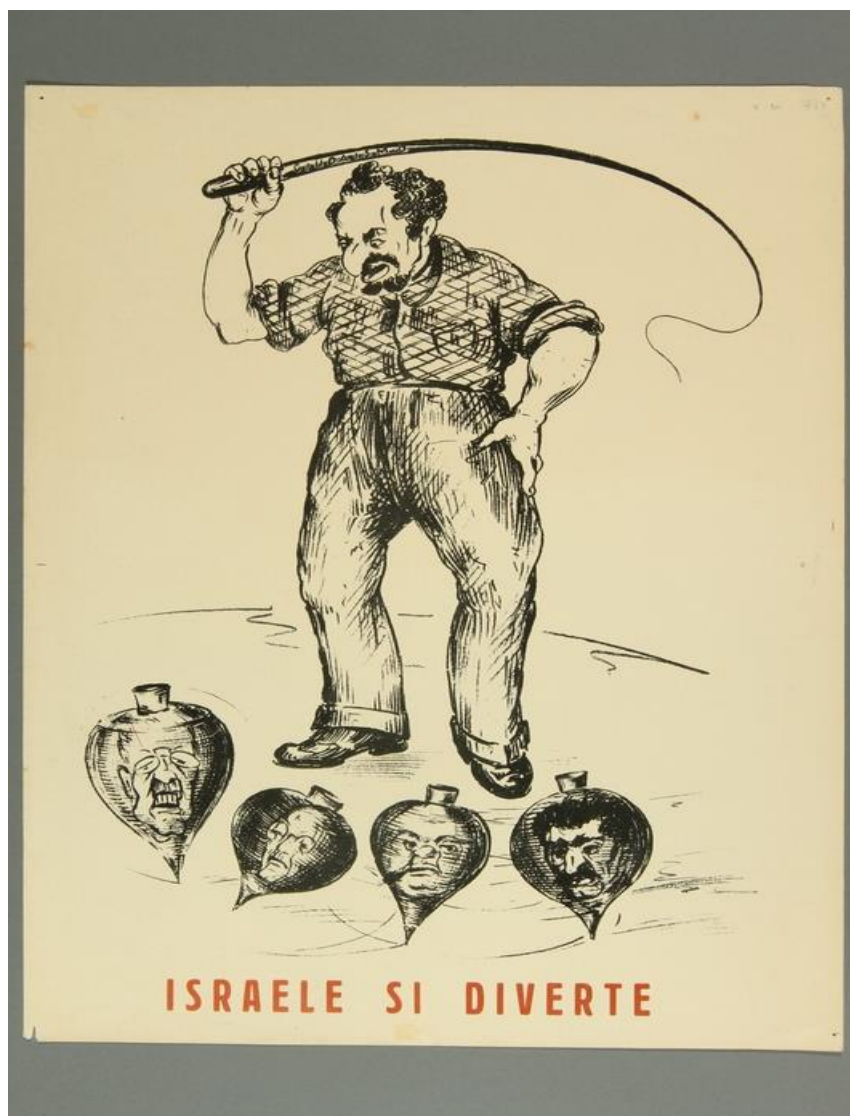
⁵⁵ Alcide de Gasperi foi um político italiano ligado a partidos católicos e forte opositor do fascismo de Mussolini. Após o final da guerra, Gasperi foi nomeado Primeiro-Ministro e um dos responsáveis pela reconstrução da Itália.

⁵⁶ Winston Leonard Spencer Churchill foi Primeiro-Ministro do Reino Unido entre 1940 e 1945, ocupando novamente o posto entre 1951 e 1955.

⁵⁷ Josef Stalin foi Primeiro-Ministro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas entre 1941 e 1953.

⁵⁸ No original “*Israele si Diverte*”.

⁵⁹ “*Os judeus se divertem*” em tradução livre.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum - acervo on-line⁶⁰.

Algumas considerações precisam ser observadas no que diz respeito à questão da escolha de fontes deste trabalho, que conta com sete cartazes acima descritos.

Apesar de o site do USHMM retornar mais de uma centena de resultados após aplicados os filtros, os sete cartazes aqui listados foram selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa por se enquadrarem no período delimitado, assim como por apresentarem elementos imagéticos e textuais caros à hipótese levantada, bem como o uso das cores para o alcance deste intento. Outros tópicos ainda foram considerados antes de reduzirmos nossas fontes a esse

⁶⁰ Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn543881> e registrado sob o *rg number* 2016184357. Acesso em: agosto de 2020

número, como qualidade da digitalização; bom estado de conservação do cartaz e informações a respeito do mesmo, como local de publicação e precisão de data, material e dimensões, sempre que possível⁶¹.

Assim sendo, isso significa que outros cartazes possuíam elementos iconográficos e iconológicos que poderiam ser analisados em conjunto com a hipótese desta pesquisa, mas que foram em um primeiro momento descartados pela carência de determinadas informações, como as listadas acima, sobretudo pelo tempo limitado que possuímos. Entretanto, em se tratando do acervo de um Museu, é possível que as informações omitidas pudessem vir à tona caso houvesse a possibilidade de acesso físico ao museu, o que não ocorreu dado o contexto da pandemia da Covid-19.

Outra observação que aqui ainda resta necessária gira em torno da ausência de cartazes produzidos nos anos 1938 - 1939. Verificou-se que a quantidade de cartazes catalogados no site do USHMM nesse período é notadamente menor, mas não foi possível, durante o tempo de investigação, chegarmos a uma informação concreta do motivo real dessa ausência, sendo esse um tópico que ainda necessita de novas investigações mais aprofundadas no futuro.

A análise dos cartazes e o método panofskyano

Como exposto no capítulo anterior acerca do método panofskyano, sabemos que a análise se pauta em duas diferentes partes: a iconográfica e a iconológica. Boa parte da análise daquilo que vemos no cartaz, ou seja, da iconografia da fonte, já foi exposto nas páginas anteriores, enquanto cada um deles foi apresentado. Entretanto, sabemos que a iconologia, que passa pela significância de representação de cada cartaz, é trazida com mais precisão quando aliada a uma análise não somente dos elementos, mas do contexto em que os cartazes estão inseridos. Assim, não mais necessariamente em ordem cronológica, mas sobretudo em ordem de significância ou aliados a contextos conflitantes ou semelhantes, reavaliaremos cada um dos cartazes observados em seu contexto, aprofundando as análises e os entendimentos sobre sua importância dentro das sociedades que estavam inseridos.

⁶¹ Mais uma vez se faz necessário ressaltar o contexto de pandemia da Covid-19 onde a maior parte dessa pesquisa foi realizada. Sabemos que a análise de uma fonte passa necessariamente pelo acesso material dela, mas com a pandemia e o consequente fechamento do USHMM, tornou-se inviável acessar algumas informações que seriam possíveis trazer à baila caso houvesse a possibilidade de acesso físico às fontes.

O primeiro cartaz apresentado como fonte e datado de 1940 foi um cartaz produzido com o intuito de divulgar o filme antissemita – com aspirações de documentário – “O eterno judeu”⁶² dirigido por Fritz Hippler. A primeira observação necessária a se fazer em relação ao contexto do cartaz concerne a situação da guerra em 1940, quando o filme e o cartaz para sua divulgação, foram produzidos. Em 1939 foram iniciadas as criações dos guetos, espaços de segregação para onde eram enviados os judeus, que viviam abarrotados em situações precárias. Ainda, nesse primeiro momento, acreditava-se que seria possível retirar os judeus da Alemanha os enviando para outros locais como a Polônia, a Sibéria e até Madagascar.

Durante esse período, desde a Noite dos Cristais⁶³ em 1938, até a ordem obrigatória de que todos eles deveriam se dirigir aos guetos em 1941, e a proibição de imigração dos judeus restantes na Alemanha também em 1941, passos significativos que desembocariam inevitavelmente no plano da conhecida Solução Final, era importante que a população, que convivia com essas transformações, fosse doutrinação politicamente através dos “ensinamentos” de como reconhecer um judeu e como a atuação judaica na sociedade era prejudicial para as artes, a economia, a ciência e o comércio. Ainda, através do suposto documentário, os judeus eram colocados como anormais e depravados, participantes de cultos cruéis com animais e corruptores da pureza ariana. As imagens gravadas no gueto de Lodz, na Polônia ocupada, e sistematizadas no documentário, colocavam o judeu como um ser vil que se aproveitada da imagem oriental que a população tinha de si, com a longa barba, os cabelos cacheados e a túnica preta para, retiradas essas características, se camuflar em meio aos arianos e sugar da nação sua riqueza e sua moral.

⁶² O Filme compõe uma coleção da qual também faz parte um livro e uma exposição de arte datados de 1937.

⁶³ A Noite dos Cristais ou Noite dos Vidros Quebrados aconteceu entre 09 e 10 de novembro de 1938 e foi uma onda de violência que tinha como alvo as casas de judeus, as sinagogas, e principalmente os comércios judaicos. As autoridades alemãs atribuíram o pogrom como espontâneo após a morte de Ernst Vom Rath, um diplomata alemão que trabalhava em Paris. Segundo as autoridades nazistas, o assassinato de Vom Rath se deu em decorrência da insatisfação de um jovem, então com dezessete anos, da ordem de expulsão de território do Reich de milhares de judeus de cidadania polonesa. Entre os expulsos, estavam os pais do rapaz. A morte de Vom Rath coincidiu com o aniversário do “Putsch da Cervejaria”. Reunida para a comemoração do evento, os líderes nazistas, sobretudo Goebbels, expressaram seu apoio ao irrompimento “espontâneo” de manifestações. A informação se espalhou rapidamente entre os líderes regionais e os escritórios locais, e membros da S.A. e da Juventude Hitlerista também tomaram parte nas ações. Cerca de 30 mil judeus foram apreendidos naquela noite, e mais de 200 sinagogas foram destruídas. Foi a primeira apreensão em massa de judeus sem acusação clara, mas que deixou um recado de efeito imediato: os judeus não eram mais bem-vindos ali.

Mais uma vez, apontamos que as imagens dos judeus no cartaz intentam uma generalização desse judeu, que só pode ser exatamente a estereotipização do judeu oriental e, quando não o é, o faz no intento de se camuflar na sociedade ariana a fim de obter vantagem.

Entendemos que o primeiro cartaz, por seu intento de divulgação de um filme doutrinário, se aproxima em muito com outros dois cartazes que compõe nossas fontes, ambos produzidos no ano seguinte ao primeiro, ou seja, 1941, porém em locais distintos. Com isso, apresentamos ao leitor a análise de mais dois materiais que, sob a mesma temática, se inserem no decurso da Segunda Guerra Mundial.

Note-se, que a importância da escolha desses materiais se justifica também pelo próprio espaço geográfico em que tais cartazes puderam ser vistos: o primeiro, na Polônia, o segundo na Sérvia e o terceiro na França, todos países sob ocupação Nazista que possuíam temáticas convergentes. Sua conexão com os próximos cartazes analisados se dá sobretudo no intento de divulgação de um “ensinamento” a seu público-alvo – seja o alemão, o francês ou o sérvio – de como reconhecer e se defender dos Malefícios da “judiaria”.

Assim sendo, discutiremos em um primeiro momento o cartaz apresentado na imagem 09, “*Exposição o Judeu e a França*” em comparativo com o cartaz “*Suas Armas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo*” apresentado na imagem 10 e que foi publicado em território sérvio, ambos em exposições no ano de 1941. Já tendo sido apresentados iconograficamente acima, podemos observar que o assunto de ambos os cartazes se aproxima iconologicamente.

Sabemos que as tropas alemãs iniciaram a ocupação à parte da França em maio de 1940. Tendo sido derrotado na Batalha da França, o governo francês buscou um meio de cessar as hostilidades. Assim sendo, assinou um armistício em junho de 1940 que, em seus termos, designava uma área no norte e no oeste do território francês a ser ocupada pelo exército alemão. O restante do território ficou designado como “zona livre” e era controlado pelo Marechal Phillippe Pétain, em período conhecido como Governo de Vichy. Entretanto, todas as partes da França, as ocupadas e as consideradas livres, permaneceram legalmente sob o controle de Vichy. A parte considerada “livre” na França só foi ocupada pelos alemães e italianos em 1942, como resposta à invasão dos aliados à África do Norte. A libertação total da França só foi iniciada em junho de 1944.

Entre 1940 e 1944, inicialmente uma parte e depois o todo da França ficou sob o jugo dos Nazistas, sendo, portanto, administrada através de seus ideais. Um deles, e o que mais nos interessa aqui observar, sabe-se, o antissemitismo, foi implementado no território francês assim que os Nazistas chegaram a sua posse. Segundo Hilberg:

Na França, o processo de destruição dos judeus foi resultado do armistício franco-alemão. Para as autoridades francesas que assumiram as rédeas do governo em Vichy em junho de 1944, a derrota foi decisiva. A guerra estava irrevogavelmente perdida. **De 1940 a 1944, a relação desigual entre vencedor e vencido manifestou-se em um fluxo de demandas alemãs que não podiam ser facilmente contrariadas. A destruição dos judeus na França era uma dessas demandas.** Em suas reações à pressão alemã, o governo de Vichy tentou confinar o processo de destruição a certos limites. Tais limites foram estabelecidos, em primeiro lugar, com o objetivo de deter o desenvolvimento destrutivo como um todo. As autoridades francesas procuraram evitar ações drásticas e recuaram da ideia de adotar medidas sem precedentes na história. Em 1942, quando a pressão da Alemanha intensificou-se, o governo de Vichy recorreu a uma segunda linha de defesa. **Os judeus estrangeiros e imigrantes foram abandonados e houve um esforço no sentido de proteger os judeus nativos. Em certa medida, essa estratégia obteve algum sucesso: ao ceder uma parte, a maioria do todo foi salva** (HILBERG, 2016, p.739 - 740, grifos nossos).

Entretanto, apesar da força exercida pelo governo alemão para que a aniquilação dos judeus se desse também no território da França ocupada, o Regime de ocupação peculiar adotado no território permitiu que o governo de Vichy oferecesse certo esforço na tentativa de conter o avanço da destruição dos judeus na França. Ainda segundo Hilberg, “a habilidade do Regime de Vichy de barganhar com os alemães o destino dos judeus residia em um fato simples: os alemães precisavam da ajuda francesa. Em nenhum território [...] a dependência alemã da administração local era tão grande quanto na França” (HILBERG, 2016, p. 739 – 740).

Assim sendo, resta necessário observar que o trabalho de convencimento das massas a respeito do pensamento antissemita na França era de sumo interesse para os alemães, visto as nuances apresentadas acima do esforço do governo francês em, se não de proteger os judeus, de ao menos minimizar o impacto das medidas antissemitas impostas pelos Nazistas.

Nesse sentido, observamos mais uma vez a importância da cultura visual no processo de convencimento das massas, através da observância de que o espaço de difusão que essa cultura visual ocupa não mais ficam restritos aos espaços que entendemos como culturais, mas que invadem o dia a dia do cidadão comum.

A cultura é definida pelo ambiente artificial que o homem cria para si próprio, o que cada vez mais significa, muito mais que museus, quadros ou bibliotecas, o universo pessoal da concha de objetos, ou serviços de que o homem se rodeia e o universo das imagens, das fórmulas, dos slogans e dos mitos, que ele encontra na sua vida social, girando o botão da televisão ou vagando pelas ruas (MOLES, 2004, p. 14).

Por sua vez, os cartazes de propaganda ocupam, no intento da difusão do antissemitismo, um papel de vital importância na realidade da França ocupada pelos Nazistas.

A exposição que abrigou o cartaz francês foi promovida em Paris entre 05 de setembro de 1941 a 15 de janeiro de 1942 durante a ocupação alemã à França na Segunda Guerra Mundial. Carregando o nome *Le Juif et la France* a exposição se valia do discurso oficial alemão, tendo sido pensada com a aspiração de ser científica e ao mesmo tempo educacional, por ser baseada no trabalho de George Montandon *Comment reconnaître le Juif?*⁶⁴, que acreditava que era necessário ensinar ao povo francês como reconhecer um judeu em seu meio de convívio. A exposição, tal qual veremos no caso sérvio, abarcou uma diversidade de tipos de trabalhos, como por exemplo, esculturas, fotografias, cartazes e textos. Sabe-se que o cartaz aqui apresentado foi publicado em diversos tamanhos e formatos, sendo a versão mais famosa afixada em tamanho gigante na entrada do Palácio Berlitz, onde ocorreu a exposição que foi financiada pelo “Instituto para o Estudo das Questões Judaicas”, uma associação privada criada em maio de 1941 com o apoio do Escritório de Propaganda Alemão (*Propagandastaffel*) e colocada, com efeito, sob o controle direto dos ocupantes Nazistas.

O cartaz foi produzido por Rene Péron, nascido na Itália em 1904 e conhecido por produzir cartazes de cinema, sobretudo por seu trabalho sobre o filme King Kong de 1933. Aqui nos interessa, entre as versões produzidas, o offset de 117 cm de altura por 79 cm de largura. Este cartaz demonstra de forma clara a crença Nazista na conspiração plutocrato-judaico-bolchevista, mas evoca também a ideia do que é um judeu e de como reconhecê-lo.

Não podemos deixar de aventar a definição da conspiração citada no parágrafo anterior. A conspiração plutocrato-judaico-bolchevista pregava que havia uma aliança entre os judeus – caracterizados como banqueiros e concentradores de riquezas – e as forças das Nações Aliadas, transformando a Alemanha em “vítima” desta conspiração que objetivava a conquista e a dominação não somente da Alemanha, mas de todos os países primeiramente da Europa e depois,

⁶⁴ “*Como reconhecer um judeu?*”, em tradução livre.

do mundo. Dessa forma, pregavam que o povo ariano deveria lutar por sua sobrevivência e seu espaço vital, e pela destruição dos judeus que seria nada mais do que “fazer valer a justiça”.

Assim, o cartaz apresenta um judeu caricaturado, de nariz adunco, cabelos e barba longos, vestido de roupas também longas, com um manto sobre a cabeça e apoiado sobre um globo terrestre. Suas mãos compridas estão fincadas sobre a Europa, onde seus olhos estão focados. Na parte inferior, podemos observar o texto “Exposição”⁶⁵, “O Judeu e a França”⁶⁶, “No Palácio Berlitz”⁶⁷. Importante observar a diferença na topografia das palavras “judeu” e “França”. No cartaz também podemos observar que a exposição está sendo realizada “sob a égide do Instituto para o Estudo das Questões Judaicas”⁶⁸.

O que chama a atenção na caricatura do judeu, além de seu perfil magro e sombrio, é seu olhar claramente ganancioso, que emana um desejo profundo de possessão. Assim, transmite o sentimento para aquele que o observa, de que o judeu é não somente diferente, mas deve ser identificado por ser perigoso e predatório.

Observando, portanto, que no cartaz apresentado é possível visualizarmos uma série de elementos que corroboram com a imagem pejorativa do judeu que a Alemanha Nazista se empenhava em transmitir. Nesse sentido, é possível perceber que, segundo a visão empregada pelos Nazistas, os judeus eram não somente dignos de aversão, mas perigosos por sua ganância, dignos de identificação e combate.

Assim sendo, através da imagem caricaturada e deturpada do judeu tanto física quanto moralmente, a exposição tinha o intuito de apresentar às massas francesas o perigo que os judeus representavam e, no contexto dos acontecimentos, fixar no imaginário destas massas que, na realidade, o inimigo real da França não eram os alemães, mas sim os judeus. Em certa medida, podemos observar ainda que existe um esforço de convencimento de que a ocupação configura um “Mal menor” e que a Alemanha está no território a fim de auxiliar no reconhecimento e na expulsão do “outro”, sendo este “outro”, o judeu, verdadeiro inimigo. Estima-se que cerca de duzentos mil visitantes passaram pela exposição, mas não há um consenso sobre o número exato. Ainda assim, é fato que o alcance foi tremendo.

⁶⁵ No original: “Exposition”.

⁶⁶ No original: “Le Juif et la France”.

⁶⁷ No original: “Au Palais Berlitz”.

⁶⁸ No original: “Sous L’Egide de L’Institut D’Étude des Questions Juives”.

No tocante ao oitavo cartaz, publicado durante a “Grande Exposição Antimaçônica” promovida em Belgrado entre 22 de outubro de 1941 até 19 de janeiro de 1942, as observâncias e discussões se tornam mais delicadas ao entendermos a configuração do território e da ocupação Sérvia.

A Sérvia é um país que conquistou sua independência em 1878 e está situada na região das Penínsulas Balcânicas. Em 1918, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a Sérvia, incluindo suas duas províncias – a saber, Kosovo e Voivodina – se une a Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro e Macedônia para formar o Reino da Iugoslávia, suprimindo de forma alternativa seu anseio pela formação de uma “Grande Sérvia”, discurso promovido eugenicamente desde o final do século XIX e um dos responsáveis pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. A região, desde 1929, era governada por uma ditadura monarquista nas mãos do Príncipe Paulo, bem como permeada por uma série de conflitos internos entre povos que, apesar de unidos geograficamente, eram grupos completamente distintos.

A chegada alemã a Sérvia integrou o projeto de dominação da Europa por parte dos Nazistas iniciado com a Segunda Guerra Mundial, mas também demonstrava desejos muito específicos de Hitler. O avanço dos aliados aos territórios compreendidos pela Iugoslávia chamou a atenção do *Führer*, mas também pode-se observar seu intento de obter recursos no território Iugoslavo e de utilizar o território como “atalho” para que as tropas Nazistas pudessem oferecer ajuda aos italianos na Grécia.

No início de 1941, o príncipe Paulo foi coagido a aliar-se às forças do Eixo, o que gerou uma movimentação dos grupos nacionalistas que, contrários a essa união, realizaram uma tentativa de golpe em 27 de março do mesmo ano. Por esse motivo, em 6 de abril de 1941 os Nazistas invadiram a Sérvia, os então governantes iugoslavos se refugiaram em Londres e foi instaurado pelos Nazistas o governo fantoche de Milan Nedić e a divisão do território pelos integrantes do Eixo. Segundo Max Hastings:

O rei e o governo fugiram, permitindo que os alemães realizassem uma ocupação quase sem derramamento de sangue. Em seguida, Hitler dedicou-se a desmembrar o país. A Eslovênia setentrional foi incorporada ao Reich. A Croácia adquiriu independência, e sua milícia fascista, Ustaše, assumiu um papel poderoso e sangrento na manutenção do controle do país pelo Eixo, desencadeando, em maio de 1941, um reinado de terror destinado a limpar a Croácia de seus dois milhões de sérvios. Simultaneamente, a Dalmácia e a Eslovênia meridional foram entregues à Itália. A Macedônia, dada à Bulgária, sofreu brutalidades que levaram seu povo a se opor decisivamente ao governo

de Sófia. Como resultado da vasta limpeza étnica, apenas dois mil sérvios de uma população anterior à guerra de 25 mil, por exemplo, continuavam em Skopje na primavera de 1942. Todo o país mergulhou num tumulto, num ciclo de repressão, em resistências esporádicas e na luta pela sobrevivência de milhões de infelizes (HASTINGS, 2011, p. 389).

A grande questão envolvendo o território Iugoslavo durante o período de invasão Nazista é que dois grandes grupos – sabe-se os *chetnik* e os *partisans* – buscavam o controle do território no imediatismo do fim da ocupação Nazista, não exatamente se importando em combatê-los de forma direta. Portanto, o que resta necessário observar é que apesar da invasão Nazista ser efetivamente um problema para o povo iugoslavo, este ainda necessitava lidar com o enfrentamento dos civis presentes no território.

No que concerne à questão dos judeus, entretanto, é possível observar que os ideais antissemitas já haviam permeado o imaginário iugoslavo antes da dominação do território por parte dos Nazistas, mas não de forma majoritária. Segundo Tomasevich:

Com exceção de algumas breves medidas antissemitas instituídas após o estabelecimento da Iugoslávia no final da Primeira Guerra Mundial, quando algumas pessoas pensavam nos judeus como estrangeiros inimigos porque eram de países ex-inimigos (Áustria, Hungria e Alemanha), não havia antissemitismo na Iugoslávia até os anos 1930. Então, com o crescimento da Alemanha Nazista e da ideologia Nazista após 1933 e a crescente influência econômica e política da Alemanha na Iugoslávia após 1935, algum antissemitismo se infiltrou na cena iugoslava. A primeira legislação contra os judeus foi promulgada em 1940, um sistema de cotas para jovens judeus em escolas secundárias e em instituições de ensino superior. Em seguida, os judeus foram proibidos de se envolver no comércio de alimentos. Finalmente, por meio de ordens confidenciais, os judeus foram proibidos de servir na Força Aérea e fazer exames para avançar na classificação em outros ramos das Forças Armadas tornou-se mais difícil para os oficiais judeus. (TOMASEVICH, 2002, p. 582, tradução nossa)⁶⁹

Entretanto, com a chegada dos Nazistas, esse panorama mudou drasticamente. Segundo Hilberg:

⁶⁹ No original: “With the exception of a few brief anti-Semitic measures instituted after the establishment of Yugoslavia at the end of the First World War, when some people thought of Jews as enemy aliens because they were from former enemy countries (Austria, Hungary, and Germany), there was no anti-Semitism in Yugoslavia until the 1930's. Then, with the growth of Nazi Germany and Nazi ideology after 1933 and increasing economic and political influence of Germany on Yugoslavia after 1935, some anti-Semitism crept into the Yugoslav scene. The first legislation against Jews was enacted in 1940, a quota system for Jewish youths in high schools and at institutions of higher learning. Next, Jews were prohibited from engaging in the food trade. Finally, through confidential orders, Jews were prohibited from serving in the air force, and taking exams to advance in rank in other branches of the armed forces was made more difficult for Jewish officers.”

Na Sérvia havia apenas 16 mil judeus. Apesar de a área ficar sob controle alemão por quase quatro anos, a destruição da comunidade judaica foi concluída em maio de 1942, com exceção da liquidação de algumas propriedades judaicas. [...] O processo de destruição recaiu sobre os judeus da Sérvia com força imediata. (HILBERG, 2016, p. 836).

Não podemos deixar de observar que a “solução final” empregada para a “questão judaica” pelos Nazistas no território sérvio, apesar de eficiente, não tomou os rumos de outros territórios também sob a ocupação Nazista. Hilberg explica em suas páginas que a eliminação dos judeus na Sérvia se deu, em grande medida, através do fuzilamento. Uma série de questões burocráticas envolveu essa decisão, entre elas – e acredita-se a responsável pela grande eficiência no extermínio dos judeus sérvios –, foi o episódio onde, “na cidade de Topola, um comboio de caminhões da Companhia 2 do 521º Batalhão de Sinal foi emboscado por partidários. Vinte e um homens foram mortos imediatamente, outros morreram em seguida” (HILBERG, 2016, p. 841). Sendo assim, colocando fim a uma série de discussões sobre a possível deportação dos judeus da Sérvia ou o imediato fuzilamento, foi ordenado que “as vítimas presas deveriam ser fuziladas de acordo com as seguintes diretrizes: para cada soldado alemão ou alemão étnico morto, cem reféns; para cada soldado alemão ou alemão ferido, cinquenta reféns.” (HILBERG, 2016, p. 842). Entretanto, vale observar, somente homens entraram nesta contagem, sendo eles judeus, ciganos e comunistas.

Mais tarde os Nazistas lidariam com os outros estamentos dos prisioneiros – as mulheres e as crianças – enviando-as a princípio para o campo de Semlin (antes parte da Sérvia, mas no momento pertencente à Croácia, que cedeu “de bom grado”), e depois assassinando-as com um veículo câmara de gás enviado de Berlim. Assim, foi “solucionado” o “problema judaico” no território sérvio.

Sabe-se que os eventos eram acontecimentos constantes na Alemanha Nazista. Não obstante, a Exposição Antimaçônica foi promovida na Sérvia e, apesar de conter em seu nome a expressão “Antimaçônica”, seu caráter antissemita era inegável. Aqui, podemos identificar a teoria da conspiração plutocrato-judaico-bolchevista ganhando força no discurso e na propaganda, justificada pelo momento histórico da guerra e que inspirava, ao mesmo tempo, o medo e a confiança: por um lado, o medo da união dos judeus com os Aliados no período de guerra e, por outro, a confiança da vitória que aumentava no seio do povo ariano a cada território que a Alemanha conquistava.

Observando o cartaz apresentado durante a exposição Sérvia, é possível visualizarmos uma série de semelhanças que corroboram com a imagem pejorativa do judeu que a Alemanha Nazista se empenhava em transmitir. Na imagem, a figura caricaturada do judeu controla em sua mão direita através de fios que se estendem de seus dedos quatro grandes aranhas que tecem uma teia circular, simulando um globo terrestre onde se sobrepõem quatro símbolos vermelhos que representam: uma estrela de Davi de seis pontas na palma da mão estendida do judeu sobre as aranhas e, nelas, um quadrado e compasso maçônicos na primeira, uma estrela soviética de cinco pontas na segunda e um cifrão americano na terceira, tudo isso aliado a um texto sérvio escrito em alfabeto cirílico na parte inferior onde se lê: “Suas Armas: Democracia, Maçonaria, Comunismo, Capitalismo”. Assim, analisando o cartaz sob a luz dos ocorridos e do antissemitismo latente pregado pela Alemanha, podemos entender que segundo a visão empregada pelos Nazistas, os judeus se aliavam diretamente a tudo aquilo que eles juravam combater, a tudo o que era ruim, ao inimigo, sendo, portanto, digno não somente de aversão, mas também de ódio e combate.

O cartaz sérvio, tal qual o cartaz francês, é construído pelos alemães de forma a afirmar que os judeus são aliados dos inimigos, e sobretudo, pretendem dominar o mundo através da conspiração plutocrato-judaico-bolchevista.

É necessário que se observe as diferenças postas acima ao analisarmos os dois cartazes que, apesar de serem iconográfica e iconologicamente aproximados, foram publicados inclusive com o mesmo intento, mas em territórios com culturas, costumes, políticas de governo e de ocupação muito distintas. Enquanto no território francês podemos observar um intento de “ensinar” as massas a reconhecer os judeus e de busca do apoio para o combate deste perigo iminente que se esconde se embrenhando e passando despercebido pela sociedade, ao mesmo tempo em que executa seu plano de dominação mundial, no imaginário social de massas sérvio, analisando à luz dos conflitos internos – entre aqueles que buscavam a chegada ao poder no momento em que os Nazistas saíssem de cena – o antissemitismo se misturava com a ocupação Nazista e a recente formação da Iugoslávia, o que, em linhas gerais, deve ser pensado ao entendermos a rápida aniquilação dos judeus: o povo sérvio, que vivia permeado de conflitos em seu território, aceitou com pouca resistência essa colonização de seu ideário, tomando para si de forma indiscriminada a figura propagandeada dos judeus.

Por fim, podemos observar através do uso das cores e das palavras que o cartaz produzido para publicação no território francês é construído com muito mais cuidado e *finesse* do que o cartaz sérvio. Enquanto o primeiro desenha o judeu – que não deixa, em ambos os casos, de ser caricaturado – com traços mais finos e se utiliza de cores mais claras, tendo sua ênfase de comparação colocada no uso das letras da legenda, o cartaz sérvio se encontra, pelo menos em forma, no extremo oposto, pois representa o judeu com linhas grossas e produz a mensagem com cores escuras. É dizer que o cuidado com os detalhes ofertados à atenção da massa francesa aparenta ser maior do que em relação à massa sérvia, seja pelo fato de que o território francês possuía um número maior de judeus a serem aniquilados, seja pelo fato de que no território sérvio outros conflitos transformavam o intento da aniquilação dos judeus mais fácil de ser alcançados.

Os cartazes poloneses apresentados nas imagens 07 e 08 também conversam entre si e podem ser analisados iconologicamente a partir da premissa do intento de desumanização do judeu, através de sua associação com pragas. Claro que não devemos deixar de observar suas especificidades, mas também resta necessária a percepção do tipo de abordagem recebida no território polonês, dado seus acontecimentos específicos durante a sua ocupação.

Em primeiro lugar, dada a cronologia dos cartazes, observamos na imagem sete o judeu – mais uma vez de características orientais e ortodoxas – lidando com seus negócios de forma desonesta e suja (na ambiguidade das acepções que a palavra “suja” pode carregar), colocando água no leite, ratos na carne para moer e amassando o pão com os pés no chão cheio de insetos. O intuito da publicação é o de desestimular a população a consumir produtos de origem judaica.

Sabemos que a Polônia foi o primeiro território a ser ocupado pela Alemanha, sendo sua invasão o estopim para o início da Segunda Guerra Mundial. Com o Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético, a Polônia foi dividida em duas partes: uma de ocupação alemã e outra de ocupação soviética. Em 1941, após invadir a União Soviética, a Alemanha ocupou também o restante do território polonês. Ainda, a historiografia tem produzido materiais bastante relevantes sobre a forma de ocupação ocorrida no território polonês. Segundo Evans, a ocupação buscava um intento maior do que livrar a Polônia dos judeus, mas objetivava, e conseguiu em grande medida, livrar a Polônia dos próprios poloneses. Evans aponta que “Hitler havia anunciado antes da guerra que pretendia varrer os poloneses da Polônia e levar colonos alemães para o lugar deles” (EVANS, 2012b, p. 50). Dessa forma, uma vez que o território havia sido ocupado (ou

pelo menos parte dele visto o pacto com a União Soviética até 1941), o intento de retirar os poloneses da Polônia e transformá-la em colônia de ocupação teve seu início. Ainda segundo Evans:

Ao longo dos meses do inverno de 1939-40, Himmler montou uma elaborada burocracia para gerenciar esse processo [...]. Duas enormes transferências forçadas de população começaram quase de imediato: a remoção de poloneses dos territórios incorporados e a identificação e “repatriação” de alemães étnicos de outras partes da Europa oriental para substituí-los. A germanização dos territórios incorporados começou quando 88 mil poloneses e judeus foram detidos em Posen na primeira metade de dezembro de 1939 [...]. Homens aptos e robustos foram separados e levados para a Alemanha como trabalhadores forçados. Nenhum deles recebeu compensação pela perda de sua casa, propriedades, empresas e bens (EVANS, 2012b, p. 51).

Isso torna o caso da Polônia uma ocupação com profundas particularidades, visto que os dados apontam que as deportações de poloneses, todos eles sem distinção, aconteceram massivamente nos anos que se seguiram à ocupação. Boa parte dos poloneses movidos durante esse processo jamais voltariam a ver sua terra natal. A Polônia, nesse período, continha diversas fazendas que foram “arianizadas”, ou seja, alocadas nas mãos de colonos alemães. Os poloneses, por outro lado, foram submetidos a um questionário para serem inseridos na recém-criada Lista Alemã Étnica. Dessa forma, “poloneses considerados adequados para a germanização seriam classificados sob uma variedade de tópicos, como alemães étnicos pró-nazismo, alemães que haviam ficado sob influência polonesa, e assim por diante [...]” (EVANS, 2012b, p. 54). O formulário, intitulado Petição para a Emissão de uma Carteira de Identidade para Pessoas de Descendência Alemã sem dúvidas causou revolta em uma parcela dos poloneses, que viam a cada dia que passava seus direitos esvaindo pelo bueiro. Entretanto, os que não assinaram o registro como alemães étnicos foram considerados cidadãos de segunda classe, realizando trabalhos forçados em condições extremamente precárias.

Se a situação sob ocupação Nazista se delineava precária para os poloneses, era ainda mais perversa em relação aos judeus poloneses. Apesar de a propaganda Nazista se voltar, quase que em sua totalidade, para a imagem do judeu oriental, sabemos que os judeus que viviam no território alemão via de regra não apresentavam, no dia a dia, essa aparência. O caso polonês, por outro lado, era uma outra realidade. Na Polônia pouco antes do início da guerra, se encontrava com facilidade muito maior o judeu que utilizava a barba e os cabelos cacheados por motivos religiosos. Para os alemães, essas figuras despertavam ainda mais desconfiança do que os judeus “aculturados” que podiam ser encontrados em outros territórios, inclusive o alemão. Ainda,

Evans aponta que “a maioria dos judeus poloneses era de pequenos comerciantes e lojistas, artesãos e mercadores ou operários assalariados” (EVANS, 2012b, p. 56).

Assim, sabendo que em 1940 a Polônia ainda restava dividida, e que o cartaz em foco foi produzido e publicado sob essas condições, e sabendo ainda que Hitler já almejava a invasão da União Soviética desde dezembro de 1940, não se mostra aleatório o intento de desqualificar os comércios judeus. Vale lembrar que essa propaganda já acontecia em território alemão, vide a imagem 04 datada de 1936. Cientes da expansão do processo de arianização, entendemos que esse processo se deu também na Polônia, em uma situação extremamente particular. Como aponta Silva (2021)

Para o capital monopolista, era extremamente necessário que o Estado mobilizasse seu aparato repressivo de maneira decidida contra os setores da sociedade que pudessem apresentar um risco ao acréscimo da exploração do qual necessitava. Diante disso, a mobilização constante das massas pequeno burguesas em torno da ideia de combate aos inimigos da nação alemã, em especial os judeus, significava um aporte decisivo a essa necessidade. Como efeito secundário, a “arianização da economia” causada pela expropriação dos bens dos judeus alvos da repressão aprofundou ainda mais a concentração de capital, demonstrando o quão vantajosa a aliança com a pequena-burguesia por intermédio da ideologia Nazista poderia ser para o grande capital (SILVA, 2021, p. 12 – 13).

Nesse sentido, desacreditar o comércio judeu se mostrava um primeiro passo para arianizar o empreendimento e deslocar aquele polonês ou judeu da comunidade em que vivia e fazia negócios sem grandes protestos. Dessa forma, a questão da arianização do território polonês se delineia ainda no fato de que, com a entrada de colonos alemães no território e a volta de poloneses considerados etnicamente germanizados, a propaganda, sobretudo a voltada para a descrença dos negócios judeus, ocupava um papel de dupla função: manter, no imaginário dos colonos alemães, o controle do ódio aos judeus, com a imagem viva do quanto eram perigosos e imbuir o imaginário dos poloneses restantes no território dos perigos ofertados pelos judeus. Esse intento, de certa forma, deve parte de seu sucesso a um preconceito que já existia no território polonês em relação aos judeus. Assim, a Polônia configura um território de estamentos muito bem divididos: no topo, os alemães colonos, os oficiais Nazistas, os invasores de forma geral; abaixo deles, os poloneses etnicamente germanizados, tolerados pelos primeiros, mas cientes de que não estavam no mesmo patamar; por fim, os judeus, em um nível social tão baixo que chamá-lo de condição sub-humana é colocá-los ainda em uma posição privilegiada em relação a que realmente viveram durante a ocupação Nazista.

Ainda nesse sentido, mas cientes de suas especificidades, voltamos nossa análise para o cartaz da imagem oito. Nele podemos observar linhas mais grotescas e grossas, bem como uma mensagem mais desesperada de ser propagada, com apelo às cores escuras e a grandes imagens e pouco texto na intenção não de necessariamente convencer através da racionalidade, mas de impulsionar através do medo. O uso excessivo de preto gera um fundo escuro e carregado de onde surge, em tons de roxo, uma caveira como alusão direta à morte. O uso da cor verde remetendo a doença e a presença dos piolhos, aliada a mensagem de que os judeus seriam transmissores de tifo (ideia irreal, visto que o vetor do tifo é o piolho) completam o cartaz que mais parece saído de um filme de terror. A Polônia enfrentou durante os anos de 1940 e 1941 uma epidemia de tifo, sobretudo no gueto de Varsóvia. Esse acontecimento municiou o já inflamado discurso de que os judeus precisavam ser segregados do convívio com os arianos por uma questão de saúde pública. O cartaz, aqui majoritariamente ligado ao intento de impelir seu receptor ao medo, ainda assim possui um caráter didático, ensinando a importância de os arianos, a fim de se manterem saudáveis, manterem distância dos judeus.

Os dois cartazes restantes, apesar de publicados em anos diferentes e em locais diferentes, se conectam em elementos centrais de sua construção imagética: o judeu na posição de algoz, de centralizador do poder, máxima representada pelo chicote presente tanto na imagem 11 quanto na imagem 12.

A primeira, publicada na Polônia em 1943, apresenta um judeu de barba proeminente, cabelos cacheados, e expressão de ódio – quase demoníaca – chicoteando um grupo de pessoas que em longa fila, aparentam caminhar pelo mundo, representado pelo globo que se delineia por todo o cartaz. O uso das cores vermelho vivo e amarelo opaco dão a sensação de mobilidade ao cartaz, mas também de incômodo. Não podemos deixar de observar nesse cartaz a apropriação da qual o partido Nazista se vale do uso da cor vermelha, comumente conhecida por sua associação ao socialismo e a União Soviética, na representação majoritária de imagens depreciativas. O fundo de linho, por fim, sugere que o cartaz foi produzido para afixação em ambientes internos, onde não estaria exposto ao tempo.

A imagem em destaque, e que aqui mais nos chama a atenção é a do judeu. Primeiro por seu claro destaque na publicação, do contraste de sua vestimenta – toda preta – mas principalmente por ser representado como detentor de um poder que, sabemos, com a máquina de morte em pleno funcionamento, jamais poderia lhe ser atribuída. A maioria dos judeus

segregados no Gueto de Varsóvia já havia sido exterminada – Himmler esperava que esse intento fosse cumprido até o final de 1942 – e as câmaras de gás de Auschwitz-Birkenau alcançaram seu ápice no mesmo ano. A Solução Final se delineava com bastante eficiência desde 1942, não sendo possível que o judeu, não enquanto indivíduo solitário, mas enquanto comunidade, pudesse ser colocado como algoz ou detentor de poder de nenhuma maneira. Apesar disso, é massiva a representação do judeu enquanto participante de uma conspiração mundial que reunia os inimigos da Alemanha na guerra, como podemos constatar no cartaz italiano.

Dessa forma, a propaganda se despe da ideia do judeu fraco, vetor de doenças e executor de pequenos trambiques, para colocá-lo novamente na imagem de judeu internacionalizado e detentor de grandes poderes, que controlava os Aliados e financiava a plutocracia bolchevista, controlando o mundo dos negócios a seu favor. Assim, eram representados como robustos (imagem contrastante com a realidade que, cerca de dois anos depois, seria encontrada nos sobreviventes dos campos de concentração e nos corpos deixados ao longo da marcha da morte), escanhoados, e sobretudo, perigosos.

Em relação ao cartaz italiano, que se aproxima do cartaz polonês pela questão plutocrato-judaico-bolchevista, as especificidades do território também precisam ser observadas a fim de alargar o entendimento do cartaz. A Itália, governada durante sua participação na guerra por Benito Mussolini, possuía uma relação completamente diferente dos outros países ocupados com o Regime Nazista, visto que sua entrada na guerra se deu, justamente, como aliada da Alemanha. Segundo Hilberg, “[...] é possível observar que o Regime antijudaico na região italiana foi estabelecido sem a participação alemã e que o estatuto dos judeus na Itália não era um assunto fácil nas negociações entre Alemanha e Itália durante todo o período em que durou a parceria do Eixo.” (HILBERG, 2016, p. 808).

Apesar de os objetivos alemães e italianos estarem alinhados, a execução da Solução Final não estava. A presença dos judeus na Itália remonta ao século XV e, apesar de o controle espanhol por vezes ter ditado os territórios onde os judeus estariam ou não assentados, e de o primeiro gueto ter acontecido em Veneza cerca de 1516, o fato é que quando os judeus se tornam uma questão a ser pensada pelo Regime fascista (sobretudo dada a imposição dos Nazistas sobre a questão), os judeus que viviam no território italiano estavam absorvidos pela sociedade. Isso tornou o intento da destruição dos judeus na Itália não somente particular, mas

extremamente difícil. Como aponta Cecil Roth em seu livro *The History Of The Jews Of Italy* (1946):

Mussolini, por sua vez, estava ansioso por apoio de qualquer parte que viesse. Como outros italianos, ele não fazia distinção entre os judeus e outras seções do povo italiano; além disso, eles haviam demonstrado sua devoção à concepção de uma Grande Itália nos últimos anos [...] (ROTH, 1946, p. 509, tradução nossa).⁷⁰

Entretanto, não demorou mais do que o ano de 1938 para que as medidas antijudaicas começassem a ser impostas na Itália. Os decretos privaram os judeus de sua presença nas forças armadas e no funcionalismo público – responsáveis por boa parte das ocupações dos judeus italianos até então, junto com os comércios. As leis antijudaicas italianas definiram, tal qual as leis alemãs, quem eram os considerados judeus no território, segregando essa população de serem atendidos por não judeus, de possuírem bens acima de um valor estabelecido, de casar-se com italianos e de adotar crianças não judias. Ainda em 1938, uma lei estabelecida ordenou que fossem anuladas as naturalizações que haviam sido concedidas para judeus a partir de 1919, instaurando o prazo de março de 1939 para que os judeus estrangeiros e agora desnaturalizados deixassem o território italiano. Entretanto, apesar das medidas tomadas pelo governo italiano, Hilberg aponta que

Do ponto de vista alemão, todavia, todas essas medidas eram extremamente inadequadas. Uma grande parte de judeus italianos praticamente não foi afetada pela ação antijudaica e o ritmo do processo de destruição desde as primeiras leis serem promulgadas em 1938 e 1939 era muito lento para sugerir que os italianos algum dia chegassem por força própria a um ponto crítico em que as deportações se tornariam uma conjectura factível. Na Itália, não havia quaisquer privações de propriedades judaicas e nenhum regulamento infalível de residência e movimentos judaicos. Ainda assim, os alemães relutavam em interferir. A Itália ainda era o principal aliado alemão e os alemães não se esqueciam disso (HILBERG, 2016, p. 816).

A impaciência dos oficiais Nazistas seguiu aumentando, pois, com as deportações ocorrendo em toda a Europa, a ineficiência em relação aos judeus italianos ganhava cada vez mais destaque, então os Nazistas começaram a demandar que ações fossem tomadas em relação

⁷⁰ No original: “Mussolini for his part was eager for support from whatever quarter it might come. Like other Italians, he did not differentiate between the Jews and other sections of the Italian people; they had, moreover, shown their devotion to the conception of a Greater Italy in recent years [...]”

aos judeus da Itália. Sua intenção era de que fossem instaurados na Itália parâmetros equivalentes aos impostos no território alemão para lidar com os judeus.

O cenário na Itália começa a se modificar – e se modificaria drasticamente – com a queda de Mussolini e a dissolução do partido Fascista. Dias depois, a Itália se rende aos Aliados e se torna, oficialmente, um território ocupado. Hitler, entretanto, não aceitou que a situação italiana se desse por findada e deu início a uma operação que tinha como objetivo principal a tomada do território italiano e o resgate de Mussolini, preso após sua deposição pelo rei Victor Emanuel.

Os Nazistas conseguiram resgatar Mussolini e ocupar parte da Itália, que ficava assim dividida em dois blocos: o norte, ocupado pelos Nazistas e retornando às mãos de Mussolini, e o sul sob o governo provisório instaurado pelo rei. A saída dos alemães do território italiano só se daria no início de 1945 – apesar de Roma haver sido recuperada pelos Aliados ainda em 1944. Nesse período, a situação judaica no território ocupado mudou drasticamente. Hilberg aponta que apesar de os alemães terem feito esforços para resgatar Mussolini, seu reestabelecimento não foi aguardado para discutir qual seria o futuro dos judeus no norte da Itália – não houve uma preocupação de instaurar uma administração local como fantoche, a exemplo do que ocorreu na França de Vichy.

Pelo contrário, as decisões em relação a como lidar com os judeus daquele momento em diante começaram a ser tomadas de imediato, tendo início esforços reais para colocar as deportações em prática. Apesar de sua libertação ter ocorrido primeiro, os judeus de Roma não ficaram imunes às investidas Nazistas. Houve tempo suficiente para realizar não somente deportações, como prisões e envios para campos de concentração. Em novembro de 1943, foi determinado que todos os judeus fossem colocados em campos de concentração. O governo italiano formulava pequenas resistências em relação à Solução Final imposta pelos alemães – sempre tentativas menores de poupar vidas judias, que não conflitassem de forma majoritária com o Partido Nazista – mas pouco sucesso foi obtido. Fato é que as deportações, as prisões e os envios para os campos de concentração se tornaram uma realidade na Itália apesar de o sucesso não ter sido considerado estrondoso pelos Nazistas dada a demora com que os italianos lidaram com a questão. Apesar disso, estima-se que sete mil e quinhentos judeus tenham sido deportados do território italiano.

Nesse sentido, o contexto em que o último cartaz aqui tomado como fonte está inserido, visto que sua produção e distribuição se deu em 1944, durante a ocupação alemã do território,

ilustra e traz à tona uma discussão não somente de particularidade do território, mas da ciência das particularidades pelo Partido Nazista quando da produção de seu material de propaganda no alcance de seus intentos. Sabendo que o judeu italiano, diferentemente dos judeus de outros territórios – como o polonês – haviam sido incorporados à sociedade, pouco efeito faria tentar instigar na população italiana não judaica o sentimento de repulsa e nojo aliando a imagem do judeu a pragas. Visto que o judeu naquela região não se apresentava com as características orientais, pouca identificação causaria o cabelo encaracolado, a barba longa, as vestes e o quipá.

Por outro lado, as características físicas, como o nariz representado de forma exagerada, caricaturam de forma mais incisiva o judeu nessa representação. Ainda, ao colocarem a palavra judaísmo no mastro do chicote, não restam dúvidas do objeto central de sua crítica. Por fim, ao relacionarem o judeu às figuras que compunham naquele momento os altos escalões dos governos dos Aliados, criam no imaginário dos italianos do norte a ideia de que os judeus são responsáveis pela guerra e pelos horrores que ela acarreta. Assim, não podendo desaculturar o judeu italiano, o coloca como um inimigo adormecido, um agente duplo que subiu à superfície.

Quando analisamos esse cartaz e os intentos por trás de sua produção com o fato de que o governo estabelecido com a volta de Mussolini no norte da Itália era composto por oficiais fascistas de confiança, como manutenção do Regime estabelecido até então, e que o território italiano sob controle de Mussolini vivia condições similares em muitos aspectos em relação a Alemanha sob domínio de Hitler, não resta difícil a percepção do apelo nacionalista às mentes fascistas que essa produção realizava. Assim, podemos apontar que a propaganda na Itália objetivava recuperar o tempo perdido pelo governo italiano pré-ocupação no que concernia à questão judaica, impelindo os cidadãos a denunciarem os “inimigos da pátria” que restavam escondidos em fuga.

Em um panorama geral, após a cuidadosa análise caso a caso das particularidades em que cada território se encontrava, podemos afirmar que a propaganda não foi produzida de forma genérica para os territórios ocupados, mas após cuidadosa análise de como seria possível atingir de forma exitosa o cerne daquela comunidade em questão. Analisamos aqui, pela brevidade que um mestrado impõe, um recorte dos países que foram ocupados e obtiveram maior destaque não somente em sua ocupação, mas na historiografia que se seguiu. Apesar disso, com resultados positivos em relação à proposta inicial, comprovadamente apontando que os cartazes possuíram sim um papel majoritário e estrategicamente posicionado no intento do convencimento

populacional de cada região à aliar-se a causa antissemita, infligindo conscientemente o medo, a repulsa e o ódio nessa população em relação aos judeus, entendemos que os outros países ocupados ainda carecem de olhares mais cuidadosos em relação a sua produção de cartazes e como os intentos se alinhavam com os acontecimentos locais.

Capítulo 3

A propaganda antissemita e o Mal Radical em Hannah Arendt: considerações sobre uma relação ambígua

Um antissemita alegava que os judeus haviam causado a guerra.
A resposta foi: “Sim, os judeus e os ciclistas”. “Por que os
ciclistas?”, pergunta um. “E por que os judeus?”, pergunta outro.

Hannah Arendt

Após a análise minuciosa de cada cartaz exposto como fonte no capítulo anterior, as páginas que se apresentam daqui em diante se ocupam de discutir o produto da análise dos cartazes – a saber, os entendimentos que restaram postos ao observarmos a iconografia, ou seja, aquilo que vemos; e a iconologia, aquilo que o contexto de produção daquele cartaz nos apresenta e o que interpretamos da imagem através de predisposições culturais imbuídas no receptor da imagem – com a teoria arendtiana de Mal Radical.

Destacamos, portanto, a obra da filósofa Hannah Arendt, judia alemã nascida em 1906 que, após vivenciar os horrores da primeira guerra ainda como criança, sentindo na pele as perdas econômicas e sociais, e as mudanças de cidade devido ao medo dos ataques aéreos, vivenciou também na vida adulta o terror da segregação de seu povo promovida pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Desamparada por seu país após ser declarada apátrida em 1933, refugiou-se em Paris até 1939, quando foi enviada para um campo de concentração. O destino daqueles que não empreenderam fuga do campo de Gurs — onde Arendt se encontrava — certamente foi a morte. Entretanto, a filósofa estabeleceu-se em Nova Iorque, onde conquistou cidadania em 1951, desenvolvendo a maior parte de sua carreira acadêmica e de sua produção intelectual, com excertos dentre os quais, de importância fundamental para o nosso trabalho, se encontra *Origens do Totalitarismo* (2012).

Nesse trabalho, Arendt esmiúça os conceitos de Nazismo, Antissemitismo, Totalitarismo e Estalinismo. Dotada de profundas reflexões sobre a temática Nazifascista – na qual se inserem as reflexões, hipóteses e objetivos de nossa investigação –, inicia aqui suas discussões acerca do conceito de Mal Radical proposto por Kant, em uma visão minuciosa do antissemitismo e de

seus perigos iminentes. Não seria possível pensar esse trabalho sem nos basearmos na obra de Arendt, pois essa nos permite uma profunda imersão na compreensão histórica, política, cultural e, sobretudo, filosófica da realidade do momento, sendo possível comparar a questão Nazista e o antissemitismo através da ótica do Mal Radical, e o espaço de propagação que esse Mal encontrou na sociedade de massas através dos cartazes, eixo basilar de nossa investigação.

As relações do Mal Radical nas obras de Kant e Arendt

O Mal Radical, teorizado por Kant em seu livro *A Religião Dentro dos Limites da Simples Razão* (2008) e utilizado por Arendt como ponto de partida em seu livro *Origens do Totalitarismo* (2012), traz em sua essência o pensar da moralidade despida de qualquer preceito religioso. É dizer que Kant se preocupa em olhar para o homem e analisá-lo através “da complexa relação entre o respeito pela lei moral e o amor-próprio na definição do móbil para a ação” (SILVA, 2005, p. 83). Desta forma, Kant revela uma emancipação moral, sendo capaz de pensar a moralidade e seus princípios de forma autônoma. Para Kant, havia um conflito a ser pensado entre natureza e liberdade, entre respeito pela lei moral e amor-próprio. Sendo assim, as ações humanas, tomadas no intuito de exercer sua liberdade, manifestam no homem uma propensão para o Mal. O Mal Radical, portanto, não se refere a um determinado tipo de Mal em específico, mas sim à possibilidade de existência de todo Mal moral.

O Mal em Kant pode ser pensado como um desenvolvimento incompleto do homem de sua capacidade para o bem. Isto porque segundo ele, uma vontade livre seria uma vontade autônoma que partiria de si própria, enquanto uma vontade não livre seria estimulada por um fator externo – também entendido como as inclinações ou os desejos. Logo, a vontade não livre somente poderia ser fruto das inclinações humanas, portanto imperfeitas, enquanto uma vontade livre seria uma vontade que se estabeleceria de acordo com as leis morais. Sendo assim, ao teorizar acerca do Mal, Kant procura construir uma fundamentação filosófica no que diz respeito à liberdade moral e às consequências provenientes de atos que não seguem a lei moral.

Arendt visualiza na teoria de Kant uma importância fundamental ao dar espaço para que se pense a questão do Mal enraizado, que para Arendt, torna o homem supérfluo e defensor somente de si, visto que esta relação – do homem consigo mesmo – é que moldaria a questão da moralidade desconectada do viés religioso. A importância dessa desconexão está no fato de que a

moralidade não pode ser vista através da concepção religiosa de “preocupar-se com o outro” pois, na verdade, é o oposto: o preocupar-se consigo mesmo. Logo, não pode ser pensada através da obediência a nenhuma lei externa, seja a divina, seja a dos homens. Portanto, a legalidade, sendo um fator externo, não pode esperar que para a vigência da ordem política se necessite de improbidade moral, e sim somente de racionalidade. Sendo assim, essa legalidade só encontra espaço na questão política e religiosa. A teoria de Kant se mostra importante na obra de Arendt em vários momentos, porém a autora se diferencia da obra kantiana ao abordar a superfluidade – ponto central de sua análise que não está presente nas reflexões kantianas. Bernstein aponta em sua obra que

Não é por acaso que Arendt usa o termo kantiano "espontaneidade". De acordo com Kant, a espontaneidade é a característica essencial de nossa racionalidade e liberdade humanas. De uma perspectiva kantiana, não faz sentido sugerir que a espontaneidade humana possa ser eliminada. Pois isso significaria que não éramos mais agentes racionais humanos. Mas o totalitarismo do século XX mostra que agora devemos viver com a possibilidade muito real de que a espontaneidade humana possa ser eliminada. Dito de outra forma, Arendt não discorda de Kant de que a espontaneidade é uma condição necessária para a própria possibilidade de uma vida humana racional. Ela difere dele em pensar que mesmo essa condição aparentemente transcendental da vida humana pode ser eliminada empiricamente, por meios totalitários⁷¹ (BERNSTEIN, 2002, p. 2008, tradução nossa).

Assim, Arendt teoriza a partir da concepção de Mal proposta por Kant, mas se diferencia quando propõe a questão da superfluidade dos campos de concentração, que ocorre com mais facilidade através da possibilidade de tornar os homens supérfluos. Segundo ela:

Apenas uma coisa parece discernível: podemos dizer que esse Mal Radical surgiu em relação a um sistema no qual todos os homens se tornaram igualmente supérfluos. Os que manipulam esse sistema acreditam na própria superfluidade tanto quanto na de todos os outros, e os assassinos totalitários são os mais perigosos porque não se importam se eles próprios estão vivos ou mortos, se jamais viveram ou se nunca nasceram. O perigo das fábricas de cadáveres e dos poços do esquecimento é que hoje, com o aumento universal das populações e dos desterrados, grandes massas de pessoas constantemente se

⁷¹ No original: “It is no accident that Arendt uses the Kantian term “spontaneity.” According to Kant, spontaneity is the essential characteristic of our human rationality and freedom. From a Kantian perspective, makes no sense to suggest that human spontaneity can be eliminated. For this would mean that we were no longer human rational agents. But twentieth-century totalitarianism shows that we must now live with the all too real possibility that human spontaneity can be eliminated. Stated another way, Arendt does not disagree with Kant that spontaneity is a necessary condition for the very possibility of a rational human life. Where she differs from him is in thinking that even this apparently transcendental condition of a human Life can be eliminated empirically, by totalitarian means.”

tornam supérfluas se continuamos a pensar em nosso mundo em termos utilitários (ARENDT, 2012, p. 609).

Em Arendt, pode-se encontrar uma extensa teorização a respeito do conceito de Kant, que traz uma reflexão complexa da relação do indivíduo com a moralidade e com a necessidade de agir conforme a lei moral. Quando essa lei interna é acionada, o indivíduo deve agir de forma que todos devessem segui-la por dever. É o que Kant entende por “razão prática” em oposição à “razão teórica”.

A teoria de Kant se faz presente de forma tão intrínseca no pensar arendtiano que Bernstein em seu livro *Radical Evil: A philosophical Interrogation* (2002), em que o autor teoriza a respeito do Mal em diversos pensadores, como Hegel, Nietzsche e Freud, inicia seu capítulo a respeito da teoria em Kant com a seguinte citação de Hannah Arendt, presente em *Origens do Totalitarismo* (2012):

É inerente a toda a nossa tradição filosófica que não possamos conceber um "Mal Radical", e isso se aplica tanto à teologia cristã, que concedeu ao próprio Diabo uma origem celestial, como a Kant, o único filósofo que, pela denominação que lhe deu, ao menos deve ter suspeitado de que esse Mal existia, embora logo o racionalizasse no conceito de um "rancor pervertido" que podia ser explicado por motivos compreensíveis. Assim, não temos onde buscar apoio para compreender um fenômeno que, não obstante, nos confronta com sua realidade avassaladora e rompe com todos os parâmetros que conhecemos. [...] As soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos Regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem. (ARENDT, 2012, p.510)

Como Bernstein aponta magistralmente, “seria anacrônico esperar que Kant antecipasse os horrores do século XX. Mas Kant é certamente um pensador que transformou a maneira como pensamos sobre a moralidade no mundo moderno.”⁷²(BERNSTEIN, 2002, p. 12, tradução nossa). Assim, entendemos a importância latente da teorização de Mal que Kant propõe em seus excertos, mas seria anacrônico – e por isso, ainda infrutífero – a utilização da teoria de Kant em si ao falarmos do antissemitismo Nazista.

A teoria de Arendt, por outro lado, por mais que beba da fonte da teorização de Kant, não somente se aprofunda nas questões totalitárias Nazistas, mas a autora viveu, e sobreviveu – e evocamos, como o faremos novamente em breve, Hartog e sua observância sobre a necessidade

⁷² No original: “It would be anachronistic to expect that Kant anticipated the horrors of the twentieth century. But Kant is certainly a thinker who has transformed the way in which we think about morality in the modern world.”

de pensar o historiador dentro de seu tempo – as mazelas que o Regime Nazista impôs aos judeus. Não podemos esquecer que, por mais que Arendt encontre indícios de que Kant já teorizasse a respeito do Mal, os eventos do totalitarismo são sem precedentes para a autora, de forma que, para ela, os eventos eram ainda incompreendidos e inexplicados.

O Mal Radical em Hannah Arendt e o evento totalitário

A partir de nossa exposição, entendemos que a teoria de Arendt contribui magistralmente para este trabalho ao colocar o Mal Radical em voga em relação ao totalitarismo alemão sob o comando de Hitler, teorizando sobre a superfluidade surgida no Regime, de forma que nosso trabalho possa se ocupar de analisar o *modus operandi* da teoria arendtiana, comprovando que há um mecanismo inserido conscientemente na propaganda Nazista a fim de tornar aquela sociedade supérflua e capaz de dissociar o Mal perpetrado aos judeus de um julgamento moral. Essa discussão, que alargaremos nas próximas páginas, se alinha ao objetivo proposto no início deste excerto e se conecta com trabalhos que vem surgindo aos poucos no campo da propaganda política, mas que ainda não ultrapassam os limites da análise imagética para o campo da história filosófica, onde, destacamos, está o ápice de nossa originalidade.

Em *Origens do Totalitarismo* (2012), Arendt inicia suas discussões apontando que o antissemitismo, que se tornou tema central da máquina de morte Nazista, apesar de já existir enquanto sentimento isolado em nações e povos através dos tempos, não ocupava papel central em tamanho e universalidade a ponto de se tornar estopim de ódios e perseguições tão elevados. Dessa forma, Arendt, que enxerga no homem a expressão de sua liberdade através da participação política, se preocupa que o evento antissemita Nazista possa criar um molde de perseguição a ser usado indiscriminadamente.

Mais uma vez, como dito anteriormente nas relações intrínsecas que o pensamento de Arendt guarda com as teorizações kantianas, a autora não se preocupa com os embates religiosos que o judaísmo pode ter – e continuar tendo – principalmente com o cristianismo, mas sua imagem enquanto participante político. Apresentamos no capítulo anterior que a incorporação do judeu enquanto personagem na vida social de cada território se deu sempre de modo muito particular, a depender das especificidades de cada local. Como aponta Bachega

Em *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt mostra como o preconceito europeu contra os judeus iniciado no século XVII e desenvolvido durante a fase do imperialismo por meio das teorias raciais e da submissão de povos considerados inferiores aos europeus foi manipulado em favor da propaganda e estratégia Nazistas a fim de convencer o povo alemão a auxiliarem sua “limpeza étnica”, bem como conquistar o aval para a chamada “Solução Final” dos judeus e que resultou na morte de milhões de pessoas consideradas pelo Regime como subversivas, contrárias ou destinadas à morte, segundo a visão do Terceiro Reich. (BACHEGA, 2012, p. 08)

Assim, o convencimento das massas em relação à imagem judaica só pode ser propagado através da ideia de preservação de um “espaço vital ariano” em detrimento dos “planos de dominação dos judeus” quando coloca, ambos, em situação comparativa de raça. Como mecanismo para que esse convencimento galgue espaço e conhecimento, por outro lado, o Regime se vale do terror, método de controle indispensável para o sucesso do advento totalitário. Para Arendt, “o estabelecimento de um Regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo da maioria, antes que o terror possa ser estabelecido” (ARENDT, 2012, p. 26).

Segundo Arendt, o antissemitismo experienciado na Alemanha durante o Regime Nazista deve suas raízes, em larga escala, ao movimento pangermanista que objetivava, em meados do século XIX, unir os povos germânicos da Europa central. Dessa forma, a própria existência da comunidade judaica – sem pátria definida, espalhada pelo mundo apesar de se manter fortemente ligados à sua origem e tradição, além de sua crença como povo escolhido – era a representação do extremo-oposto ao que o pangermanismo pregava.

Ainda em relação aos precedentes, Arendt não se difere da historiografia consolidada acerca dos motivos pelos quais o nazismo ascendeu, entendendo que a desorganização do sistema de classes no pós-Primeira Guerra Mundial e a crise que assolou a Alemanha durante a República de Weimar, dadas as sanções do tratado de Versalhes contribuíram para a indiferença do homem em relação à política. Dessa forma, o sistema totalitário encontra no homem que não participa da política, e não se interessa por ela, espaço para instaurar sua propaganda política doutrinária de forma eficaz.

Ainda em relação à propaganda, a autora faz apontamentos e observações entre diferenças dos conceitos de propaganda e terror. Arendt considera que as massas precisam ser

conquistadas por meio da propaganda e que esta serve como convencimento daqueles que ainda não são perfeitamente pertencentes ao mecanismo do totalitarismo. Assim

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora — sejam as camadas não totalitárias da população do próprio país, sejam os países não totalitários do exterior. Essa área externa à qual a propaganda totalitária dirige o seu apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada do poder, a propaganda totalitária pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente. [...] A esfera externa pode também ser representada por grupos de simpatizantes que ainda não estejam preparados para aceitar os verdadeiros alvos do movimento. E, em muitos casos, até mesmo certos membros do partido são considerados, pelo círculo íntimo do Führer ou pelos membros das formações de elite, como pertencentes a essa esfera externa e ainda necessitados de propaganda, já que não podem ainda ser dominados com segurança. (ARENDT, 2012, p. 391).

Ainda em relação à propaganda, que Arendt classifica enquanto “externa”, a autora aponta que “basicamente, porém, o domínio totalitário procura restringir os métodos propagandísticos unicamente à sua política externa ou às ramificações do movimento no exterior, a fim de lhes fornecer material adequado”. E que, entretanto, “sempre que a doutrinação totalitária no país de origem entra em conflito com a linha de propaganda para consumo externo [...] a propaganda é explicada no país de origem como temporária ‘manobra tática’”. Dessa forma, existe uma diferenciação para Arendt dentro da propaganda, iniciada antes da tomada de poder, entre “doutrina ideológica destinada aos iniciados do movimento, que já não precisam de propaganda, e a propaganda para o mundo exterior”. (ARENDT, 2012, p. 392). Essa relação se movimenta em maior ou menor escala, de forma que

A relação entre a propaganda e a doutrinação depende do tamanho do movimento e da pressão externa. Quanto menor o movimento, mais energia despenderá em sua propaganda. Quanto maior for a pressão exercida pelo mundo exterior sobre os Regimes totalitários — pressão que não é possível ignorar totalmente mesmo atrás da “cortina de ferro” — mais ativa será a propaganda totalitária. O fato essencial é que as necessidades da propaganda são sempre ditadas pelo mundo exterior; por si mesmos, os movimentos não propagam, e sim doutrinam. Por outro lado, a doutrinação, inevitavelmente aliada ao terror, cresce na razão direta da força dos movimentos ou do isolamento dos governantes totalitários que os protege da interferência externa (ARENDT, 2012, p. 392 – 393).

Entretanto, quando se trata do terror, Arendt o aponta como o ápice do advento totalitário. Para ela, em relação à propaganda comparada ao terror

A propaganda é, de fato, parte integrante da “guerra psicológica”, mas o terror o é mais. Mesmo depois de atingido o seu objetivo psicológico, o Regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada. Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente; na Alemanha Nazista, chegou a ser expressamente proibida. Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não totalitário; o terror, ao contrário, é a própria essência da sua forma de governo. Sua existência não depende do número de pessoas que a infringem (ARENDT, 2012, p. 393).

Podemos entender que para Arendt o terror como substituto da propaganda encontrou grande espaço no Regime Nazista. Para tanto, os Nazistas se valiam do terror de forma que a população enxergasse nos Nazistas uma segurança que não existia se inseridos em qualquer outro ambiente.

Arendt ainda se ocupa em teorizar acerca da ascensão ao poder – não de Hitler ou do nazismo em si, mas do totalitarismo como um todo. Dessa forma, aponta que “quando um movimento, internacional em sua organização, universal em seu alcance ideológico e global em sua aspiração política, toma o poder num único país, coloca-se obviamente em situação contraditória” (ARENDT, 2012, p. 439). Portanto,

No momento da tomada do poder, os perigos para o movimento eram a “mumificação” que poderia ocorrer se a posse da máquina estatal o levasse ao congelamento sob forma de governo absoluto, e a limitação de sua liberdade de movimento imposta pelas fronteiras do território em que havia galgado o poder. Para um movimento totalitário, ambos os perigos são igualmente mortais: a evolução na direção do absolutismo poria fim ao ímpeto interno do movimento, enquanto a evolução na direção do nacionalismo frustraria a expansão externa sem a qual o movimento não pode sobreviver (ARENDT, 2012, p. 439).

Para explicar como o Regime Nazista pode se manter no poder enquanto Regime totalitário, desviando-se dos perigos que a autora aponta, Arendt utiliza o conceito de Trotsky de “revolução permanente”. Longe de ter sido pensada para abarcar os Regimes totalitários, visto que seu enfoque seja as revoluções socialistas, a teoria de Trotsky na questão totalitária se encaixa em maior medida por seu nome do que por seus ensinamentos. É dizer que o *slogan* de Trotsky representa o futuro de movimentação constante que precisa estar presente para a

manutenção do totalitarismo na Alemanha. Esse totalitarismo, no caso Nazista, se dá na “noção de uma “seleção [racial] que não pode parar”, e que exige a constante Radicalização dos critérios pelos quais é feita a seleção, isto é, o extermínio dos ineptos”, criando um estado de “instabilidade permanente” (ARENDT, 2012, p. 441).

Assim, durante sua estada no poder, o Regime se vale dos movimentos da instabilidade permanente, encontrando espaço para propagandear, e doutrinar através dessa propaganda, suas crenças e necessidades, propagando, entre outras informações caras ao Regime – como a política expansionista e a questão do espaço vital ariano – a principal delas: o antissemitismo.

Arendt ainda chama a atenção para o modelo de administração totalitária alemã, que vive em constante criação de decretos, multiplicação de órgãos dentro do Estado e divisão de autoridades, que cria um poder real em paralelo a um poder aparente, mascarando na própria estrutura a ausência de uma estruturação. Assim, mantinha a “organização do caos”, colocando o cidadão alemão em posição de eterna mudança de autoridade. Arendt aponta que

O habitante do Terceiro Reich de Hitler não apenas vivia sob a simultânea e frequentemente contraditória autoridade de poderes rivais, tais como a administração estatal, o partido, a SA e a SS, como também nunca sabia ao certo, e nunca se lhe dizia explicitamente, qual autoridade deveria considerar acima de todas as outras. Tinha de desenvolver uma espécie de sexto sentido para saber, a cada momento, a quem devia obedecer e a quem devia ignorar. (ARENDT, 2012, p. 449).

Dessa forma, continuamente desorientados e fiscalizados, só havia uma figura que transmitia continuamente os ideais que os alemães deveriam confiar e seguir: o *Führer*. Essas constantes modificações de cargos e duplicações de órgãos, entretanto, acarretaram outro problema ao Regime: seus altos custos, que colocavam a Alemanha em posição ainda pior se pensarmos os custos que também adivinham da guerra.

Entretanto, Arendt aponta que a máxima do totalitarismo pode ser encontrada e observada nos campos de concentração. Isso porque se fora dos muros dos campos a população alemã se encontrava imersa nas promessas idílicas, na autoridade contraditória e na desorientação estatal, engolida pelos discursos do Regime, não imaginava – não por não querer imaginar ou por ignorar sua própria imaginação –; mas por não ser capaz de imaginar, o que se passa nos campos de concentração. Arendt define nesse sentido que “não há paralelos para comparar com algo a vida nos campos de concentração. O seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela

imaginação justamente por situar-se fora da vida e da morte” (ARENDT, 2012, p. 494). Assim, não há comparativo conhecido que possa alcançar o que é o horror do campo.

Como instituição, o campo de concentração não foi criado em nome da produtividade; a única função econômica permanente do campo é o financiamento dos seus próprios supervisores; assim, do ponto de vista econômico, os campos de concentração existem principalmente para si mesmos. Qualquer trabalho que neles tenha sido realizado poderia ter sido feito muito melhor e mais barato em condições diferentes. [...] Os Nazistas levaram essa inutilidade ao ponto da franca anti-utilidade quando, em meio à guerra e a despeito da escassez de material rolante e de construções, edificaram enormes e dispendiosas fábricas de extermínio e transportaram milhões de pessoas de um lado para o outro. Aos olhos de um mundo estritamente utilitário, a evidente contradição entre esses atos e a conveniência militar dava a todo o sistema a aparência de louca irrealidade. **Essa atmosfera de loucura e irrealidade, criada pela aparente ausência de propósitos, é a verdadeira cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração.** Vistos de fora, os campos e o que neles acontece só podem ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das finalidades deste mundo (ARENDT, 2012, p. 495 – 496, grifos nossos).

Nem os próprios prisioneiros dos campos conseguiram de forma articulada descrever o horror e a extensão do impacto que estar naquele ambiente proporcionava. Isso porque o prisioneiro do campo de concentração não ocupa um objetivo definido ou por tempo definido – a autora cita o caso da servidão – mas está em um ambiente que o coloca nem vivo e nem morto, sem identidade própria, sem sentimento de sociedade, sem participação política, sem intuito plausível.

Dessa forma, ao cunhar o conceito de superfluidade nos campos de concentração, Arendt busca apontar que o campo em si serve enquanto espaço de alienação de ambas as figuras centrais de sua existência: o prisioneiro e seu algoz. Convivendo repetidamente enquanto perpetrador desse destino que não caminha para lugar nenhum senão a morte – morte essa que também perde seu conceito de individualidade e sua representação de propósito, visto que ocorre por ocorrer, aos montes em linha de produção -, acredita estar executando um trabalho como outro qualquer.

O mundo dos agonizantes, no qual os homens aprendem que são supérfluos através de um modo de vida em que o castigo nada tem a ver com o crime, em que a exploração é praticada sem lucro, e em que o trabalho é realizado sem proveito, **é um lugar onde a insensatez é diariamente renovada** (ARENDT, 2012, p. 509, grifos nossos).

Assim, o ápice do totalitarismo é alcançado nos campos de concentração pois atinge a intenção final do Regime ao criar um sistema onde todos os homens se tornam supérfluos, não mais exercendo sua participação na vida política – ápice da liberdade para Arendt – ou questionando o sistema em nenhum sentido. Se tornam assim replicadores das concepções propagadas pela ideologia do movimento, sem sequer se questionar se concordam com elas ou não.

Em suma, mais do que transformar a sociedade e seus processos políticos, o totalitarismo deseja a transformação da natureza humana: se esta é fundamental para a criação do novo e necessária para a participação livre na construção da história dos homens, o totalitarismo será contrário a ela justamente por se entender exclusivo intérprete e executor do caminhar histórico, sendo que, nos campos de concentração, toda liberdade e potência criadora do homem se reduz à cega submissão (BACHEGA, 2012, p. 44 – 45).

Por fim, o totalitarismo é o espaço ápice para a disseminação do Mal Radical justamente pela criação das condições de superfluidade, da possibilidade de tornar todos os homens igualmente supérfluos por matar, no homem, sua pessoa moral, sua pessoa jurídica e destruir sua individualidade. Nesse espiral de Maldade, tira da vítima, aos olhos de seu carrasco, suas características humanas e retira do próprio carrasco a capacidade de pensar por si só, se tornando pura extensão do Regime.

Porque, no fundo, qual o significado do conceito de homicídio quando nos defrontamos com a produção de cadáveres em massa? Tentamos compreender psicologicamente a conduta dos presos dos campos de concentração e dos homens da SS quando o que é preciso compreender é que a psique humana pode ser destruída mesmo sem a destruição física do homem; que, na verdade, a psique, o caráter e a individualidade parecem, em certas circunstâncias, manifestar-se apenas pela rapidez ou lentidão com que se desintegram. Como resultado final surgem homens inanimados, que já não podem ser compreendidos psicologicamente, cujo retorno ao mundo psicologicamente humano (ou inteligivelmente humano) se assemelha à ressurreição de Lázaro. Diante disso, qualquer julgamento do bom senso serve apenas para justificar aqueles que acham “superficial” “deter-se em horrores”. Se é verdade que os campos de concentração são a instituição que caracteriza mais especificamente o governo totalitário, então deter-se nos horrores que eles representam é indispensável para compreender o totalitarismo. [...] A redução do homem a um feixe de reações separa-o tão Radicalmente de tudo o que há nele de personalidade e caráter quanto uma doença mental (ARENDT, 2012, p.579).

Temas recorrentes na propaganda antissemita e o espaço de vazão do Mal Radical

Tomamos como ponto de partida a análise já apresentada acima dos cartazes de propaganda Nazistas, de forma a darmos continuidade aos debates do produto dessa análise com a teoria de Mal Radical. Neste sentido, buscamos compreender em que medida essa propaganda presente nos cartazes articula-se com a questão da disseminação do Mal Radical, visualizando com mais precisão a constituição da sociedade alemã e sob ocupação através da ótica arendtiana.

Ao analisar os cartazes antissemitas Nazistas apresentados como fonte através da teoria panofskyana, foi possível identificar padrões de produção imagética no que concerne à representação dos judeus. Em primeiro lugar, em relação às formas de vestimenta, o uso massivo das características do judeu ortodoxo, como a barba longa, o cabelo encaracolado e o uso do quipá, bem como, em relação aos atributos físicos, a representação de uma imagem exagerada e generalista de traços como os olhos fundos e o nariz proeminente. Em relação aos assuntos abordados nos cartazes, se alinham nos tópicos que versam sobre apresentar uma face do judeu que a população até então supostamente desconhecia, independente se no campo pessoal, econômico ou político.

Dessa forma, o judeu foi colocado como usurpador – como no caso do primeiro cartaz-fonte, distribuído com o intuito de divulgar o filme *O Eterno Judeu*, produzido com aspiração de ser “um documentário sobre a judiaria”. Ao adentrar o gueto de Lodz, o documentário promete apresentar uma outra faceta do judeu, com hábitos que viviam escondidos da população e que os tornaria extremamente perigosos e odiosos. Assim, não espanta que o cartaz siga na mesma linha de raciocínio, representando os judeus como figuras generalizadamente diferentes, exageradas e desalinhas, seres degradantes em contraponto com o eugenismo que permeava os discursos e as aspirações Nazistas, e que ganhavam cada vez mais espaço na construção da imagem arianizada do homem e da mulher ideal. Nesse sentido, podemos observar e corroborar com as afirmações de Diwan (2015), entendendo que esse tipo de produção imagética na propaganda dissemina um judeu colocado em contraponto com a imagem ariana ideal, colocando esse judeu em um patamar onde a eugenia negativa – que Radicalizava os métodos de melhoramento da raça – não era somente aceita, mas admirada e estimulada. Isso só se torna possível quando a massa daquela sociedade se torna, tal qual Hannah Arendt propõe, incapaz de visualizar no judeu humanidade e, conseqüentemente, incapaz de se compadecer com o Mal perpetrado a ele.

Outro papel imbuído ao judeu na propaganda que identificamos enquanto padrão, se conecta com a questão da limpeza – ou, nesse caso, a falta dela – e sua assemelhação com

pragas. Ao produzirem os cartazes poloneses apresentados nas imagens 07 e 08, a narrativa Nazista busca a repulsa da população, que passaria a enxergar os judeus como animais, desumanizando sua figura a ponto de produzir nas massas um sentimento que só pudesse ser de asco, de forma que a morte de um judeu – ou seu sumiço – provocasse a mesma reação da morte de um rato ou um piolho.

Voltando nossa atenção para o caso dos cartazes sérvio e francês, além da reafirmação da figura do judeu caricaturado, existe também a intenção da criação da ideia de que absolutamente todos os judeus estariam inseridos em uma conspiração para dominação mundial, sendo perigosos, traidores sem escrúpulos e, portanto, dignos de serem caçados. Dessa forma, o judeu é representado enquanto não somente articulador da guerra, mas, em aspecto amplo, controlador das potências Aliadas e que objetivava dominar o mundo. Não obstante, ambos os cartazes colocam o judeu debruçado sobre o globo, e no cartaz francês, de forma ainda mais expressiva, o judeu o abraça em posição de desejo e conquista. Assim, o cartaz cumpre aqui dupla função: a de instaurar a ideia de uma conspiração plutocrato-judaico-bolchevista no amplo espectro de guerra, e a de colocar o judeu enquanto força principal e dominadora dessa conspiração.

Por fim, os cartazes polônês e italiano apresentados nas imagens 11 e 12, além de se alinharem com a questão do judeu enquanto traidor e inimigo, ainda o colocam não somente como conspiradores, mas diretamente enquanto dominadores e algozes. A existência de um chicote, em ambos os cartazes, evidencia essa posição. Uma posição que, importa reforçar, com a “Solução Final” Nazista a todo vapor, seria impossível os judeus assumirem.

Dessa forma, não é de nossa pretensão afirmar – e se o fizéssemos, o faríamos erroneamente – que a produção de propaganda e de cartazes nos territórios se limitou a esses assuntos, mas desde nosso levantamento junto aos cartazes disponíveis no site do USHMM, pudemos identificar que foram os mais recorrentes. Nesse sentido, após a análise de cada um dos cartazes selecionados e de seu contexto, podemos afirmar que retirar não somente os judeus do convívio social, mas também colocá-los sob o funcionamento da chamada “Solução Final” foi um intento que, na agenda Nazista, era cumprido através de mecanismos conscientes inseridos na propaganda para dessensibilizar as massas, produzidos sempre de forma única analisados os contextos de cada região.

Assim, a exemplo da questão italiana, como o judeu estava culturalmente absorvido na sociedade, caricaturá-lo grotescamente como feito na Polônia no cartaz da imagem 08 onde o

judeu foi associado ao tifo, surtiria pouquíssimo efeito. Então, em seus esforços para convencimento das massas, a propaganda foi pensada para abarcar cada região e cada contexto histórico e de inserção do judeu vivido em cada região.

Sabendo que isso não se deu de forma aleatória, e sabendo que existia um intento em comum na realização dessa propaganda e do sucesso da manipulação das massas para que o extermínio dos judeus ocorresse com o mínimo de intervenção social e com o máximo de cooperação das massas possível, encontramos indícios suficientes para modelar essas ações como um *modus operandi* da teoria arendtiana de Mal Radical, que se desenvolve ao pensar o sistema que torna os homens igualmente supérfluos, desprovidos de singularidade e pluralidade.

É dizer que a teoria de Arendt se comprova na medida em que ela aponta em seu trabalho que havia uma necessidade do Partido Nazista de retirar do judeu a possibilidade da condição de mártir, desumanizando sua figura a ponto de que a superfluidade dos campos de concentração os tornasse nada mais do que uma tarefa para aqueles designados a matá-los.

Indo além na análise de sua teoria, observamos que os mecanismos impostos na propaganda de forma consciente e avaliada caso a caso propicia um espaço de vazão ao Mal Radical quando coloca toda a sociedade sob uma visão manipulada dos judeus, de forma que a máquina Nazista pudesse funcionar sem questionamentos por parte da sociedade. Para Arendt, esse funcionamento livre de questionamento só é possível em espaços que experienciam o evento totalitário. Dentro desse sistema, o totalitarismo se apropria do controle total de todos os aspectos da vida do indivíduo e da sociedade.

A burocracia totalitária, conhecendo melhor o significado do poder absoluto, interfere com igual brutalidade com o indivíduo e com a sua vida interior. Como resultado dessa Radical eficiência, extinguiu-se a espontaneidade dos povos sob domínio totalitário juntamente com as atividades sociais e políticas, de sorte que a simples esterilidade política, que existia nas burocracias mais antigas, foi seguida de esterilidade total sob o Regime totalitário (ARENDT, 2012, p. 277)

No caso dos judeus, a cultura religiosa é transformada em relação de pátria em um processo de perseguição que não se inicia com o Regime Nazista, mas se intensifica com ele. Não entendidos enquanto pertencentes à pátria alemã, a situação dos judeus chega a proporções catastróficas justamente pela capacidade dos governos totalitários de controlarem as mentes e imaginários de sua sociedade, criando nos judeus a imagem do bode expiatório. Assim, Arendt buscou o cerne da questão judaica para os Nazistas, entendendo que esta não surgiu de forma

aleatória, mas encontrou espaço de dispersão em um Mal que, iniciado com seu líder, tinha motivos para fazê-lo. Entende que não se pode enxergar o antissemitismo Nazista apenas na figura de ódio de Hitler, apesar de seus discursos e seu livro terem sido o ponto de partida de alastre com ele. Portanto, avança que apesar de Hitler dar espaço para que esse Mal se propague, existe uma predisposição nos simpatizantes daquela sociedade para o Mal – tal qual proposto inicialmente por Kant.

Para Arendt, o sucesso do antissemitismo se dá através do terror, que pode ser administrado com largo alcance por intermédio da propaganda. Por fim, Arendt refuta ainda em sua teoria a ideia de que os judeus conferiam ameaça direta a sociedade alemã enquanto detentores de poder e importância, visto que, ao longo do século, a decadência dos judeus de posições de destaque se mostrava cada vez mais latente. Assim, para ela, esse fenômeno não poderia ser explicado enquanto culpabilidade total do judeu, mas apenas enquanto espaço de vazão do Mal no homem. Esse espaço de disseminação é estimulado, no sistema totalitário, através do terror, com seu mecanismo de propagação desse terror, sendo a propaganda.

Conhecer essas regras gerais é importante, para que seja possível refutar as insinuações do aparente bom senso, segundo as quais o ódio violento ou a súbita rebelião são necessariamente decorrentes do exercício de forte poder e de abusos cometidos pelos que constituem o alvo do ódio, e que, consequentemente, o ódio organizado contra os judeus só pode ter surgido como reação contra sua importância e o seu poderio. [...] A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha Nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus, isto é, contra pessoas cujas características comuns eram aleatórias e independentes da conduta individual específica. (ARENDR, 2012, p. 25)

Dessa forma, em relação aos cartazes, nos resta claro observar que o antissemitismo que vigorou de forma latente na Alemanha durante o período Nazista bem como demonstrado que se estendeu para os países ocupados por eles, não foi um fenômeno natural ocorrido por conta do Regime totalitário, mas um projeto executado de forma discriminada e consciente por parte das autoridades Nazistas. Neste sentido, podemos observar uma crescente Radicalização do Mal – tal qual proposto por Hannah Arendt – no imaginário daquelas sociedades, de forma a corroborar

com as atrocidades cometidas contra os judeus pelo Regime Nazista, executado de forma cuidadosa através da propaganda, sobretudo através dos cartazes, tão populares no período.

Sendo assim, visualizamos na análise desta propaganda de massas os mecanismos inseridos de forma consciente pelo Partido Nazista, para controlar e manipular as massas, gerando no imaginário daquela sociedade uma difusão do Mal Radicalizado.

Portanto, podemos apontar a comprovação de que, tal qual proposto por Arendt, não se trata de uma falta de moralidade, mas uma moralidade distorcida, ausente de realidade. Assumindo sem questionamentos os imperativos transmitidos através da propaganda, essa massa se vê desligada moralmente da comunidade judaica, não sendo mais capaz de nutrir, e tampouco demonstrar por ela nenhum traço de compaixão. Nesse sentido, observa Arendt, “o próximo passo decisivo do preparo de cadáveres vivos é matar a pessoa moral do homem. Isso se consegue, principalmente, tornando impossível, pela primeira vez na história, o surgimento da condição de mártir” (ARENDT, 2012, p. 599).

Rememorando Herf, não podemos deixar de lembrar dois elementos que corroboram com esta afirmação. Em primeiro momento, o zelo com que a propaganda ganhou destaque e atenção dentro do Regime Nazista. Não à toa a imprensa era controlada de forma ferrenha pelo governo. Cientes do poder e do alcance da propaganda, planejavam-na em consonância não somente com suas intenções, mas principalmente com o intuito de formar mentes obedientes e conformadas com a “versão distorcida da história que preferiram contar”. Em segundo lugar, não podemos esquecer que o alcance e o sucesso desta propaganda se davam, sobretudo, pelo fato de que a Alemanha bem como os países ocupados por ela, era países de pessoas movidas, em sua grande maioria, por bicicletas e transportes públicos. Assim sendo, além de serem capazes de inserir na propaganda mecanismos de repetição e convencimento, ante o exposto até aqui, se valiam da mobilidade urbana de forma maestral, transformando assim seu intento de deturpar a imagem dos judeus, e propiciar espaço para a vasão de um Mal Radical, em um sucesso.

Ainda em relação aos cartazes, nos resta claro observar que o antissemitismo que vigorou de forma latente nos países durante o período de ocupação alemã dos territórios não foi um fenômeno natural ocorrido por conta do Regime totalitário, mas um projeto executado de forma discriminada e consciente por parte das autoridades Nazistas. Neste sentido, podemos observar uma crescente Radicalização do Mal – tal qual proposto por Hannah Arendt – nos imaginários polonês, francês, italiano e sérvio, de forma a corroborar com as atrocidades cometidas contra os

judeus pelo Regime Nazista, executado de forma cuidadosa através da propaganda, sobretudo através dos cartazes, tão populares no período.

Os cartazes supramencionados, assim, nos casos francês e sérvio, corroboram o argumento de que o judeu estaria por trás dos governos das forças inimigas no contexto da guerra e, assim, seriam os agentes causadores diretos da deflagração do conflito, bem como seriam detentores de um projeto de dominação mundial. Nos cartazes poloneses, associam os judeus a pragas, bem como representam um judeu racialmente diferente na Alemanha e judeus em posição de algozes na Polônia e na Itália.

Quando estas ideias difundidas através dos cartazes atingiu o cerne da sociedade em cada um dos casos, produziu não uma falta de moralidade, mas uma moralidade distorcida, ausente de realidade e de compaixão pelo judeu desumanizado através da propaganda, propiciando assim que este homem Radicalizado fosse capaz de não somente não se compadecer do destino desses judeus, mas de efetivamente acreditar que este destino, seguindo as “leis moralmente distorcidas”, estaria correto.

Sobremaneira, ante o exposto até o presente momento, podemos concluir que ao caminhar desta pesquisa indícios suficientes foram encontrados para relacionarmos diretamente o surgimento de um Mal Radical no cerne da sociedade alemã e conseqüentemente dos países por ela ocupados durante a Segunda Guerra Mundial, aos mecanismos inseridos conscientemente no âmbito da propaganda Nazista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

And how many years can some people exist
Before they're allowed to be free?
Yes, and how many times can a man turn his head
And pretend that he just doesn't see?

Bob Dylan

Este trabalho procurou analisar uma amostra dos cartazes antissemitas publicados durante a Segunda Guerra Mundial pelo partido Nazista na Alemanha e em países ocupados por ela. Ainda, observamos o produto da análise destes cartazes à luz da teoria arendtiana de Mal Radical, certos de que os cartazes formam parte extremamente importante de um mecanismo inserido conscientemente na propaganda a fim de desumanizar a figura do judeu, tornando o que Arendt denomina como “superfluidade” dos campos de concentração – a saber, o ato de o soldado ser capaz de não enxergar absolutamente nada ao perpetrar a morte do judeu, além de uma ordem – possível.

Dadas as discussões pormenorizadas de cada cartaz de forma iconológica, inseridos em seu contexto e observados os seus intentos, é possível perceber que a propaganda Nazista procurou cobrir, através de cartazes, todo o escopo da vida cotidiana do judeu, deturpando sua imagem em cada um dos aspectos relevantes do dia a dia da comunidade. Assim, no imaginário social alemão e dos países ocupados durante o curso da Segunda Guerra Mundial, formou-se a imagem do judeu perverso, Mal-educado, Mal-intencionado e em conluio com o inimigo. No âmbito pessoal, eram imundos e transmissores de doenças, podendo ser assemelhados a pragas. Nos negócios, os judeus tiveram sua imagem arrasada: eram sujos, desonestos, e vendiam produtos de má qualidade. Na vida coletiva, eram detentores de riquezas, aliados aos inimigos e, por esses motivos, deixavam a população na miséria. Para corroborar essa ideia, cores vibrantes e contrastantes eram utilizadas para chamar a atenção do expectador de forma mais contundente. O preto, ligado à morte, o vermelho, ligado ao sangue e ao comunismo, o verde, ligado à doença faziam presença constantes nos cartazes antissemitas.

É notório que o extermínio judeu não se deu de forma aleatória, mas foi um plano minuciosamente arquitetado, ao qual chamamos Solução Final. Para Hitler, a Alemanha tinha a obrigação moral de livrar seu espaço vital da deturpação e do atraso que os judeus

representavam. Assim, não somente necessitavam que os judeus estivessem longe dos comércios, reunidos em guetos ou sendo mortos nas câmaras de gás dos campos de concentração, mas necessitavam da validação e da inércia de sua população frente a esse Mal. Sabemos que não é possível mensurar quantos alemães, poloneses, sérvios, franceses e italianos – citando apenas os territórios que abarcamos nas análises dos cartazes – denunciaram seu vizinho, o comerciante da esquina ou um desconhecido que passava todos os dias pelo mesmo local, somente por serem judeus, mas podemos afirmar com bastante precisão que essas decisões foram diretamente influenciadas pela propaganda, sobretudo a realizada através de cartazes, presentes quase que inconscientemente ao seu receptor no dia-a-dia da vida cotidiana, apesar de produzidas com bastante consciência por seu emissor.

Se pensarmos no contexto de guerra, onde mães abrem mãos de seus filhos, pais deixam suas famílias para lutar pelo bem da nação, os sentimentos ligados à figura do inimigo se tornam ainda mais sensíveis e palpáveis. Ganha sentido com muito pouco esforço a repetição incansável de que a culpa da guerra nada tem a ver com a sede expansionista de Hitler e do alto escalão do Partido Nazista, ou ainda com sua resignação com a derrota na Primeira Guerra Mundial, mas com um espaço vital ariano que está sendo negado ao povo pela gana judaica. Como uma praga, os judeus – na narrativa Nazista –, se apropriaram daquilo que era dos arianos por direito. Nessa narrativa repetida, repetida e repetida em rádios, cinemas, discursos e cartazes, forma-se a ideia de legalidade da ação e perde-se a razoabilidade do certo e do errado. As linhas se tornam tênues, e o Mal justificado por um Mal maior sofrido. Para Arendt

A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível e farejar intenções secretas atrás de cada ato político público. Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimizade é substituído pelo conceito de conspiração, e isso produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se compreende a realidade em seus próprios termos — a verdadeira inimizade ou a verdadeira amizade — mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa (ARENDT, 2012, p. 523).

Analisando sob a ótica arendtiana do Mal Radical, esse panorama se aproveita do que a autora determina como tornar impossível o surgimento da condição de mártir, corrompendo a

solidariedade humana (ARENDT, 2012). Para ela, o perpetrador da morte durante o Regime Nazista encontrava uma significância social no ato. Aponta:

Os campos de concentração, tornando anônima a própria morte e tornando impossível saber se um prisioneiro está vivo ou morto, roubaram da morte o significado de desfecho de uma vida realizada. Em certo sentido, roubaram a própria morte do indivíduo, provando que, doravante, nada — nem a morte — lhe pertencia e que ele não pertencia a ninguém. A morte apenas selava o fato de que ele jamais havia existido. A consciência do homem, que lhe diz que é melhor morrer como vítima do que viver como burocrata do homicídio, poderia ainda ter-se oposto a esse ataque contra a pessoa moral. **O mais terrível triunfo do terror totalitário foi evitar que a pessoa moral pudesse refugiar-se no individualismo, e tornar as decisões da consciência questionáveis e equívocas.** Ante a alternativa de trair e assim matar os seus amigos, de mandar para a morte a esposa e os filhos, pelos quais é em todos os sentidos responsável, quando até mesmo o suicídio significaria a matança imediata da sua família — como deve um homem decidir? A alternativa já não é entre o bem e o Mal, mas entre matar e matar (ARENDT, 2012, p. 503, grifos nossos).

Dessa forma, Arendt aponta com profunda lucidez a premissa básica a qual a produção propagandística Nazista buscou seu intento: o judeu desumanizado, desprovido de características particulares, mas antes apenas uma massa amorfa, imunda, perversa e má, que não pode ser passível de compaixão pois se quer pode ser visto de forma humanizada.

Assim, podemos afirmar com bastante clareza após a análise dos cartazes aqui realizada e os debates com a teoria de Mal Radical proposta por Hannah Arendt em seu livro *Origens do Totalitarismo* (2012), que os cartazes fizeram parte do mecanismo adotado conscientemente pelo Partido Nazista a fim de massificar o imaginário social da população alemã e dos países sob ocupação durante a guerra, tornando essas sociedades ambientes propícios como espaço de vazão do Mal Radical. Assim, a guerra se torna o momento de ouro do cartaz, seu ápice de produção, de visualização e de cumprimento de um intento: o de auxiliar no extermínio de milhões de judeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARGAN, Giulio Carlo. A História da Arte. In: **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 51.
- BACHEGA, Leandro. **A Alienação Do Homem Sob O Governo Totalitário Nazista Em Hannah Arendt**. 2012. 61 fl. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de São Bento, São Paulo, 2012.
- BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales: Memorias y Esperanzas Colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.
- BARNICOAT, John. **Los Carteles – Su Historia y Lenguaje**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1976.
- BERNSTEIN, Richard J. **Radical Evil: a philosophical interrogation**. Cambridge: Polity Press, 2002.
- BORTOLUCCE, Vanessa Beatriz. **A Arte dos Regimes Totalitários do Século XX: Rússia E Alemanha**. São Paulo: Annablume, 2008.
- BREPOHL, Marion (org.). **Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois**. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- BURLEIGH, Michael. **The Third Reich: A New History**. New York: Hill and Wang, 2001.
- CONFINO, Alon. **Um Mundo sem Judeus: Da Perseguição ao Genocídio, a Visão do Imaginário Nazista**. São Paulo: Cultrix, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1998.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Editora Contexto, 2015
- DUARTE, André. **O Pensamento à Sombra da Ruptura: Política e Filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães: A Luta Pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012a.

- EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012b.
- FERREIRA, Yasmin Pires et al. **Persuasão, Poder e Imagem**: a Perpetuação da Linguagem de Propaganda Nazista. In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo/Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.
- FINK, Andrew H. **The importance of conspiracy theory in extremist ideology and propaganda**. 2020. 478 Fls. Tese (Doutorado em História) – Leiden University, Leiden, 2020.
- FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**: Consentimento e Coerção na Alemanha Nazista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- GELLATELY, Robert. **Hitler's True Believers**: How Ordinary People Became Nazis. New York, Oxford University Press, 2020.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: Quatro Ensaio de Iconografia Política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e Experiência do Tempo. São Paulo: Autêntica, 2013.
- HASTINGS, Max. **Inferno**: O Mundo em Guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- HERF, Jeffrey. **Inimigo Judeu**: Propaganda Nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. São Paulo: Edipro, 2014.
- HILBERG, Raul. **A Destruição dos Judeus Europeus**. Barueri: Amarilys, 2016. Volume 1.
- HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: O Breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- INGRAO, Christian. **Crer e destruir**: os Intelectuais na Máquina de Guerra da SS Nazista. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- JOWETT, Garth S. O'DONNELL, Victoria J. **Propaganda and Persuasion**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2015.
- KEEGAN, John. **The Second World War**. London: Penguin Books, 2005.
- KITCHEN, Martin. **Um Mundo em Chamas**: Uma Breve História da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia 1939-1945. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- KALLIS, Aristotle A. **Nazi Propaganda and the Second World War**. London: Palgrave Macmillan, 2008.

- KANT, Immanuel. **A Religião nos Limites da Simples Razão**. São Paulo: Edições 70, 2008.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KERSHAW, Ian. **De Volta do Inferno: Europa, 1914-1949**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MACIEL, Jane Cleide de Sousa. **Atlas mnemosyne e saber visual**: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes. Revista Ícone, Recife, Vol. 16, N. 2, p. 191–209, 2018.
- MERCOSUL. **Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos**. Princípios Fundamentais para as Políticas Públicas sobre Lugares de Memória. Sarmiento, 2012.
- MILMAN, Luis. **Holocausto Verdade e Preconceito**. Revista Espaço Acadêmico. n. 43, 2004.
- MOLES, Abraham A. **O cartaz**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- POLIAKOV, Leon. **Mito Ariano**. Londres: Sussex University Press, 1971.
- REES, Laurence. **O Holocausto: Uma Nova História**. São Paulo: Editora Vestígio, 2018.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia das Massas do Fascismo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1972.
- RHODES, Anthony. **Propaganda: The Art of Persuasion in World War II**. Osceola: Motorbooks Intl, 1994.
- ROTH, Cecil. **The History Of The Jews Of Italy**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1946.
- SALES, Enrique Luz Garuti. **O Eterno Judeu: Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945)**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SCHILLING, Voltaire. **Holocausto: Das Origens do Povo Judeu Ao Genocídio Nazista**. Porto Alegre: AGE, 2016.
- SHIRER, William L. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- SILVA, Adriano Correia. **Hannah Arendt e a Modernidade: Política, Economia e a Disputa por uma Fronteira**. São Paulo: Forense Universitária, 2014.
- STANGNETH, Bettina. **Eichmann before Jerusalem: the unexamined life of a mass murderer**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2014.

SUBOTIC, Jelena. **Yellow Star, Red Star:** Holocaust Remembrance after communism. Cornell University Press: Ithaca, 2019.

TCHAKHOTINE, Serge. **A Mistificação das Massas pela Propaganda Política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TOMASEVICH, Jozo. **War and Revolution in Yugoslavia 1941-1945:** Occupation and collaboration. California: Stanford University Press, 2002.

WELCH, David. **The Third Reich:** Politics and Propaganda. Abingdon: Routledge, 2002.